

NOTICIÁRIO

TORTUGA

EDIÇÃO 456 ANO 53 MAR/ABR 2008

A SECA VEM AÍ

COMO SE PREVENIR E MANTER
A PRODUTIVIDADE NESTA ÉPOCA DO ANO



Expogrande,
70 anos
de histórias em
Campo Grande



Expolondrina,
o Paraná
vibra com
sua grande
exposição



Vêm aí
Expozebu,
Agrishow e
muito mais

EDITORIAL

Pontos de encontro obrigatórios dos produtores

As exposições agropecuárias fazem parte da história do setor rural brasileiro. Aliás, a rigor, acompanham o próprio desenvolvimento do agronegócio, como pontos de encontros importantes para troca de idéias, discussão dos grandes temas, negócios e apresentação de animais de genética superior.

A julgar pelo resultado dos primeiros eventos de 2008, o ano será extremamente positivo para o segmento primário. O Show Rural (Cascavel, PR), a Expodireto (Não-Me-Toque, RS) e a Feinco (São Paulo, SP), realizados no primeiro trimestre, bateram recordes de público e de movimentação financeira.

Na seqüência, vêm outras exposições tradicionalíssimas e muito importantes para a produção animal, como a Expogrande (Campo Grande, MS), a Expolondrina (Londrina, PR) e a Expozebu (Uberaba, MG). A Expogrande chega à 70ª edição, com muito brilho e relevância, a exposição de Londrina aproxima-se da 50ª edição, representando a força do campo no Paraná, e a Expozebu é simplesmente a maior exposição da pecuária zebuína no mundo.

Não podemos deixar de citar a Agrishow, a maior exposição de agronegócios da América Latina, que deve bater recordes de negócios e de público, mais uma vez.

A Tortuga participa de todas as exposições citadas. Assumimos nosso compromisso com os produtores rurais e estamos presentes nos mais importantes eventos agropecuários do Brasil, levando nossas tecnologias e colocando nossa equipe técnica à disposição dos criadores.

Nesta edição do Noticiário Tortuga, abrimos espaço para estes eventos fundamentais para o contínuo fortalecimento do agronegócio brasileiro. Mas tratamos também de vários outros temas, como a chegada do período de pré-seca e seca, que exigem ajustes do produtor no dia-a-dia da pecuária. Este, aliás, é o nosso tema de capa. A Tortuga demonstra mais uma vez sua parceria com os produtores, levando-lhes não apenas soluções em produtos e serviços, mas também boa informação. Eis o primeiro objetivo deste Noticiário.

Boa leitura,

MAX FABIANI
Presidente da Tortuga

CARTAS & E-MAILS

RECONHECIMENTO

Sou consumidor do sal mineral Tortuga há muitos anos nas minhas fazendas Canhoerinha (GO), Santa Júlia (MS), NSAporecida (MS) e Estância Palmares (SP). Por isso, posso afirmar que o representante Carlos Eduardo de Jales é atencioso e eficiente. Justíssima a homenagem que lhe foi feita com a publicação de reportagem no Noticiário Tortuga. Parabéns pelo reconhecimento e aplaudo o Carlos Eduardo pela sua excelência profissional.

JOSÉ PONTES JR.,
Agropecuário



FOTO DIVULGAÇÃO

ESPECIAL EQUÍDEOS

O Museu do Tropeiro faz cinco anos e com grande festa. Os Meninos Trovadores declamam poemas voltados à vida rural. Ao receber a revista Tortuga, não pensei duas vezes. Fiquei encantada com o poema na Edição Especial Equídeos (O homem que ouve cavalos). Na porta do Museu do Tropeiro, este poema, escrito pelo coordenador geral do Noticiário Tortuga, Paulo Macedo, foi declamado pelos Meninos Trovadores nas comemorações de aniversário no dia 5 de abril.

ELENI CÁSSIA VIEIRA
Diretora do Museu do Tropeiro

ESPECIAL OVINOS E CAPRINOS

Recebi o exemplar do Noticiário Tortuga e fiquei muito feliz e em ver o destaque dado à ovinocaprinocultura, da chamada da capa ao conteúdo das matérias, informações, entrevistas etc. Agradeço a edição especial dedicada à ovinocaprinocultura e parabéns a Tortuga pela iniciativa.

ARNALDO DOS SANTOS
Presidente da Associação Paulista de Criadores de Ovinos (Aspaco) e Presidente da Câmara Setorial de Ovinos e Caprinos de São Paulo

NOTA DA REDAÇÃO:

A Tortuga divulgou na Feinco, com exclusividade, publicação especial dedicada à ovinocultura e à caprinocultura.

CORREÇÃO

O telefone correto da Associação Brasileira das Indústrias de Suplementos Minerais (Asbram) é (11) 3541-1212.

MERCADO

	Março 2007	Março 2008
Boi Gordo (@)	R\$ 55,00	R\$ 75,00
Suíno (@)	R\$ 32,00	R\$ 51,00
Frango Vivo (kg)	R\$ 1,55	R\$ 1,25
Ovos Bco Ext. (30 dz)	R\$ 47,00	R\$ 47,00
Leite B (litro)	R\$ 0,61	R\$ 0,78
Leite C (litro)	R\$ 0,46	R\$ 0,71
Milho (saca)	R\$ 16,50	R\$ 20,00
Soja (saca)	R\$ 29,00	R\$ 39,00

fonte: Canal Tortuga

Preços ao produtor Base São Paulo

1US\$ = R\$ 1,72



EDIÇÃO 456
MAR/ABR 2008

Boi Gordo (dólares por arroba)

	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
JAN	23,03	24,11	20,13	23,28	20,98	18,94	16,28	21,01	21,93	22,02	25,07	42,65
FEV	23,84	23,95	16,95	22,53	20,00	19,17	16,15	19,74	22,77	23,72	26,06	42,68
MAR	24,60	24,25	17,15	22,10	19,15	18,75	16,53	20,30	21,85	23,83	27,49	44,18
ABR	24,52	24,10	18,59	21,62	19,40	18,53	18,11	20,65	22,09	23,94	27,48	
MAI	24,41	23,08	18,12	20,48	17,85	16,93	18,20	19,71	22,84	22,58	29,23	
JUN	24,20	23,38	17,28	21,56	17,47	15,84	18,72	19,81	22,82	21,33	30,07	
JUL	24,99	23,68	18,60	21,96	17,00	14,63	19,44	20,10	22,78	24,60	32,11	
AGO	24,37	23,90	17,53	23,21	17,43	16,07	19,65	21,17	22,45	26,92	30,11	
SET	24,23	25,40	18,70	21,20	16,09	15,26	20,52	20,76	22,72	28,55	35,07	
OUT	25,45	23,56	20,31	23,16	17,51	14,71	20,96	21,00	25,27	26,85	34,07	
NOV	24,38	24,30	21,76	21,56	18,08	16,49	20,94	22,66	25,79	24,83	37,72	
DEZ	25,13	23,64	22,59	20,88	19,04	16,25	22,05	22,05	22,80	24,66	43,19	

NESTA EDIÇÃO

- 04 SECA: OS MESES MAIS EXIGENTES DO ANO ESTÃO CHEGANDO
- 07 LAUCÍDIO COLHIO NETO, PRESIDENTE DA ACRISUL
- 09 EXPOGRANDE, EXPOFONDRINA, FEINCO, EXPOZEBU, AGRISHOW
- 21 AS MULHERES QUE AMAM E VIVEM DO LEITE NO RS
- 32 AS VANTAGENS DO CONFINAMENTO, PRÁTICA QUE ESTÁ EM ALTA
- 34 KROMIUM, 18 MESES APENAS E MUITAS HISTÓRIAS DE SUCESSO
- 49 HISTÓRIA

Nesta edição do Noticiário Tortuga, reproduzimos artigo publicado em 1973 pelo fundador da Tortuga, dr. Fabiano Fabiano, sobre um assunto particularmente importante neste período do ano: a seca

- 02 Editorial, Cartas & E-mails
- 04 Matéria de Capa
- 07 Entrevista
- 09 Panorama
- 17 Foco
- 18 Qualidade
- 28 Inovação
- 38 Tecnologia
- 49 História



www.noticiariotortuga.com.br

NOTICIÁRIO TORTUGA

Noticiário Tortuga é o veículo de comunicação oficial da Tortuga Cia. Zootécnica Agrária, publicado desde 1954.

COORDENAÇÃO TÉCNICA
Paulo Cezar de Macedo Martins (CRMV-MG 1431)
PRODUÇÃO EDITORIAL
Texto Assessoria de Comunicações
JORNALISTA RESPONSÁVEL
Altair Albuquerque (MTb 17.291)
REDACÇÃO
Felipe Fonseca e Fabrício Trevisan
FOTOS
Texto Assessoria de Comunicações,
Arquivo Tortuga
PROJETO GRÁFICO
IDEZ identidade, design, estratégia
TIRAGEM 100 MIL EXEMPLARES

Fale com a Redação:
E-MAIL: IMPRESA@TEXTOAASSESSORIA.COM.BR
TELEFONE: (11) 2198-1888

Tortuga Cia. Zootécnica Agrária
Av. Brig. Faria Lima, 2.066 - 13º andar | São Paulo - SP
CEP 01452-905 | Tel.: (11) 2117-7700 | Fax: (11) 3816-6122
E-mail: noticiario@TORTUGA.com.br | SAC 0800 011 6262

MATÉRIA DE CAPA

O verde enganoso das pastagens

“AH, DAVA PENA DE VER, MUNDO A DENTRO, TANTA VASTA DE SUSTENTO VAZIO, E O CAPIM VERDE TÃO ENGANOSO; AS RESES ROENDO AS CAVEIRAS DE OUTRAS, MUITAS MORRENDO ENGASGADAS:...”

GUIMARÃES ROSA.

Nesse trecho do livro *Corpo de Baile*, Guimarães Rosa descreve uma situação que acontece na maior parte do Brasil na época da pré-seca. Temos quantidade de capim, ele está verde, mas já perdeu o seu valor nutricional. É o verde enganoso. A qualidade já caiu e começa a refletir no desempenho do rebanho.

Essa fase não tem data marcada para começar. É a transição do período de chuvas para o período de seca. O capim

atinge a maturação e os nutrientes da planta são deslocados das folhas para as sementes. E assim sua qualidade diminui, tanto no seu valor nutricional e queda de proteínas, minerais, quanto em digestibilidade.

Neste momento, se dá destaque ao teor de proteínas, já que sua queda acentuada nas pastagens influencia negativamente a flora do rúmen dos animais e, apesar de a pastagem se apresentar verde, ocorre

diminuição do ganho de peso e entra em cena o chamado ‘boi sanfona’, que ganha peso nas águas e perde na seca.

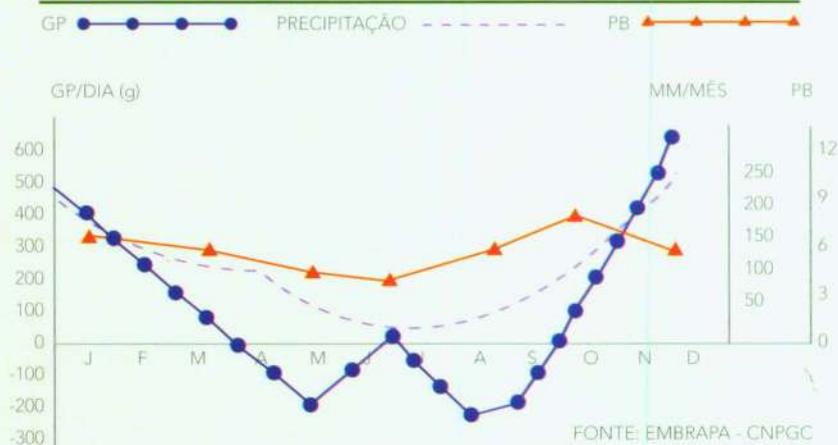
“A carência de proteínas nos bovinos pode provocar menor desempenho produtivo, afetando ganho de peso, produção de leite e fertilidade, além de provocar retardo no crescimento e pior conversão alimentar” (Minson, 1990).

A linha vermelha do gráfico mostra a queda da proteína nas pastagens a partir de outubro, chegando a menos de 6% a partir de março, nível mínimo que garante a eficiência do rúmen. Por esse motivo, é que se torna essencial suplementá-la a partir dessa data.

O uso de suplementos minerais proteicos já está difundido na pecuária, devido aos seus comprovados resultados e excelente custo-benefício, que podem ser potencializados quando a utilização é iniciada no momento correto.

Como é difícil encontrar o momento exato dessa transição, o mais indicado é começar a utilizar o suplemento mineral com uréia ou suplemento mineral proteico que será utilizado na seca, misturado ao suplemento mineral utilizado no período das águas, no momento em que o pasto começa a ficar maduro, o que

INFLUÊNCIA DA PRECIPITAÇÃO SOBRE A % PB E O GANHO DE PESO DE BOVINOS





ocorre a partir de março/abril na maioria do Brasil. Outra alternativa é a utilização de produtos prontos para uso com menor teor de proteínas, como Fosbovi Protéico 35, por exemplo.

Esse manejo é essencial para a flora do rúmen, pois começa a adaptá-la ao nitrogênio não protéico (NNP) vindo da uréia e impede oscilações bruscas ocasionadas pela deficiência protéica na pastagem. Manter a flora estável é de extrema importância, já que ela é responsável pela digestão de 75% dos carboidratos por meio da fermentação e contribui muito para suprir os requisitos de proteína do animal. Assim, sem suplementação sua população diminui, reduzindo sensivelmente o consumo e a digestibilidade da forragem. Por outro lado, a suplementação de proteínas e minerais na dieta dos animais na época seca possibilita o aumento da digestibilidade dos pastos e conseqüentemente da ingestão de matéria seca, ou seja, maior consumo de capim.

O trabalho de Lusby mostra incremento de 27% no consumo de forragem com a utilização da suplementação protéica. Isso pode significar a diferença entre o sucesso e o fracasso na atividade pecuária. A adoção de estratégias de fornecimento de forragem e o suplemento correto, na hora certa, são essenciais para vencer a seca, que é o grande gargalo da pecuária de corte brasileira.

A seca não é um problema atual. Guimarães Rosa publicou Corpo de Baile em 1956, mostrando suas mazelas e prejuízos. Naquela época não existia tecnologia para combatê-la, mas hoje existem várias. A Tortuga tem inúmeras alternativas e nossa pecuária não pode abrir mão de usá-las.

JULIANO SABELLA
Zootecnista (CRMV-SP 01862/Z)
Coordenador de negócios de gado de corte e confinamento da Tortuga

A PRÉ-SECA NÃO TEM DATA PARA COMEÇAR. É A TRANSIÇÃO DO PERÍODO DE CHUVAS PARA O PERÍODO DE SECA, QUANDO O CAPIM ATINGE A MATURAÇÃO E OS NUTRIENTES DA PLANTA SÃO DESLOCADOS DAS FOLHAS PARA AS SEMENTES

EFEITO DA SUPLEMENTAÇÃO PROTÉICA SOBRE O CONSUMO DE FORRAGEM

PARÂMETRO	SEM SUPLEMENTO PROTÉICO	COM SUPLEMENTO PROTÉICO	MODIFICAÇÃO (%)
CONSUMO DE FENO (% DO PESO VIVO)	1,7	2,2	+27

ADAPTADO DE KEITH LUSBY – UNIVERSIDADE DE OKLAHOMA (EUA), 2000

Rio Grande do Sul: necessidades específicas nessa época

Outono, no Rio Grande do Sul, é o período em que os pastos chegam ao final do ciclo vegetativo. Os pecuaristas precisam suplementar o gado para que ele se mantenha saudável nos próximos meses.

O pecuarista gaúcho convive com características climáticas e de vegetação muito específicas, que diferem do restante do País. Em algumas áreas, por exemplo, como o litoral do Estado e a região de Pelotas, há maior nível de salinidade na água devido à proximidade do mar.

“No Rio Grande do Sul, o ano do produtor não pode ser dividido em períodos de seca e águas e sim em quatro estações bastante definidas. No inverno, quando quase todo o País passa por um período de seca, no Sul é comum termos chuva”, explica Luiz Francisco Biacchi Filho, gerente de vendas da Tortuga na região da Fronteira. “Já neste período do ano (outono), as pastagens nativas entram em processo de amadurecimento, com mudanças de teores de nutrientes, como fósforo e proteínas. Isso significa que este é o momento de investir em suplementos minerais que ajudem os animais a continuar ganhando peso e a se manter saudáveis nos próximos meses”, reforça Biacchi.

Essa também é a época do ano em que as propriedades com tecnologia de ponta, que utilizam pastagens cultivadas e, conseqüentemente, consomem menos minerais, necessitam de suplementos minerais que funcionem como potencializadores do ganho de peso dos animais.

Tortuga lança Fosbovi Pampero – Atenta às necessidades dos pecuaristas gaúchos e valorizando a atividade, a Tortuga está lançando Fosbovi Pampero, suplemento mineral para bovinocultura elaborado especialmente para o Rio Grande do Sul.

O novo produto da Tortuga foi testado em três propriedades gaúchas que não utilizavam suplementação mineral anteriormente: uma em Santa Vitória do Palmar, próxima à divisa com o Uruguai, e duas em Jaguarão, a 140 km de Pelotas. Nos experimentos, foram usados entre 50 e 100 g de Fosbovi Pampero por cabeça/dia. Os resultados foram excelentes, incluindo melhoria na pelagem, ganho de peso e melhoramento no acabamento de gordura, entre outros benefícios.

“O produto proporcionou eficiência produtiva dos animais, aumentando de 12% a 15% o ganho econômico das propriedades. Utilizando boas técnicas de manejo e outras ferramentas, esse retorno pode até dobrar”, comenta Luiz Biacchi. Fosbovi Pampero é apresentado em sacos de 30 kg e já está disponível para comercialização.

NO OUTUNO, PASTAGENS GAÚCHAS PERDEM NUTRIENTES E GADO PRECISA DE SUPLEMENTAÇÃO MINERAL



ENTREVISTA

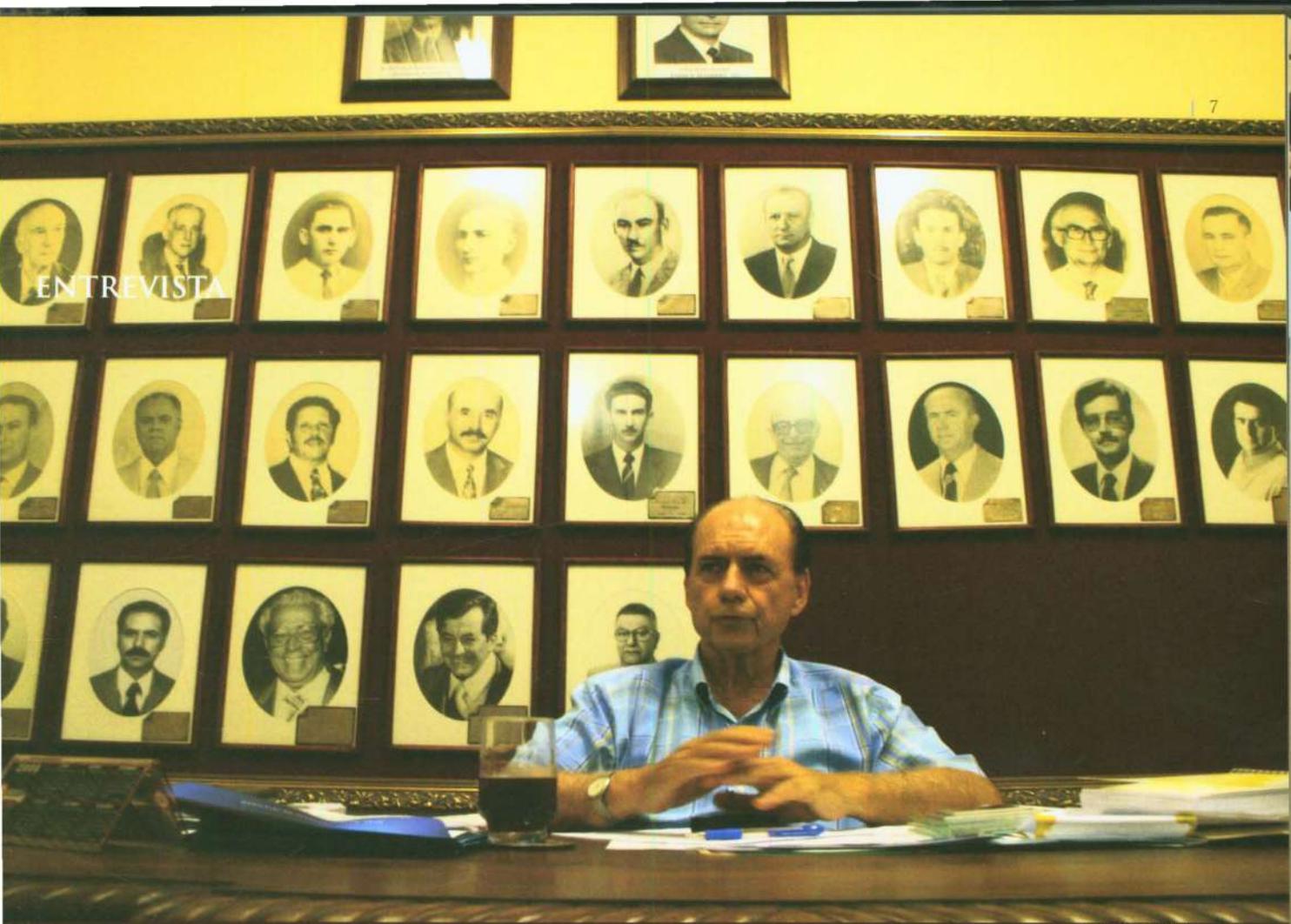


FOTO: DIVULGAÇÃO ACRISSUL

A força da pecuária simples

Com a palavra, Laucídio Coelho Neto, presidente da Associação dos Criadores do Mato Grosso do Sul.

“A pecuária é uma atividade difícil porque ela é uma atividade simples. Nós é que a complicamos”. Essa frase dita pelo avô de Laucídio Coelho Neto fica mais verdadeira a cada edição da Expogrande, que neste ano chegou à 70ª edição, em Campo Grande (MS). Às vésperas do início do evento, o presidente da Associação dos Criadores do Mato Grosso do Sul (Acrissul) recebeu a equipe do Noticiário Tortuga para falar de assuntos que envolvem essa edição histórica da exposição. Laucídio, que é engenheiro agrônomo formado pela Escola Nacional de Agronomia, trava uma luta contra problemas culturais da sociedade, especialmente para convencer sobre a importância das entidades de classe para a pecuária brasileira. Animado pelo bom

resultado do 1º leilão realizado na região de Eldorado (MS) após os casos de febre aftosa de 2005, ele concedeu a seguinte entrevista exclusiva.

Noticiário Tortuga – A Expogrande completou 70 edições neste ano. O que ela representa para a agropecuária do Mato Grosso do Sul?

Laucídio Coelho Neto – Não tem como falar da Expogrande sem falar da Acrissul. Somos uma entidade de 77 anos (foi criada em janeiro de 1931) que nasceu em uma época de dificuldade para comercializar os produtos da pecuária. A Acrissul foi criada, assim, com o primeiro objetivo de promover comercialmente o setor. Quando essa meta foi atingida, percebeu-se a necessi-

dade de melhorar os serviços. Por isso, foi criada a Expogrande. Hoje, eu tenho muito orgulho da qualidade do rebanho sul-mato-grossense. Essa qualidade é resultado, em grande parte, das melhorias genéticas que a Expogrande trouxe para a pecuária local. Inclusive, foi da Acrissul que surgiu o primeiro leilão do Estado, em 1975.

Noticiário Tortuga – A pecuária e o agronegócio em geral têm uma importância que ultrapassa a porteira da fazenda. O senhor acredita que uma exposição como a Expogrande ajuda a divulgar essa força do campo para a sociedade?

Laucídio – Eu acredito que, com o passar do tempo, a Acrissul e a Expogrande, que tinham como objetivo a promoção

genética e comercial dos animais, passaram a promover a integração do homem rural com o homem urbano. O Brasil está se transformando em um país essencialmente urbano e essa integração hoje tem peso maior na exposição.

Noticiário Tortuga – Qual a vantagem para o criador em se tornar sócio de uma entidade de classe, como é o caso da Acrissul?

Laucídio – A Acrissul tem realizado trabalho de representatividade, sempre defendendo os interesses do criador. Tem um caso antigo que ilustra bem essa importância: a primeira empresa do Mato Grosso do Sul nasceu dentro da Acrissul. Os criadores tinham de enviar o gado para ser abatido em São Paulo e, assim, percebeu-se a necessidade de termos um frigorífico no Estado. Isso foi o ponto de partida para desenvolvermos a engorda de gado.

Noticiário Tortuga – Como está a qualidade do rebanho do Mato Grosso do Sul?

Laucídio – Eu posso assegurar que o Estado tem o melhor rebanho do Brasil. Eu defino melhor rebanho como o gado bom de peso, com bom acabamento de carcaça e tempo de abate de 30 meses e peso médio de 18 arrobas.

Noticiário Tortuga – É possível dizer que o Estado já está recuperado dos casos de aftosa de 2005?

Laucídio – A aftosa tem sido uma pedra no nosso sapato. Hoje, temos índice de vacinação que chega aos 98% do rebanho. Chegar aos 100%, embora seja a meta, é um caminho difícil, especialmente para um Estado que tem divisas com o Paraguai e a Bolívia, que só recentemente desenvolveram programa de sanidade.

Noticiário Tortuga – Como o senhor analisa o embargo da União Européia vivido recentemente pelo País?

Laucídio – Infelizmente, chegamos a um ponto de difícil solução comercial. Tudo isso graças ao sistema de rastreabilidade criado por nós mesmos, que é detalhado demais, impossível de ser colocado em prática. Nós fomos os criadores deste sistema e não conseguimos cumprir tudo aquilo que colocamos no papel.

Noticiário Tortuga – O que poderia ser feito para ficarmos menos dependentes da União Européia?

Laucídio – A pecuária brasileira atingiu um nível de produção em que todos os mercados são importantes. Temos de nos organizar para atender a todos esses nichos. Sem exceção. A rastreabilidade precisa ser repensada e reformulada com regras que sejam viáveis no dia-a-dia da propriedade.

Noticiário Tortuga – Os preços do boi gordo estão mais consistentes.

O que o criador brasileiro pode esperar para 2008?

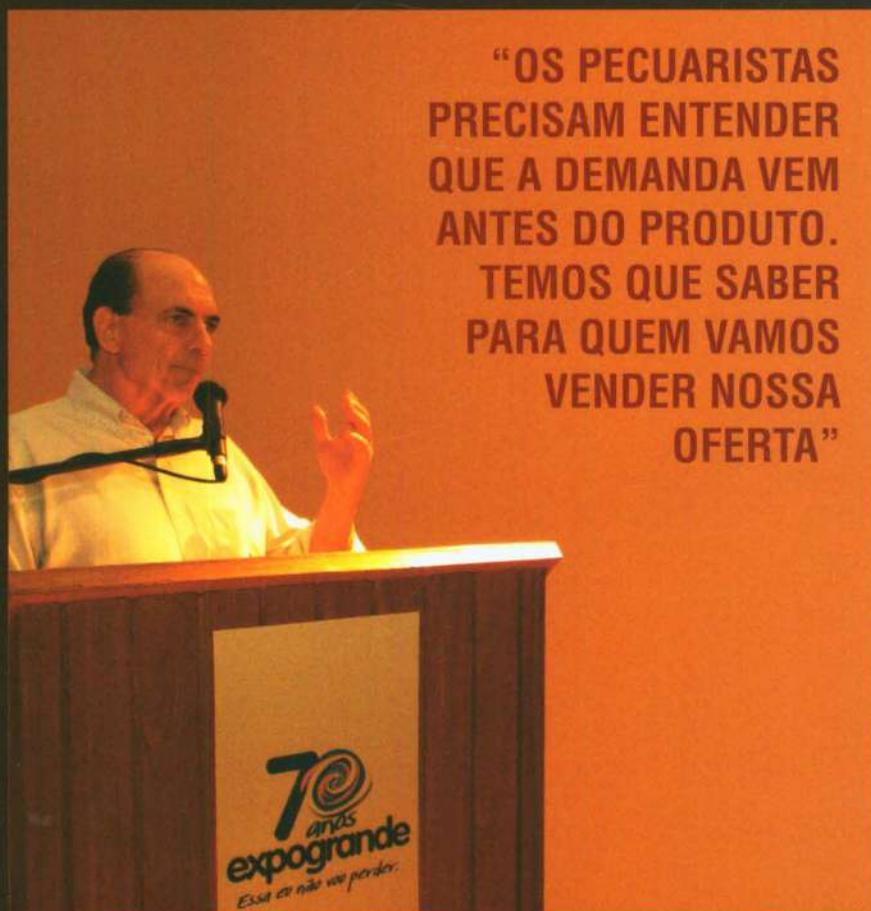
Laucídio – Nós tivemos a coincidência de ter excesso de produção ao mesmo tempo em que tivemos o problema da aftosa, há dois anos e meio. Isso permitiu os preços mais baixos da história e nos levou ao abate indiscriminado de matrizes. O que ajustou o mercado foi a falta de bezerras.

Noticiário Tortuga – Mas o cenário é de riscos? O que o produtor precisa fazer?

Laucídio – A falta de bezerras não será resolvida rapidamente. Isso nos dá tempo para nos organizar melhor. Nós, criadores, temos de continuar o descarte de matrizes. Não podemos promover excesso de produção. Nossa classe precisa entender que a demanda precisa vir antes do produto. Em outras palavras: temos de saber para quem vamos vender o que produzimos.

Noticiário Tortuga – Que mensagem o senhor deixa aos criadores nestes 70 anos de Expogrande?

Laucídio – Nestas sete décadas, o que fica mais patente é a importância da união de classe para que idéias apareçam e decisões sejam tomadas coletivamente. Vivemos em um mundo globalizado, no qual as empresas estão cada vez maiores. Apenas coletivamente é que temos força comercial. **NT**



PANORAMA

Expogrande: SETE DÉCADAS DE EVOLUÇÃO

Tortuga apresentou tecnologias para seca na Expogrande, que chegou aos 70 anos de existência como um dos principais eventos agropecuários do País.

Centenas de expositores, milhares de visitantes e milhões de reais em negócios. Este é o resumo da Expogrande, um dos mais expressivos eventos agropecuários do Brasil, realizado na primeira quinzena de abril, no Parque de Exposições Laucídio Coelho, em Campo Grande (MS). Em 2008, a feira completou sete décadas e com recordes: participaram 8.000 bovinos, de 15 raças diferentes, levados por mais de 500 expositores.

Além da movimentação financeira do evento, envolvendo a venda de mais de 2.000 bovinos de excepcional qualidade genética nos leilões, a Expogrande também se destaca por outras características, como o emprego direto e indireto de milhares de pessoas e o encontro de

pecuaristas com financiadores, o que facilita investimentos no campo sul-matogrossense. Compreender a feira é compreender a evolução da agropecuária do Mato Grosso do Sul.

A Expogrande é a segunda feira mais antiga do País e uma das quatro maiores. A importância do evento não está apenas nos números, mas também na história, como a participação do ex-presidente João Goulart, membro histórico da Acrissul (Associação dos Criadores do Mato Grosso do Sul), realizadora do evento.

O presidente da Acrissul, Laucídio Coelho Neto, comemora o fato de ter completado 70 anos de Expogrande em um momento de evolução do agronegócio. "O mercado pecuário começou sua recuperação e, por conta disso, o Mato Grosso do Sul está retomando o seu lugar de destaque na pecuária brasileira e mundial", comenta. Durante a feira, Laucídio também anunciou o projeto de criação do Museu Paulo Coelho Machado, em homenagem ao ex-presidente da Acrissul,

historiador e escritor que contribuiu para a história de Mato Grosso do Sul.

A importância da Expogrande ultrapassa os limites do campo e tem força política. Na exposição, a secretária de Produção e Turismo de Mato Grosso do Sul, Tereza Cristina Corrêa da Costa, mostrou-se otimista em relação ao fim das restrições à exportação de carne bovina pelo Estado. Mato Grosso do Sul tem quantidade e qualidade para isso. "Estamos empenhados em devolver ao Estado o status sanitário a que ele tem direito", ressalta a secretária, para quem a feira é uma mostra que o empenho e a união vencem as mais duras barreiras.

Para marcar as sete décadas da Expogrande, os Correios de Mato Grosso do Sul prepararam um selo personalizado, apresentado durante o evento. Segundo o diretor da empresa, João Rocha, a ideia é deixar registrado no papel uma das maiores feiras agropecuárias do País. "Com o selo, queremos marcar historicamente o fato de realizarmos uma das melhores

JULGAMENTO DE RAÇA NELORE
NA EXPOGRANDE:
FORÇA DA AGROPECUÁRIA
SUL-MATO-GROSSENSE



feiras pecuárias do mundo e fazer com que todos conheçam o trabalho feito no Estado”, explica. O selo foi utilizado nas correspondências locais e circulará nos próximos quatro meses no Rio de Janeiro. Em breve, o selo comemorativo estará exposto em um museu em Brasília.

Para o presidente do Sindicato Rural de Campo Grande, José Lemos Monteiro, a homenagem faz sentido, pois o evento simboliza a dedicação e o envolvimento da classe produtora sul-mato-grossense. “A Expogrande é a festa máxima do Estado e do meio rural. Aqui a gente percebe que o trabalho dos produtores está voltado para o contínuo aprimoramento genético, além de ser uma oportunidade fantástica de fazer campeões de pista e comprar e vender animais”.

História da Expogrande – O nascimento da Expogrande está relacionado à criação da Acrissul, entidade que reúne os criadores do Mato Grosso do Sul. A associação surgiu em 1931, com o nome de Centro dos Criadores do Sul de Mato Grosso, especialmente por iniciativa do tenente César Bacchi de Araújo, revolucionário de 1930 que foi interventor (hoje, o cargo é de prefeito) da capital sul-mato-grossense durante um ano.

A partir de então, a entidade viveu os diversos momentos da história brasileira: de crises aos bons momentos

da economia, passando por governos divisores de águas, como os de Getúlio Vargas e o Regime Militar.

A história da Acrissul inclui diversas mudanças, como a transformação de Centro dos Criadores em sindicato e eleições de pecuaristas que ajudaram a fomentar a criação no Estado. O ano de 1933, porém, tem importância singular: a entidade realizou a 1ª Feira Agropecuária de Amostras de Mato Grosso. Além de empresários do mundo agropecuário, o evento também contou com a presença de pequenos industriais sul-mato-grossenses, o que garantiu a participação de produtos fabricados além da porteira da fazenda, como peças de artesanato e manufaturados de couro. Outra mudança importante ocorreu na segunda edição do evento, em 1940. Além de migrar de um pátio de colégio para um quartel, a feira passou a realizar julgamento individual dos animais.

Em 1943, foram comprados 24 hectares para construir o Parque de Exposição Presidente Ayres Moura Júnior que, dois anos mais tarde, passou a receber a feira. Em 1944, o nome mudou para Associação dos Criadores do Sul do Mato Grosso que, a partir de 1974, passou a ser conhecida pela sigla Acrissul. Segundo o ex-presidente Paulo Coelho Machado, as últimas mudanças na denominação da

entidade e do evento vieram em 1979, com a instalação do então recém-criado Estado de Mato Grosso do Sul. Nascia, também, a sigla Expogrande.

Desafios e soluções – Quem trabalha com pecuária sabe que quando diminui a qualidade do capim a deficiência de nutrientes aumenta e é fundamental implantar um programa nutricional para suprir as necessidades do rebanho de forma correta. Pensando nisso, a Tortuga destacou na Expogrande sua linha de suplementos minerais para pré-seca e seca. A empresa montou uma sala com técnicos especializados para atender aos criadores em busca de informações sobre os sistemas de semiconfinamento e confinamento. “Os técnicos participaram da Expogrande exatamente para orientar os pecuaristas sobre nutrição e formulação de dietas para confinamento. A intenção foi munir o produtor de todas as informações necessárias para aplicar a tecnologia mais vantajosa”, explica Raul Marcos Gaspar, gerente comercial da Tortuga no Mato Grosso do Sul.

Além de palestras promovidas no próprio estande, a Tortuga também participou do ciclo de palestras abertas da Expogrande. O consultor técnico Ayrton Luiz Bender falou sobre os avanços na mineralização de gado de corte para centenas de pecuaristas. **NT**



FOTO: DIVULGAÇÃO ACRISUL

FOTOS PARA CONTAR A HISTÓRIA

A Acrissul promoveu campanha na Expogrande para reunir fotos e documentos que ajudam a contar a história da feira. O material coletado será reunido em um livro em comemoração aos 70 anos da exposição. Trata-se de uma homenagem à altura de um evento que se confunde e acompanha a evolução da pecuária em Mato Grosso do Sul e que agora ficará registrado para as próximas gerações.

A visão estratégica da Agrishow

Em sua 15ª edição, o maior evento do agronegócio da América Latina promete repetir o sucesso de sempre. A Tortuga novamente marca presença, com estande de 900 m² e muitas atrações.

A feira já movimentou mais de R\$ 1 bilhão em uma única edição, o que dispensa comentários e confirma sua relevância para o agronegócio brasileiro. Estamos falando da Agrishow Ribeirão Preto (Feira Internacional da Tecnologia Agrícola em Ação), cuja 15ª edição será realizada entre 30 de abril e 3 de maio, em Ribeirão Preto (a 314 km de São Paulo).

O recorde de movimentação financeira da feira foi conquistado em 2004. No ano passado, o total chegou a R\$ 710 milhões. Mas as cifras não são os únicos números que chamam a atenção sobre o evento. Há outros dados expressivos, como a expectativa de receber 150 mil visitantes, especialmente produtores agrícolas, pecuaristas, suinocultores, avicultores, criadores de cavalos, ovinos e caprinos. Pelo menos 2.500 visitantes virão de mais de 30 países.

Esse público tem o que ver. No total, são mais de 600 expositores, com mais de 2.700 marcas de produtos, equipamentos, máquinas e serviços. Além de empresas brasileiras, países como Argentina, Austrália, Estados Unidos e Itália mandam representantes para o evento.

Juntas, as empresas ocupam a área superior a 190 mil m². Também estão previstas centenas de demonstrações de máquinas agrícolas.

Em 2008, a Agrishow tem novidades, como a organização e promoção da Reed Exhibitions Alcântara Machado, o que pressupõe tornar o evento ainda mais profissional. Mas a proposta não muda: a feira segue focada no fomento de negócios, desenvolvendo e valorizando o produtor rural em todas as áreas: agricultura, pecuária e agroindústria nacional.

A Tortuga é parceira da Agrishow Ribeirão Preto há vários anos, sempre com destaque na área de Produção Animal. Em 2008, a empresa terá em seu estande de mais de 900 m² um ambiente próprio para realização de palestras técnicas sobre nutrição, sanidade e pecuária intensiva.

O gerente de vendas da Tortuga em São Paulo, Adriano Moulin, informa que o estande da empresa terá técnicos de Minas Gerais, São Paulo e Mato Grosso do Sul para atender aos visitantes, mostrar as novidades e tirar possíveis dúvidas. "A Agrishow é um ponto de referência para o agronegócio brasileiro, pois sempre oferece muita visibilidade para a exposição de produtos e serviços. Também reserva-

mos uma área para cocho de sal mineral e um cercado com bezerras para mostrar o Fosbovinho", informa Moulin. A empresa destinará área específica para demonstração de manejo nutricional para o confinamento de gado de corte.

As expectativas de sucesso da Agrishow são elevadas. A feira funciona como uma espécie de termômetro do campo. Além disso, tornou-se o palco para lançamento de novidades tecnológicas. "A Agrishow promove a reunião de todos os elos da cadeia produtiva do agronegócio do Brasil. Isso permite maior aproximação de todas as áreas envolvidas e melhor compreensão dos problemas de cada área, potencializando a busca de soluções comuns", ressalta Adriano Moulin.

Até a época do ano em que o evento é realizado tem motivo estratégico. O período compreendido entre os últimos dias de abril e o início de maio se encaixa na época em que os agricultores estão terminando a colheita da safra anterior e se preparam para a próxima. Também é momento de estruturar o confinamento do gado e o período em que os produtores dispõem de mais tempo para viajar e tratar de negócios fora da propriedade, justamente para voltar com novidades para aprimorar a produção. NT

ESTANDE DE 900 M² DA TORTUGA ATRAI PELA DIMENSÃO E DIVERSIDADE DE ATIVIDADES, COMO PRESENÇA DE ANIMAIS E PALESTRAS TÉCNICAS

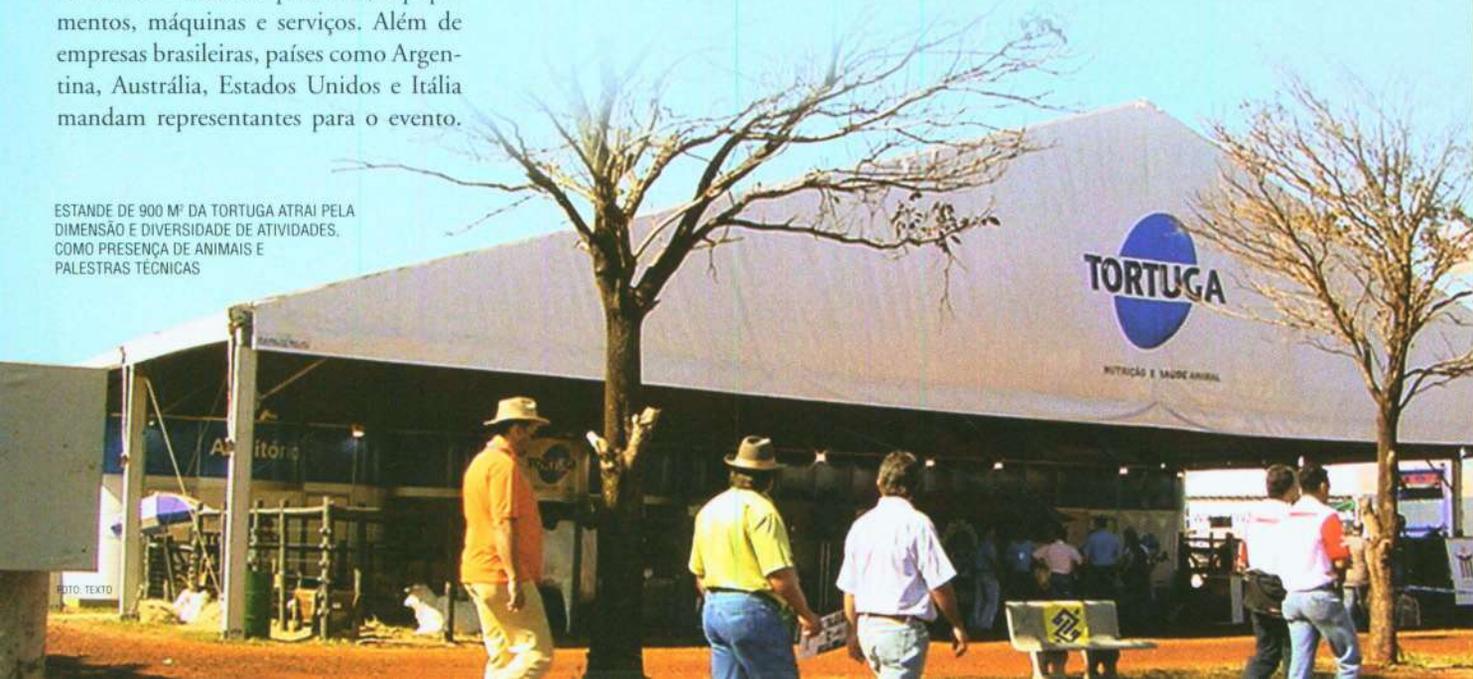




FOTO: FELIPE FORGIA/TEXTO

A força do campo do Paraná na **EXPOLONDRINA 2008**

A 48ª Exposição Agropecuária e Industrial de Londrina atraiu mais de 500 mil visitantes com programação diversificada e gado de alta qualidade genética.

Os assuntos que envolvem a terra, como a preocupação com o meio ambiente, não devem ser descartados por aqueles que criam, plantam e produzem. Essa foi a mensagem principal da 48ª edição da Exposição Agropecuária e Industrial de Londrina (Expolondrina), realizada entre 3 e 13 de abril, em Londrina (PR), que teve como tema "Em busca da produção sustentável".

São vários os fatores favoráveis à Expolondrina. Para começar, sua localização é estratégica. Londrina é uma das principais cidades do Paraná e, por estar no Norte do Estado e próxima a São Paulo, permite o acesso dos produtores paulistas e da região Centro-Oeste. A cidade também não fica muito longe da capital Curitiba (cerca de 379 km) e tem população

de aproximadamente 500 mil habitantes. Essa localização geográfica privilegiada e a criatividade dos organizadores do evento permitiram que a Expolondrina fosse mais uma vez realizada com variedade de expositores e atrações, característica que a tornam uma das mais importantes mostras pecuárias do Brasil.

A exposição é dos principais eventos econômicos de Londrina, gerando em cada edição mais de 5 mil empregos diretos e indiretos. A feira movimentou, dentro e fora do centro de exposições, mais de R\$ 160 milhões. Para muitas empresas – entre grupos econômicos e pequenos empresários – ela funciona como uma vitrine onde é possível expor produtos, serviços e as estrelas da festa: os bovinos de alta qualidade genética. Tudo isso para o de-

lirio do público que ultrapassou 500 mil pessoas. A união de variados segmentos transformou a Expolondrina em uma espécie de mosaico econômico do Paraná.

A feira é realizada no Parque Governador Ney Braga, sede da Sociedade Rural do Paraná, que organiza o evento. A área total atinge 50 hectares, com capacidade para expor 13.740 bovinos, 645 eqüinos, 300 aves, 100 muares, 100 ovinos e 70 suínos. O parque ainda possui três pistas de julgamento, três recintos de leilões, dois pavilhões para estandes de indústria e comércio, cinco auditórios, estacionamento para 3 mil veículos, praças de alimentação, recinto de shows e rodeios com capacidade para 20 mil pessoas, além de área agrícola para demonstração de avançadas tecnologias, núcleos fixos de criadores de

raças, amplo espaço aberto e um recinto para parque de diversões.

A alta frequência de público decorre das várias atrações da Expolondrina. O principal atrativo para tanta gente é a programação de shows. Outro destaque: as apresentações de rodeio. Teve ainda a Via Rural, que reuniu um leque de atividades, como espécies de capim para a pecuária, ervas medicinais, alimentos produzidos no campo até tanques para criação de peixes.

A Tortuga participou novamente com muito brilho da Expolondrina. A empresa levou seus programas de nutrição para sistemas de semiconfinamento e confinamento bovino. Uma grande equipe de técnicos recebeu clientes e parceiros para apresentar as novidades tecnológicas e esclarecer eventuais dúvidas sobre os produtos de nutrição e saúde animal da Tortuga. "Trabalhamos com todos os

segmentos, com atenção especial para pecuária de corte e de leite. A intenção foi discutir casos individuais e orientar o produtor na escolha do melhor programa nutricional para cada tipo de criação", comenta Fábio Jamus Rodrigues, gerente técnico-comercial da Tortuga no Paraná.

Entre os produtos da Tortuga, destaque para a linha exclusiva de suplementos nutricionais voltados para os períodos de pré-seca e seca, um dos principais desafios no campo. "Na época de seca, a qualidade do capim cai, apresentando deficiência de nutrientes. Para obter bons resultados nessa época, é fundamental implantar um programa de nutrição adequado, que supra as necessidades do gado de forma correta, aumentando a produtividade e melhorando a relação custo-benefício", explica Fábio Jamus. **NT**

A EXPOLONDRINA É O MAIS IMPORTANTE EVENTO DA PECUÁRIA DO PARANÁ: A EDIÇÃO DESTE ANO REUNIU DUAS DEZENAS DE RAÇAS BOVINAS. O PÚBLICO MARCOU PRESENÇA, SUPERANDO 430 MIL PESSOAS, E OS NEGÓCIOS ATINGIRAM R\$ 175 MILHÕES

NELORE MOSTRA SUA FORÇA NA EXPOLONDRINA E FOI, MAIS UMA VEZ, A RAÇA COM MAIOR NÚMERO DE ANIMAIS



EXPODIRETO *bate recordes de público e de movimentação financeira*

Maior evento agrodinâmico da região Sul do Brasil atraiu mais de 150 mil visitantes e gerou R\$ 268 milhões em negócios. Tortuga levou animais e novos produtos.

Produtos direcionados para a nutrição de bovinos de leite e de suínos foram os destaques da Tortuga na Expodireto Cotrijal 2008, maior feira agrodinâmica da região Sul do País, que aconteceu na primeira quinzena de março, em Não-Me-Toque (RS), e reuniu cerca de 150 mil visitantes e movimentou R\$ 268 milhões em negócios.

Erich Fuchs, gerente regional da Tortuga no Rio Grande do Sul, explica que a Expodireto repetiu o sucesso dos anos anteriores, como um ponto de encontro para receber os produtores de leite, suinocultores, avicultores, ovinocultores e pecuaristas de corte. “O Rio Grande do Sul tem agronegócio extremamente forte e pulverizado, com propriedades de pequeno e médio portes. A Expodireto é o local em que todos se reúnem para atualização técnica e contato com as mais

recentes tecnologias em nutrição e saúde animal. É a feira ideal para a Tortuga apresentar suas novidades aos produtores”, ressalta Fuchs.

Além dos novos produtos, a Tortuga levou uma equipe de 12 profissionais à Expodireto para atender bem aos visitantes. O estande de mais de 500 metros quadrados também foi o único na área de Produção Animal do parque que levou animais. “Trouxemos novilhas de leite, bovinos de corte da raça Brahman e suínos alimentados com produtos Tortuga para os criadores avaliarem com os próprios olhos o excelente desempenho que os nossos suplementos minerais proporcionam”, informa Erich Fuchs.

O presidente da Expodireto, Nei Mânica, ressaltou a criatividade e a diversidade de atividades promovidas pela Tortuga na feira. “A empresa entende o

espírito da Expodireto”, disse. O diretor da feira, João Batista Chaise, concorda. “A Tortuga é daquelas parceiras incondicionais da Expodireto”.

Produtos inovadores – A Tortuga apresentou na Expodireto 2008 a linha Suigold Máxima Performance Pós-Desmama, concentrados destinados ao balanceamento de rações recomendados aos leitões lactentes e desmamados. Os produtos, elaborados com ingredientes energéticos e protéicos, são altamente palatáveis e digestíveis, além de conter aminoácidos, vitaminas e minerais, combinação que proporciona melhor desenvolvimento aos leitões em fase de transição alimentar. Em sua formulação, microminerais na forma orgânica e aminoácidos sintéticos contribuem para a redução de dejetos poluentes, já que proporcionam melhor absorção dos minerais.

Para a pecuária de leite, a Tortuga apresentou BCA pré-parto e Bovigold pré-parto. Os suplementos elaborados para o planejamento nutricional do gado entre o final da gestação e o início da lactação, estimulam a produção de leite, suprem a demanda de nutrientes necessários nessa época de maior desgaste, melhoram a condição corporal do animal e evitam problemas como infecções uterinas e retenção da placenta durante o parto. **NT**

PÚBLICO COMPARECEU, VALORIZANDO O TRABALHO DA TORTUGA



JOÃO BATISTA CHAISE (DIRETOR DA EXPODIRETO), JOÃO HILÁRIO (DIRETOR DE MARKETING DA TORTUGA), NEI MÂNICA (PRESIDENTE DA EXPODIRETO) E ERICH FUCHS (GERENTE DA TORTUGA). PARCERIA RENOVADA PARA 2009



FOTO: TEXTO

O grande encontro dos pequenos ruminantes

Feinco movimenta mais de R\$ 10 milhões e se consagra como um dos maiores eventos mundiais de ovinocaprinocultura.

A criação de ovinos e caprinos no Brasil está em franca expansão. O aumento do número de criadores, a melhoria nas práticas nutricionais e de saúde, o aprimoramento dos processos de abate e as contínuas pesquisas sobre a atividade são exemplos claros dessa evolução. A 5ª Feira Internacional de Caprinos e Ovinos (Feinco), realizada entre 11 e 15 de março, em São Paulo, foi mais um exemplo positivo. Seu sucesso foi tão grande que a feira já ostenta o título de maior evento de ovinocaprinocultores da América Latina.

Tão expressivos quanto o título foram os números da Feinco: 13 leilões, mais de 20 mil visitantes, 150 expositores, quase 4 mil animais, 20 raças de caprinos e ovinos reunidos em 40 mil m² no Centro de Exposição Imigrantes. A movimentação dos leilões ultrapassou a marca dos R\$ 10 milhões, superando em 145% o total registrado no ano passado. “Nesta edição, nos tornamos referência mundial. Além da renda gerada com os leilões, a feira também viabilizou o fechamento de inúmeros negócios e contribuiu para que muitos outros sejam concretizados durante o ano”, revelou Décio Ribeiro dos Santos, organizador da Feinco.

Para facilitar a chegada de informações aos visitantes, a Feinco desenvolveu a

Cozinha Interativa Feinco/Savana, espaço gastronômico que recebeu 890 visitantes e contou com a participação de 132 chefs (28 deles da América Latina, 8 da Europa e 96 da Delegação Brasileira da Federação Italiana de Chefes – FIC). Também foi possível experimentar pratos típicos no Lounge Bahia, local criado para homenagear o Estado, detentor do maior rebanho da raça Santa Inês do País.

Outra fonte importante de informação foi o III Congresso Internacional da Feinco, realizado nos três primeiros dias do evento. Especialistas internacionais e pesquisadores brasileiros discutiram temas relacionados a mercado, gestão e assistência técnica da ovinocaprinocultura.

Parceiros do aprimoramento – A 5ª Feinco priorizou a mostra da realidade da ovinocaprinocultura brasileira. “Temos carência de produtos finais no mercado. Nossa demanda de carne ovina, por exemplo, é bem maior que a oferta. São mais de 30 mil toneladas de déficit, compensadas por meio de importação. Isso mostra o potencial que tem este mercado”, explicou Décio Ribeiro dos Santos.

Para melhorar a produtividade e, conseqüentemente, ampliar a oferta de carne, os criadores contam com parceiros no aprimoramento das raças, como é o caso

da Tortuga. Durante a Feinco, a empresa apresentou quatro novos suplementos nutricionais para ovinos. Os quatro produtos da linha Ovinofós colaboram para o aumento da velocidade de crescimento e de ganho de peso dos animais, melhoria dos índices reprodutivos, aumento da resistência imunológica, melhor aproveitamento da pastagem em condições de seca e controle de protozoários do gênero *Eimeria*, entre outros. “Todos os produtos da nova linha contêm Carbo-Amino-Fosfo-Quelato, tecnologia exclusiva da empresa, que propicia maior biodisponibilidade dos minerais, sendo também potente ativador da flora do rúmen, proporcionando aumento da digestibilidade das fibras. Além disso, os minerais na forma orgânica recuperam o status nutricional e imune dos animais, aumentando sua resistência às doenças e não apresentando riscos de toxicidade”, explica Antonio Augusto Coutinho, gestor de negócios de pequenos ruminantes da Tortuga.

Entre os novos produtos da linha Ovinofós estão Ovinofós Seca, formulado especialmente para o período de seca, quando os teores de proteína e de minerais diminuem drasticamente nas pastagens; Ovinofós Núcleo Produção, suplemento mineral, sem adição de cloreto de sódio, destinado especialmente ao bom crescimento e metabolismo dos ovinos; Ovinofós com Monensina, que contém monensina sódica, ionóforo que proporciona melhor desempenho do animal e controle de protozoários do gênero *Eimeria*, melhorando a condição sanitária dos ovinos; e Ovinofós Núcleo Produção com Monensina, suplemento mineral, sem adição de cloreto de sódio, que também contém monensina proporcionando



MAIS DE 4 MIL OVINOS E CAPRINOS DE 20 RAÇAS DIFERENTES, NA FEINCO 2008

▶ melhor desempenho e condição sanitária aos ruminantes. Este suplemento é formulado especialmente para ovinos e deve ser usado na formulação de rações. Todos os produtos pré-lançados durante a Feinco estão disponíveis no mercado a partir de maio.

Segundo Coutinho, a Feinco trouxe bons resultados para a Tortuga e permitiu, ainda, divulgar a linha de saúde animal para ovinos e caprinos. Outro ponto forte foram as conversas da equipe de técnicos especializados com visitantes no estande da empresa. “Esta ação está em acordo com a linha da Tortuga, de orientar e tirar dúvidas dos produtores”. Quem visitou o estande da Tortuga também pôde conferir uma edição especial de 92 páginas do Noticiário Tortuga, com reportagens e artigos voltados à ovinocaprinocultura.

O supervisor técnico-comercial da Tortuga, Calos Portela, participou pela primeira vez da Feinco e comprovou a força do evento. Portela é responsável pelo atendimento nos Estados de Sergipe, Alagoas, Pernambuco e Paraíba. “A Feinco comprovou que a atividade está em processo de intensa profissionalização. Observamos a presença de grandes criadores do País e a entrada de novos investidores. Esse processo é extremamente salutar e mostra o potencial de crescimento da ovinocaprinocultura nacional”, analisou o técnico. **NT**

TORTUGA PRESENTE: NOVOS PRODUTOS E EQUIPE PARA ATENDER AOS PRODUTORES

SUSTENTABILIDADE na agenda do zebu

Maior evento da pecuária zebuína do mundo, a Expozebu prepara sua 74ª edição e adota a sustentabilidade do agronegócio como uma de suas bandeiras.

Um dos maiores destaques da programação dos eventos agropecuários do Brasil todos os anos é a Expozebu. E em 2008 não é diferente. A 74ª edição da maior exposição da pecuária zebuína no mundo será realizada em Uberaba (MG), entre 28 de abril e 10 de maio. A expectativa é das melhores.

Em número de leilões, já está garantido que edição deste ano superará a anterior, quando foram realizados 44 leilões. A previsão é para 50 remates, em 2008. O evento também deve aprofundar as mudanças propostas na edição passada, especialmente em relação ao uso de novas tecnologias e as ações de responsabilidade social.

Outros records devem ser batidos. É o caso da presença de visitantes do exterior. Em 2007, foram 534 estrangeiros, vindos de 33 países, como Colômbia, Venezuela, Egito, Estados Unidos, França, Índia, Portugal, Uruguai, África do Sul e Austrália. Muitos deles fecharam negócios durante a exposição, especialmente com empresas de equipamentos agrícolas e de material genético.

Parceira da Associação Brasileira dos

Criadores de Zebu (ABCZ), promotora da Expozebu, a Tortuga terá estande para atender aos parceiros.

Segundo Juliano Sabella, coordenador de pecuária de corte e confinamento da empresa, a base da Tortuga na Expozebu funciona como uma verdadeira sala informal de aulas sobre tecnologia. Os produtores podem adquirir informações sobre os produtos da empresa e contar com a assistência de profissionais altamente capacitados. “Destacaremos especialmente a linha do Programa Boi Verde, com suplementos minerais na forma orgânica para a pecuária, como Fosbovi Seca e Fosbovi Protéico 45”, informa Sabella. A empresa também fará demonstração de sua linha de produtos para saúde animal, apresentando as mais recentes novidades nessa área.

Com número recorde de animais inscritos – mais de 3 mil zebuínos –, a Expozebu 2008 promete disputas acirradas, alto padrão genético e leilões aquecidos, características inerentes à maior exposição da pecuária zebuína no mundo. **NT**



ESTANDE DA TORTUGA É PONTO DE ENCONTRO DOS PRODUTORES NA EXPOZEBU

FOCO



RESPOSTA NA PONTA DA LÍNGUA

É sabido que todo bom mineiro não perde o trem; tem sempre um 'pito de páia' atrás da orelha e um bom 'causo' ou uma boa resposta na ponta da língua. Cá pras bandas de Bom Despacho não é diferente. Cidade do Centro-Oeste mineiro, destaca-se pela bacia leiteira, pelo 7º BPM e pelo forte comércio local e regional. Temos o privilégio de ter nas proximidades os rios São Francisco, Pará, Picão e Lambari. Lugar de povo alegre e hospitaleiro com o típico sotaque 'caipira', haja vista que nossa região não faz divisa com outros Estados. Portanto, temos o hábito de nos gabar de sermos os legítimos mineiros, justamente por não sofrermos influências de outros Estados.

A proximidade com os referidos rios faz com que nosso povo adore uma pescaria ou, pelo menos, ir pra beirada deles. Assim, é comum nos finais de semana ou feriados juntarem-se os companheiros e rumar pros ranchos que lotam as barrancas desses rios, principalmente do 'Velho Chico'.

Lá chegando, não faltam uma boa caça, umas 'modas de viola', tira-gosto e, naturalmente, uns causos. A distribuição das tarefas também faz parte dessas incursões. Alguns ficam com a arrumação, outros com a cozinha e, quem sabe e gosta mais, com a pescaria propriamente dita. Jogar o barco n'água, iscar anzóis, armar redes e pindas, entrar n'água de madrugada não é pra qualquer um. No entanto, o Barrelinha adora tudo isso. A tarefa da pescaria é com ele mesmo; não faz outra coisa que não seja pescar. E embora não saiba nadar, isso não o impede de fazer com gosto tudo o que foi citado. Eta caboclo destemido!

Outubro, com as chuvas anunciando o período das águas, em algumas cabeceiras já chove muito e os rios a cada dia mais vão ficando mais cheios.

Feriadão de Nossa Senhora Aparecida, e lá está nosso amigo Barrelinha, pescador calejado, preparando os apetrechos pra pescaria, barco atrelado na Rural, molinetes, vara de pescar e tudo que se precisa e de que tem de direito...

Passando por lá, Peteco, seu velho companheiro de pescaria, vê toda aquela animação e fica intrigado, aproximando-se logo pergunta:

- *Uai Barrelinha, aonde cê vai?*

Todo animado ele responde:

- *Vou pro rancho ora essa...*

Peteco, amigo de longa data, enrugando a testa e com ar preocupado comenta:

- *Sô, choveu muito nas cabeceiras dos rios, convém cê ir não!*

No que Barrelinha responde:

- *Tem perigo não Peteco, deixe de ser medroso.*

Peteco com o semblante sério diz a ele:

- *Tem perigo sim senhor, o rio tá cheio, ocê não tem juízo, coloca o barco n'água anda pra baixo e pra cima e ainda pra inteirar nem nadar ocê sabe?!?!*

Barrelinha mais que depressa responde:

- *Uai Peteco, esse povo que anda de avião sabe voar?!?!*

ALMIR DE SOUZA

Sócio da Souza e Virgílio Representação Ltda, empresa representante de produtos Tortuga em Bom Despacho (MG)



QUALIDADE

A trajetória de sucesso da Cauêmbryo

*Multiplicando qualidade, eis a rotina da Cauêmbryo.
Pioneira no uso de biotecnologia para o melhoramento genético,
a empresa mineira ganhou espaço devido ao trabalho sério e profissional.*

Uma das mais antigas e respeitadas referências em biotecnologia de embriões no Brasil, a Cauêmbryo, empresa com sede em Belo Horizonte (MG), construiu uma sólida trajetória de vinte anos, com base principalmente na seriedade técnica e comercial, além da comprovada eficiência, confirmada pelos resultados dos seus clientes.

Única empresa brasileira na área de biotecnologia de embriões que trabalha com receptoras próprias, a Cauêmbryo possui plantel de cerca de 5.000 receptoras selecionadas, o que ajuda a garantir a qualidade dos serviços.

O médico veterinário Evandro Palhares Dias, proprietário e responsável pelos trabalhos da Cauêmbryo desde o início, cita como diferenciais dessa prática o maior controle do porte das fêmeas, a melhor capacidade para partos seguros e o acompanhamento sanitário diferenciado, que permitem prenhezess saudáveis, partos tranquilos e faturação de leite na criação dos bezerros.

Além de sede em Belo Horizonte, a Cauêmbryo possui duas propriedades na

região de Sete Lagoas (MG): uma fazenda de recria em Paraopeba, com área de 523 hectares, e a Central Cauêmbryo, localizada na Fazenda Funagro, em Funilândia, com 2.835 hectares.

Com o objetivo de maximizar a criação, há dois anos a Fazenda Funagro foi subdividida. Na área onde eram criados 3.000 animais hoje há cerca de 4.000 cabeças. As melhorias da infra-estrutura incluíram formação de mais piquetes com pastejo rotacionado e utilização de cana-de-açúcar, que conta com a experiência de José Gonçalves, gerente da fazenda.

“Uma prenhez saudável e bem-sucedida resulta diretamente do bom programa nutricional, aliado a produtos de qualidade”, afirma Evandro. “Nesse sentido, nossa confiança é muito grande na Tortuga. A competitividade desse mercado está bastante acirrada, mas além de produtos de qualidade comprovada a Tortuga oferece um completo aparato técnico e de consultoria que nos faz referendar continuamente nossa parceria”, conclui o veterinário.

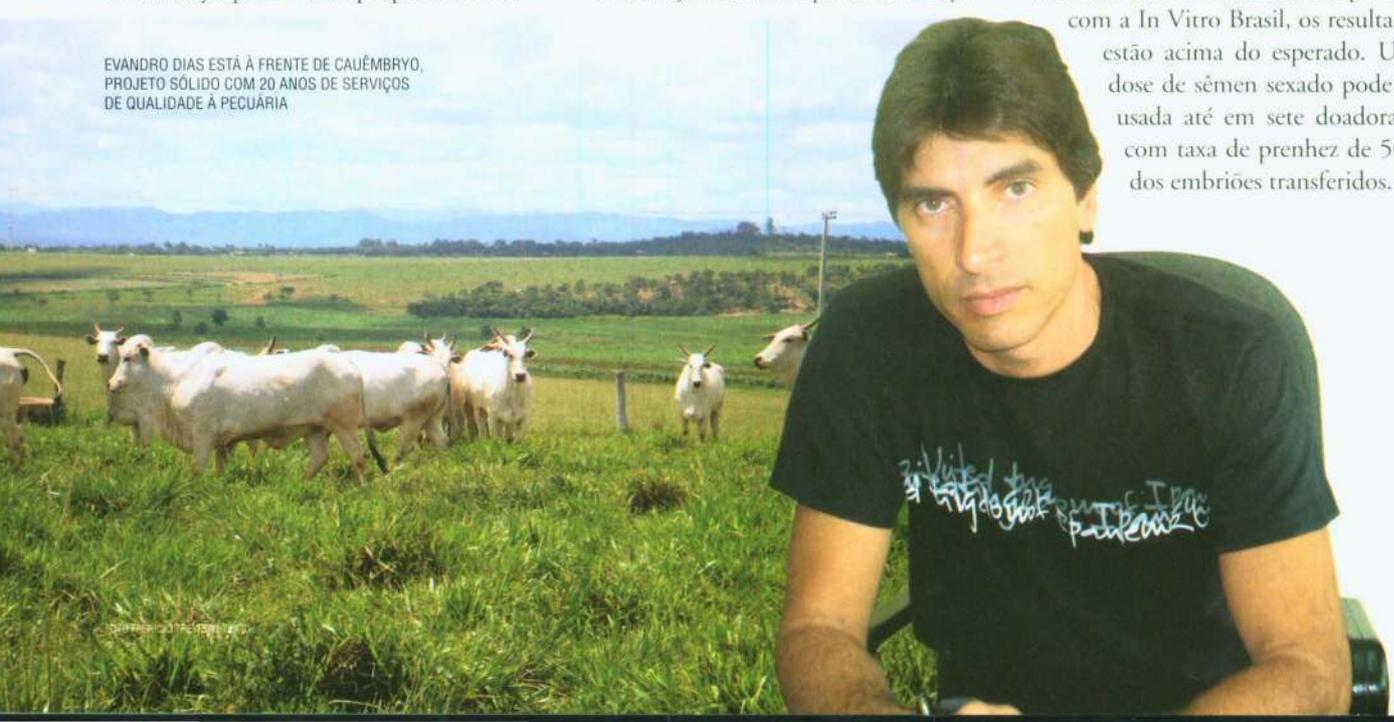
Os serviços oferecidos pela Cauêmbryo

compreendem tanto o recebimento dos animais em suas fazendas quanto a aspiração de oócitos nas propriedades dos clientes, para as quais são enviados técnicos especializados que fazem a coleta e encaminham o material direto para o laboratório em BH. Também são comercializadas prenhezess sexadas advindas dos maiores raçadores do País. Detentora de plantel de 50 fêmeas selecionadas da raça Nelore, a Cauêmbryo efetua o cruzamento com touros comprovados e oferece a venda permanente de prenhezess.

Evandro Dias constata que o mercado de biotecnologia está em evolução e em constante especialização no Brasil. De acordo com dados da Sociedade Brasileira de Transferência de embriões (SBTE), há vinte anos existiam cerca de 12 profissionais envolvidos com essa prática no Brasil; hoje são mais de 1.400. “É nesse concorrido cenário que consolidamos nossa empresa, por meio do grande envolvimento de um corpo técnico qualificado, funcionários com larga experiência e, principalmente, resultados comprovados e de excelência”, avalia o técnico.

De acordo com o médico veterinário Tunico Mesquita, responsável pelo Laboratório de FIV, resultado de parceria com a In Vitro Brasil, os resultados estão acima do esperado. Uma dose de sêmen sexado pode ser usada até em sete doadoras e com taxa de prenhez de 50% dos embriões transferidos. **NT**

EVANDRO DIAS ESTÁ À FRENTE DE CAUÊMBRYO, PROJETO SÓLIDO COM 20 ANOS DE SERVIÇOS DE QUALIDADE À PECUÁRIA



Meio século de apoio ao produtor de leite do Sul de Minas Gerais

CooperRita, de Santa Rita do Sapucaí, reúne 650 produtores da região, que captam 100 mil litros de leite/dia. Este volume deve aumentar 20% ainda em 2008, quando completa 50 anos de existência.

Em 1957, exatamente no dia 29 de dezembro, por iniciativa de alguns agropecuaristas com ideais progressistas, foi constituída a então Sociedade Cooperativa de Laticínio Santa Rita Ltda. Os trabalhos foram conduzidos por Benedito Capistrano de Alekmin e Paulo Cunha Azevedo e participaram outros 63 produtores rurais.

Desde então, muita história foi escrita com base na perseverança no trabalho e em inúmeras realizações. A CooperRita é, hoje, uma das mais importantes cooperativas mistas (café e leite) do Sul de Minas Gerais. Atualmente, os 650 produtores ligados à cooperativa e espalhados por 35 municípios ao redor de Santa Rita do Sapucaí produzem cerca de 100 mil litros de leite/dia. No total são 1.200 cooperados entre fazendeiros (café) e pecuaristas (leite).

A persistência e a multiplicidade de atuação são fatores que sempre mereceram destaque na história da CooperRita. Logo após a primeira década de sua formação, a cooperativa passou a ampliar a abrangência, por

meio de incorporações, e também a desenvolver serviços diferenciados, como assistência veterinária, comercialização de insumos, fabricação e venda de produtos lácteos, apoio mecânico à disposição dos seus produtores, entre outros.

“Nossa cultura sempre foi a de pagar produto por qualidade. E, nesse sentido, amparamos nosso cooperado, oferecendo suporte técnico, manejo de ordenha e assistência nutricional. Essas ações combinadas ajudam a garantir a qualidade microbiológica e a composição do nosso leite”, afirma José Maurício Carneiro, diretor de laticínios da Cooperativa Santa Rita.

Com foco cada vez mais direcionado ao melhor atendimento dos associados, à padronização da qualidade dos produtos e à redução dos custos, em 1991 foi inaugurada uma fábrica de rações em Santa Rita do Sapucaí, com capacidade para 1.000 toneladas/mês de rações para bovinos em lactação, novilhas e bezerros. Atualmente, são produzidos cerca de 850 toneladas/mês.

“O objetivo de nossa cooperativa nunca foi o lucro e, sim, o subsídio à qualidade de produção de nossos cooperados. Veja o caso da fábrica de rações. Para a fabricação das rações prontas, nós compramos o milho pelo melhor preço de mercado nos momentos mais oportunos, o armazenamos e usamos nos períodos mais críticos, sem repasses aos nossos produtores. Assim, garantimos os preços mais competitivos”, orgulha-se Maurício Carneiro.

Todos os programas nutricionais oferecidos aos cooperados da CooperRita são reali-

zados em parceria com a equipe técnica da Tortuga, assim como as formulações das rações são produzidas a partir de produtos da empresa, como o Novo Bovigold, composto de ortofosfato bicálcico, vitaminas protegidas e macro e microelementos minerais das melhores fontes, sendo enriquecido com minerais na forma orgânica (moléculas TQ, CQ e FQ), a tecnologia mais avançada em nutrição animal e exclusiva da Tortuga.

Para o diretor de laticínios da CooperRita, a parceria com a Tortuga já extrapola a simples relação comercial e tornou-se de confiança e amizade. “Há cerca de 25 anos contamos com o apoio técnico da Tortuga e com seus produtos de excelente qualidade. Está aí, sem sombra de dúvidas, um grande suporte para os nossos ótimos resultados, contribuindo direta e positivamente para a resistência dos animais ao estresse e às doenças e para a melhoria da qualidade do leite. Só temos a agradecer a essa extensa e vitoriosa parceria”, declara Maurício Carneiro.

São quatro pontos de recepção de leite da cooperativa: Santa Rita do Sapucaí, Carmo de Minas, Conceição do Rio Verde e Careaçú. E, além de aumentar e captação de leite (a previsão é de crescimento de 20 mil litros/dia), e ampliar a industrialização, a CooperRita objetiva expandir a penetração de seus produtos lácteos para outros Estados.

“Qualidade é nossa obsessão”. É dessa maneira que José Maurício Carneiro resume em poucas, porém bem direcionadas palavras, a mentalidade e o espírito de união que guiou os mais de 50 anos de história da CooperRita. **NT**



LUIS GRASSELLI (TORTUGA) E JOSÉ MAURÍCIO CARNEIRO, DIRETOR DE LEITE DA COOPERRITA. MUITO MAIS DO QUE UMA SIMPLES RELAÇÃO COMERCIAL.

Genética de qualidade é o foco da SMA Brahman

Um bezerro de apenas 45 dias de idade chamou a atenção dos mais de 5 mil visitantes que passaram pelo estande da Tortuga, na Expodireto Cotrijal 2008, realizada em Não-Me-Toque (RS) no começo de março. O animal, de propriedade da Fazenda São Miguel Arcanjo, de Porto Mauá (RS), já ruminava com desenvoltura. “Isso é genética com nutrição”, afirmava o feliz pecuarista Luís Antônio Bordin, proprietário do projeto SMA Brahman.

Bordin foi convidado pela Tortuga – e aceitou – levar alguns animais Brahman para a Expodireto. Ele escolheu uma matriz com bezerro ao pé e um tourinho jovem. Ambos os animais vêm com campeonatos na Expointer 2007, em Esteio, comprovando a qualidade do plantel da SMA Brahman.

Bordin é parceiro da Tortuga e disso não abre mão. “Veja a qualidade dos meus animais”, dizia orgulhoso para os vários pecuaristas que o interpelaram em Não-Me-Toque. “Para que vou correr riscos se a qualidade dos produtos Tortuga permite que eu tenha animais como os apresentados na Expodireto”.

A SMA Brahman é um projeto de seleção. E profissional. A utilização da linha de suplementos minerais da Tortuga é um exemplo, mas não o único. O mesmo cuidado com o manejo nutricional Luís Antônio Bordin tem com a sanidade, a genética e a gestão da propriedade, às margens do Rio Uruguai, em uma região bastante exigente.

“Nossa proposta é de melhoramento genético constan-

te. E não pode ser diferente. Acredito no Brahman e invisto com o máximo de rigor para potencializar as qualidades indiscutíveis da raça”, repete Bordin. “Quem experimenta Brahman fica na raça; quem trabalha com Tortuga colhe resultados!” NT

BORDIN: GESTÃO PROFISSIONAL E OLHO NO CUSTO-BENEFÍCIO

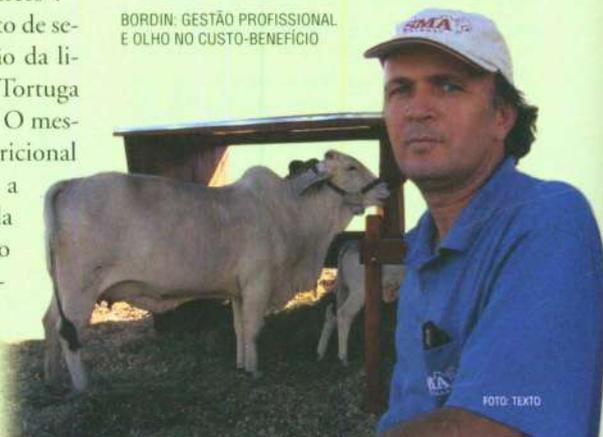


FOTO: TEXTO

Pavilhão de dois andares dobra terminação no RS

De Carli Suinocultura inova com instalações duplas e aumenta produção.

A necessidade de expansão da criação em uma área limitada não impediu o tradicional criador de suínos de Carazinho (RS), Alcides De Carli, de aumentar suas instalações. Ele partiu para uma decisão pouco usual: a construção de um novo pavilhão sobre o anterior. O resultado foi a duplicação do número de animais terminados por ciclo, passando de 400 para 800 cabeças.

Com plantel de 500 matrizes, a De Carli Suinocultura termina cerca de 14 mil cevados por ano. E com indicadores produtivos muito positivos, como a taxa de mortalidade de 1,21% na creche e de 0,65% na engorda, informa o gerente da granja, Marcel Karlinski. “Vendemos 27,5 leitões por fêmea/ano”, complementa.

O galpão de dois andares resolveu um problema momentâneo, mas o mercado é dinâmico e a De Carli Suinocultura não pára de crescer. Assim, Alcides De Carli partiu para a construção de um novo pavilhão, onde engordará mais 1.000 cabeças.

Com esse novo investimento, que está em fase adiantada, a propriedade passará a engordar 21 mil animais por ano. NT



NA FOTO MAIOR, O PAVILHÃO DUPLO E O GALPÃO EM CONSTRUÇÃO. NA FOTO MENOR, MAURÍCIO ZANCANARO (TORTUGA), MARCEL KARLINSKI (DE CARLI SUINOCULTURA) E RAFAEL RIBEIRO (TORTUGA)



O encontro das 1.200 mulheres que amam o leite

Elas são associadas da Cooperativa Santa Clara e participaram da nona edição do evento feito para valorizar o seu trabalho na produção leiteira.

Nem a chuva forte foi empecilho. Aos poucos, os ônibus foram chegando ao Salão Paroquial de Parafá (RS). Foram um, dois, dezenas. No total, mais de 1.200 mulheres juntas, para acompanhar um evento...de leite.

Sim, mulheres de todas as idades, especialmente mães de família, deslocaram-se de mais de 70 cidades distantes até 200 km de Parafá para um ritual sagrado a cada dois anos: participar do Encontro de Mulheres com Atividade no Leite, iniciativa da Cooperativa Santa Clara, que em 2008 chegou à nona edição. "Este evento é uma homenagem à mulher, que trabalha diariamente com o leite e ajuda a Santa Clara a produzir 500 mil litros/dia. Sua participação na propriedade é fundamental para a atividade leiteira da cooperativa e desenvolvemos esse encontro para mostrar a elas o nosso agradecimento", resume Rogério Bruno Sauthier, presidente da Santa Clara.

Aos 96 anos de existência, a Santa Clara é um exemplo de cooperativa leiteira no Rio Grande do Sul e a mulher tem participação indispensável no su-

cesso da atividade ao longo desses quase cem anos. "O leite é um negócio de detalhes, dedicação e trabalho, atributos que a mulher domina muito bem", ressalta Rogério Sauthier.

A primeira edição do Encontro de Mulheres com Atividade no Leite ocorreu em 1995, por iniciativa do departamento técnico e de fomento da Santa Clara, coordenado por João D. Seibel. Naquele ano, participaram do evento em torno de 600 mulheres. O encontro foi crescendo, ganhando força e atraindo cada vez mais o público feminino, até atingir a incrível marca das 1.000 mulheres. Em 2008, novo recorde, com mais de 1.200 presenças. "E não se vêm apenas senhoras. Jovens e até crianças participam do evento, o que mostra que a atividade leiteira da Santa Clara é um negócio de mães para filhas", ressalta Alexandre Guerra, diretor administrativo e financeiro.

A programação do encontro incluiu temas técnicos. O pesquisador Artur Chinellato de Camargo (Embrapa Pecuária Sudeste) falou sobre o leite em pequenas e médias propriedades. O médico Fredy

Enrique Pérez Salazar abordou a vida saudável, destacando a importância da opção por alimentos sem agrotóxicos e ricos em vitaminas e fibras. No encerramento, apresentação do grupo teatral Viramundos, da Universidade de Passo Fundo.

A Tortuga foi parceira do IX Encontro de Mulheres com Atividade no Leite, da Cooperativa Santa Clara. O gerente da unidade em Parafá, Arlei Schwarzbach, agradeceu à participação da empresa do vento. NT

O EVENTO DA COOPERATIVA SANTA CLARA PARA AS MULHERES QUE TRABALHAM COM A PECUÁRIA DE LEITE É O MAIOR DO BRASIL. "É NOSSA HOMENAGEM A ELAS, QUE SE EMPENHAM COM DEDIÇÃO E CARINHO", RESSALTA O PRESIDENTE ROGÉRIO SAUTHIER, 2º À ESQUERDA, NA FOTO MENOR.



FOTO: TEXTO



BOM ANO PARA A *suinocultura gaúcha*

Valdecir Folador, presidente da Acsurs, é otimista em relação ao desempenho da atividade, com mais renda para o criador.

Em 2008, a suinocultura gaúcha deverá crescer perto de 10%. Para isso, contam o ânimo do criador – em alta após bom desempenho no ano passado – e o aumento das exportações de carne do Rio Grande do Sul, que em 2007 atingiram 295 mil toneladas ou 49% do total embarcado pelo País.

Para Valdecir Folador, presidente da Associação dos Criadores de Suínos do Rio Grande do Sul (Acsurs), o cenário econômico do País também ajuda. “Os indicadores de melhoria da renda da população apontam diretamente para o maior consumo de proteínas animais. E a carne suína tem grande potencial de crescimento”, assinala Folador, representante da terceira geração de uma família de suinocultores gaúchos em Barão do Cotegipe (RS).

O presidente da Acsurs aponta uma série de fatores positivos para a suinocultura gaúcha e brasileira a curto prazo. Os preços do suíno estão em bom momento, em que pese a elevação dos custos dos insumos, como milho e farelo de soja. “A preferência dos agricultores pela exportação dos grãos afeta diretamente o criador, mas a demanda está em bom patamar e os preços recebidos na granja cobrem as despesas e sobra alguma margem para o suinocultor reinvestir”, explica Folador.

Presidente da Acsurs há três anos, Valdecir Folador coloca sua experiência de duas décadas na suinocultura em prol da atividade, que congrega cerca de 10 mil criadores no Rio Grande do Sul, responsáveis por plantel de 300 mil matri-



FOLADOR (3º À DIREITA), COM MAURICIO ZANCANARO E ERICH FUCHS (TORTUGA) E SUINOCULTORES GAÚCHOS: SUÍNO BRASILEIRO É DIFERENCIADO

zes. “São claros os avanços da produção, especialmente na última década, com o melhoramento genético e os ganhos com a nutrição e a sanidade animal. Empresas como a Tortuga, que oferecem tecnologias modernas ao criador, são fundamentais nesse processo”, ressalta o dirigente.

Os resultados concretos dos investimentos feitos em nutrição, saúde, genética e manejo são verificados na ponta, com o aumento do consumo de carne suína. Em 2007, a demanda por habitante superou 13 kg, o que foi comemorado por Folador. “Sem dúvida, ultrapassamos uma barreira. E outras cairão, pois a carne suína produzida no Brasil é de alta qualidade. Falta apenas mais divulgação”, ressalta o presidente da Acsurs.

Neste sentido, a entidade gaúcha é parceira da campanha da Associação Brasileira dos Criadores de Suínos (ABCS) que objetiva incentivar ações em pontos de venda para mostrar novos cortes e valorizar a qualidade dos produtos. “Precisamos fomentar a informação, atraindo

**“A CARNE SUÍNA
TEM TODAS AS
CONDIÇÕES DE CRESCER
NA PREFERÊNCIA DOS
CONSUMIDORES.
PARA ISSO, É PRECISO
DIVERSIFICAR OS
CORTES E MOSTRAR
QUE TEMOS OPÇÕES”**

novos consumidores. Novos cortes são fundamentais nesse processo. A carne suína é a mais consumida no mundo e há países, especialmente os europeus, onde a demanda por habitante supera 70 kg/ano. Temos desafios muito grandes pela frente, mas temos um produto diferenciado para vencer os tabus”, sintetiza Folador. NT

Referência em Brahman no Brasil, QUERENÇA QUER MAIS

A seriedade do trabalho e o melhoramento genético contínuo da Querença a transformaram, rapidamente, em marca de respeito no Brahman.

A história da Querença Empresa Rural Agricultura e Pecuária com a raça Brahman começou em 1992, quando foram realizados os primeiros contatos com criatórios dos Estados Unidos para formação do seu plantel elite. E tomou impulso três anos depois, quando ocorreu a importação do primeiro macho daquele país. A partir de então, a história deste projeto pecuário diferenciado cresce de maneira acelerada. Hoje, o plantel da Querença conta com cerca de 1.200 matrizes em processo de cruzamento por absorção, inseminadas com Brahman, e mais de 5.000 fêmeas em recria com objetivo de produzir receptoras e também produtos para abate.

A Querença volta todos os seus investimentos exclusivamente para o melhoramento genético e a prestação de serviços, com a proposta de se tornar referência mundial em gado Brahman. E está conseguindo. A propriedade possui cerca de 5.200 hectares, divididos entre duas unidades (Inhaúma e Uberaba), em Minas Gerais. Desse total, cerca de 60% são pastagens formadas, majoritariamente por *Brachiaria brizantha*, rotacionadas com cinco dias de pastejo e 35 dias de descanso.

E não são apenas o pioneirismo e a grandeza que marcam a trajetória desta empresa. A Querença também volta sua atenção para a melhoria contínua da qualidade dos serviços prestados. De acordo com o diretor Moisés Campos, em maio de 2008 deverá ocorrer a inauguração de uma central de transferência de embriões *in-vitro* (FIV) na unidade de Uberaba (MG). O laboratório terá capacidade para 4.000 transferências/mês e já iniciará suas atividades com 600 transferências.

“Uma das principais metas para 2008 é a consolidação de nossa filial de

Uberaba. Além do laboratório de FIV, destacamos a intensificação dos serviços de hospedagem de animais, preparação para pista, aluguel do espaço para leilões e organização de cursos profissionalizantes e palestras”, declara Moisés Campos.

Desde 1995, a Querença figura regularmente entre os três principais criatórios de Brahman brasileiro, e também realiza o mais importante leilão da raça no País, sempre no primeiro sábado de setembro. Neste ano será a 9ª edição do Leilão Querença. Outro exemplo do sucesso está na disseminação de genética. Para Moisés Campos, cerca de 60% dos criatórios brasileiros já possuem algum produto Querença.

Toda essa qualidade dos produtos finais decorre da estrutura interna irretocável. Na Querença, a administração é conduzida por uma equipe essencialmente técnica e os cuidados administra-

tivos e de manejo são definidos com bases científicas e após muitos estudos. Veja o caso das pastagens, totalmente corrigidas e rotacionadas. Cerca de 600 hectares são cultivados a partir de consórcio com agricultores e 120 hectares são irrigados por pivôs. “Procuramos utilizar ao máximo o potencial da terra que dispomos, por meio de manejo avançado, evitando a aquisição de novos lotes. Com isso, diminuímos os impactos ambientais”, avalia Moisés Campos.

“Principalmente durante a época de seca, nossos cuidados com a nutrição tornam-se ainda maiores. Para não correr riscos estabelecemos parceria com a Tortuga, uma empresa séria e conceituada que carrega uma marca forte e de qualidade. Além disso, os nossos ideais são os mesmos”, ressalta Moisés, completando: “Para alcançar nossos maiores objetivos, acreditamos que parcerias com empresas com o mesmo DNA de sucesso da Querença e com diferenciais de qualidade e acompanhamento técnico impecável são fundamentais”. NT

MOISÉS CAMPOS (DIRETOR), MARIO CARPENA (GENETICISTA) E EVERALDO CAMPOS (GERENTE DE PRODUÇÃO): A QUERENÇA Foca o seu trabalho no melhoramento genético contínuo e na prestação de serviços



Mais ganhos com menos custos

Sólida parceria com a Tortuga proporciona superação de resultados do projeto pecuário de Wilson Piovezan, no Vale do Guaporé (MT).

Wilson Piovezan obtém, no Vale do Guaporé (MT), excelentes resultados com o uso de Fosbovi Protéico 45 nas épocas mais exigentes do ano.

No Estado de Mato Grosso, a região do Vale do Guaporé é reconhecida como excelência na criação de bovinos em regime de pasto. Os municípios que formam o Vale do Guaporé são Pontes e Lacerda, Vila Bela da Santíssima Trindade, Comodoro, Vale do São Domingos e Nova Lacerda.

O pecuarista Wilson Piovezan tem suas atividades concentradas no município de Pontes e Lacerda, portanto 100% no Vale do Guaporé, atuando no ciclo de recria e engorda de bovinos totalmente em pasto.

É firme a parceria entre ele e a Tortuga, contato capitaneado pelo gerente Francisco Corrêa, cujos trabalhos realizados com os produtos Tortuga sempre deram excelentes resultados. Em 2007, foi implantado um novo trabalho em um grupo de 4.000 animais em fase de engorda totalmente em regime de pasto, recebendo única e exclusivamente Fosbovi Protéico 45 no cocho. Deste total, 1.350 animais foram pesados após 15 dias do início da suplementação com o produto em avaliação. A divisão dos lotes obedeceu a três classificações básicas: a) Nelore ou anelorado; b) pretos; c) mestiços e de outras raças.

GADO PRECOZE E PESADO:
GANHOS COM O FOSBOVI PROTÉICO 45

O desafio para este ano contemplou dois grupos: o primeiro com animais que vinham recebendo suplementação com Fosbovi Engorda, portanto com curva ascendente de ganho de peso; o segundo constituído por bovinos pesando acima de 430 kg de peso vivo. Os desafios eram, pois, manter o desempenho dos animais do grupo que apresentava boa média de ganho de peso diário (GPD) e fazer com que os animais pesados (430 kg) mantivessem o peso e, se possível, ganhassem um pouco mais em plena seca. E isso aconteceu.

Apesar de a maioria dos animais ainda estar em regime de engorda na data da realização desta reportagem, os dois primeiros lotes abatidos deixaram os parceiros extremamente animados. Isso desencadeou a vontade de mostrar os resultados alcançados, provando que existe alternativa que alia simplicidade, tecnologia e lucratividade e que redundam em lucro para a pecuária extensiva durante a seca.

Os lotes descritos são de animais provenientes de compra efetuada logo após a desmama. Foram recriados em arrendamento e quando completaram 20 meses de idade foram trazidos para engorda e terminação na Fazenda Sararé, completando 32 meses na data do abate.

Os resultados alcançados foram:

LOTE 1:

85 ANIMAIS INTEIROS (ANELORADOS)

DATA DA PESAGEM:	15/05/2007
DATA DO ABATE:	20/08/2007
PESO INICIAL:	433,7 kg
DIAS DE SUPLEMENTAÇÃO:	97 DIAS
GPD:	676 g
CONSUMO DE PROTÉICO 45 (MÉDIA DO PERÍODO):	300 g
RETORNO POR REAL INVESTIDO:	R\$ 4,63

LOTE 2:

116 ANIMAIS INTEIROS (MESTIÇOS)

DATA DA PESAGEM:	15/05/2007
DATA DO ABATE:	13/08/2007
PESO INICIAL:	465,5 kg
DIAS DE SUPLEMENTAÇÃO:	90 DIAS
GPD:	740 g
CONSUMO DE PROTÉICO 45 (MÉDIA DO PERÍODO):	329 g
RETORNO POR REAL INVESTIDO:	R\$ 5,35

Os números do ganho de peso e do custo sozinhos já impressionam e, quando somados à qualidade de acabamento de carcaça, justificam a satisfação dos parceiros.

Fica aqui demonstrado de maneira clara aos pecuaristas que é possível obter excelentes resultados na época da seca, bastando, para tanto, associar tecnologia, qualidade e seriedade dos dois lados do negócio.

CRISTIANO PEDRO ALBERTON
Médico veterinário, DSc, CRMV-MT 2070
Supervisor técnico-comercial da Tortuga (MT)



FAZENDA DESCANSO

conquista as pistas

Propriedade de João Augusto Botelho do Nascimento, no Rio Grande do Sul, é destaque nas exposições e nos resultados produtivos de ovinos e bovinos.



FOTO DIVULGAÇÃO

FAZENDA DESCANSO 26ª,
GRANDE CAMPEÃ EXPOINTER 2007

Na Expointer 2007, a Cabanha Fazenda Descanso, de São Martinho da Serra (RS), teve seu trabalho reconhecido nas pistas de julgamentos da raça Suffolk, obtendo o grande campeonato nas fêmeas. A cabanha ainda foi laureada com o troféu 'José Ronald Bertagnoli', oferecido à cabanha mais premiada do ano na raça Suffolk.

Esses prêmios coroaram o trabalho do criador, funcionários da cabanha e das parcerias com seus fornecedores. Sendo com grande alegria que podemos hoje agradecer o empenho dos colaboradores da Tortuga na troca de experiências e emprego de tecnologias, buscando sempre soluções para os momentos mais difíceis, aceitando sempre os desafios propostos na busca de melhores *performances* como altos ganhos de peso em tenras idades e

desenvolvimento dos animais, expondo seus produtos a situações extremas sempre com a tranquilidade de quem sabe o que está oferecendo ao produtor.

Com a assistência técnica prestada pelos profissionais da Tortuga – Luiz Francisco Biacchi Filho, gerente da Fronteira (RS), e Giuliano Sousa, representante Santa Maria (RS) – e utilizando a linha de minerais da Tortuga Ovinofós e Caprinofós, o criador fica tranqüilo para produzir suas rações na propriedade, tendo a certeza de obter os melhores resultados nas pistas mais concorridas do País. A Grande Campeã da Expointer 2007, Fazenda Descanso 26ª, com 358 dias, apresentou peso de 118 kg, com ganho médio diário de 329,5 g, com prenhez confirmada aos 330 dias de vida.

A Fazenda Descanso vem utilizando a linha de minerais e proteinados da Tortuga para bovinos e ovinos obtendo, ano após ano, melhores resultados na cria, recria e terminação de bovinos, assim como na cria, recria, terminação e canha de ovinos desde 2002 e hoje não abre mão de contar sempre com essa marca a seu lado.

Na cria de bovinos, conseguimos baixar os índices de retenção de placenta a quase zero, utilizando o mineral com 90% de fósforo (Fosbovi Reprodução), sendo disponibilizado para consumo à vontade das vacas de cria durante o ano. Para os terneiros, temos utilizado com sucesso Fosbovinho, sendo que este utilizamos quando do desmame dos terneiros nos primeiros 30 dias. Na seqüência, passamos para Fosbovi Reprodução misturado a sal branco para diminuir um pouco o consumo, pois estes terneiros

ficam em pastagem de azevém, conseguindo, assim, ganho médio de até 1,6 kg ao dia. Dessa forma, os terneiros vão para abate aos 13 meses, com 350 kg. Com os terneiros mais leves, utilizamos terminação mais tardia aos 18 meses de idade, utilizando-se pastagem de aruana no verão com sal proteinado da Tortuga, conseguindo-se neste sistema ganho médio diário de 1,2 kg.

Na cabanha de ovinos Suffolk, Texel e Crioula, utilizamos em todas as categorias a linha Ovinofós, sempre sendo disponibilizada à vontade para os animais. Isso nos permite desempenhos muito bons, obtendo campanhas primorosas nas pistas da Expointer e nos rebanhos de corte, obtendo cordeiros prontos para abate aos 120 dias com escore corporal de 3 a 3,5 e peso médio de 42 kg, proporcionando ganho médio diário de 350 gramas nos cordeiros, sendo que, além do mineral, os animais ficam em pastagem de azevém e campo nativo.

A propriedade Fazenda Descanso entrou em um novo desafio em 2007, o projeto cordeiro de qualidade ARCO. Basicamente, consiste na produção de cordeiros com carcaça de 16 a 22 kg com acabamento de carcaça 3 a 3,5 com, no máximo, 12 meses de idade com rígidos esquemas nutricional, sanitário e genético com os quais procuramos produzir as melhores carcaças com o acabamento exigido pelo mercado consumidor, visando alcançar os melhores nichos mercadológicos.

JOÃO AUGUSTO BOTELHO
DO NASCIMENTO
Médico veterinário, CRMV RS 6817
Proprietário da Cabanha Fazenda Descanso

“COM A LINHA DE MINERAIS OVINOFÓS E CAPRINOFÓS, DA TORTUGA, O CRIADOR TEM CERTEZA DE OBTER OS MELHORES RESULTADOS”

MAURICÉIA, *a tecnologia da avicultura nordestina*

“Produzir alimentos de maneira rentável preservando características regionais e, ao mesmo tempo, evoluir com a demanda dos mercados mais exigentes”, eis o lema da Mauricéia.

Uma visão futurística, para muitos utópica, mas como é de se esperar de empresas de sucesso, lema que está no dia-a-dia de uma das maiores empresas da agroindústria nordestina, a Mauricéia Alimentos.

No mercado de produção de frangos desde 1979, o até então produtor independente Marcondes Antônio Tavares de Farias, movido pela necessidade de expansão da atividade e visualizando no modelo de integração a forma viável de crescer mobilizando capital na compra de matérias-primas, em 1988 fundou a

Mauricéia Alimentos, empresa pernambucana que hoje já participa ativamente do agronegócio de vários Estados da região Nordeste.

O sistema de integração possibilitou o desenvolvimento da produção de frangos de maneira verticalizada. Os parceiros integrados sempre tiveram todo o apoio técnico e financeiro para a expansão do número de granjas e para sua tecnificação, aumentando sobremaneira a capacidade de alojamento regional, ao mesmo tempo em que a empresa direcionava seus investimentos diretos na especialização da produção de rações e de pintos de corte e no aprimoramento da visão empresarial da atividade.

A visão de que a qualidade e os custos dos insumos são fatores determinantes

para o sucesso fizeram com que a fábrica de rações, a granja de matrizes e o incubatório tivessem destaque no plano de investimentos da empresa garantindo, assim, os suprimentos para o aumento da produção.

A oferta de rações comerciais, que coloca toda a qualidade dos produtos Mauricéia à disposição de outros produtores regionais, também proporcionou o aumento dos volumes de produção e, com isso, competitividade maior na compra de matérias-primas, algumas delas atualmente importadas diretamente pela empresa, como vitaminas, aminoácidos e outros aditivos.

As características regionais de ‘mercado de frango vivo’ determinaram a produção dos primeiros dez anos da em-



MARCONDES FARIAS: EM 20 ANOS, MAURICÉIA TORNOU-SE REFERÊNCIA NA AVICULTURA DO NORDESTE

DA GEMA, MARCA DE OVOS DE CONSUMO DA MAURICÉIA, RESPONDE POR 430.000 UNIDADES/DIA DA BAHIA AO CEARÁ. UNIDADE TAMBÉM JÁ É CERTIFICADA COM SELO DE BOAS PRÁTICAS DE FABRICAÇÃO (BPF)

presa. Porém, mais uma vez a visão empresarial determinou a diversificação dos investimentos e, em 1998, entrou em atividade o abatedouro de aves, otimizando toda a cadeia produtiva. Ainda assim, a preocupação em atender às necessidades regionais determinou que, uma década após o início das atividades do abatedouro, a empresa ainda mantenha 50% da produção atual de 2,5 milhões de frangos mês para o mercado de aves vivos.

Pernambuco estava pequeno para a Mauricéa e as características de tributação diferentes para cada Estado fizeram com que, em 2000, um braço da empresa nascesse na Paraíba, abastecendo assim parte daquele Estado com frangos vivos.

Atualmente, o abatedouro trabalha com uma gama de produtos que vai desde o frango inteiro, passando pelos cortes especiais, até os produtos temperados, abastecendo os Estados de Alagoas, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte com duas marcas: Mauricéa e Belasa, esta última adquirida de uma rede de supermercados e mantida para abastecê-la.

Mais uma vez a questão dos insumos determinou os rumos da expansão e assim, em 2002, iniciou-se o projeto Bahia, um arrojado empreendimento visando estabelecer uma unidade nas proximidades de uma zona produtora de grãos, o Oeste baiano (região de Luis Eduardo Magalhães), que passou a receber os novos investimentos. Unidade receptora de grãos, granja de matrizes, incubatório, integração de frangos e abatedouro – ciclo completo, que já está parcialmente em atividade. O abatedouro iniciará suas atividades ainda em 2008 com capacida-

de instalada para 150.000 aves/dia (com estrutura física para 300.000 cabeças), o que dobrará a produção da empresa. “Serão 3 milhões de aves/mês produzidas na Bahia, 100% delas abatidas”, comenta o diretor-presidente da Mauricéa, Marcondes Farias.

A conciliação da expansão com o respeito às condições regionais mais uma vez surpreendem. São dois perfis diferentes de investimentos: na Bahia, o novo projeto permite a padronização das instalações, com 100% dos galpões de frangos e matrizes segundo o mais alto padrão tecnológico (pressão negativa, ambiente controlado etc); em Pernambuco, como já existem as instalações e as parcerias com os integrados, os investimentos são feitos no sentido de proporcionar a adequação tecnológica dos parceiros para que tenham a possibilidade de obter os resultados de ponta da atual avicultura. “O Estado de Pernambuco tem um diferencial importante: a qualidade da mão-de-obra, disposta e apta a se adequar às novas tecnologias”, explica Farias.

Em 2004, mais uma oportunidade: a Mauricéa adquiriu na Paraíba uma unidade produtora de ovos de consumo, que coloca 430.000 unidades/dia no mercado, com a marca Da Gema, abastecendo supermercados da Bahia ao Rio grande do Norte e, mais recentemente, chegando ao Ceará.

Marcondes Farias combate as dificuldades, incertezas do mercado e necessidades constantes de adequação com esta verdadeira revolução no mercado avícola nordestino. “A atividade é dura, mas vale a pena”, repete.

Todo o empreendimento da Mauricéa recebe atenção especial no que diz respeito a um quesito importantíssimo na produção avícola: o controle de qualidade, atendendo às atuais demandas de mercado e às certificações de qualidade para a produção.

“A unidade produtora de ovos já está certificada com o selo BPF (Boas Práticas de Fabricação), tanto a fábrica de rações quanto a classificação de ovos”, comenta Josilene Borba, gerente industrial e responsável pelo monitoramento da qualidade na empresa. Ela acrescenta: “agora estamos com a fábrica de Carpina em processo de certificação, inclusive com equipamentos de ponta como o *expander*, que proporcionará melhor qualidade e segurança da ração de toda a integração. Depois certificaremos as demais unidades”.

Tanto a certificação quanto à preocupação com a qualidade de seus produtos fazem com que a empresa tenha especial cuidado com a seleção dos fornecedores, suas homologações e constante auditoria de qualidade para que a segurança de toda a cadeia seja mantida.

Segurança alimentar, mais que um objetivo, um conceito, um hábito que une empresas afins para que a cadeia se beneficie. A Tortuga, empresa certificada com o Nível 3 do Programa Feed & Food (BPF), se orgulha da parceria de sete anos com a Mauricéa Alimentos fornecendo os minerais na forma orgânica para a produção de rações e parabeniza seu presidente, Marcondes Farias, e toda a equipe da empresa pelo sucesso nestes 20 anos de mercado. **NT**

INOVAÇÃO

CENÁRIOS PARA O LEITE

Entre o otimismo e o cuidado redobrado

Estudo traça quatro cenários para a produção de leite no Brasil até 2020. Projeções variam entre o quadro perfeito e o baixo crescimento da atividade.

Uma das primeiras vantagens da profissionalização do agronegócio brasileiro é a capacidade de traçar projeções sobre as várias atividades, o que pode preparar os produtores para possíveis épocas magras ou avisar da chegada de momentos mais favoráveis para investir. Prova disso é o estudo “Cenários para o Leite até 2020”, que acaba de ser divulgado a partir de parceria entre a Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB), a Confederação Brasileira das Cooperativas de Laticínios

(CBCL), o Sebrae e o Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). A pesquisa foi realizada sob a coordenação da AgriPoint e entrevistou 165 especialistas, entre abril e agosto de 2007. O objetivo do projeto é descobrir os caminhos que a produção de leite pode percorrer nos próximos 12 anos. O estudo resultou em quatro possibilidades de cenários, que o Noticiário Tortuga divulga em detalhes.

PRIMEIRO CENÁRIO

Crescimento continuado

Dos quatro panoramas traçados, este é o que tem mais chances de se concretizar, pois é encarado como resultado de forças atuantes já conhecidas. Segundo esse

cenário, o País aumenta a produção de leite seguindo taxas históricas e superiores ao aumento do consumo. O resultado é o superávit estrutural destinado ao mercado externo que chegará, em 2020, a quase 5 bilhões de litros/ano. Os especialistas concluíram que neste cenário há concentração da produção. Também são possíveis inovações para desenvolver o mercado de forma competitiva e iniciativas de sucesso envolvendo a sustentabilidade, especialmente por meio do marketing institucional. A qualidade da matéria-prima evolui, mas a informalidade ainda persiste em níveis razoáveis. Em resumo: a atividade avança, mas vários desafios observados hoje na produção de leite persistem.



SEGUNDO CENÁRIO

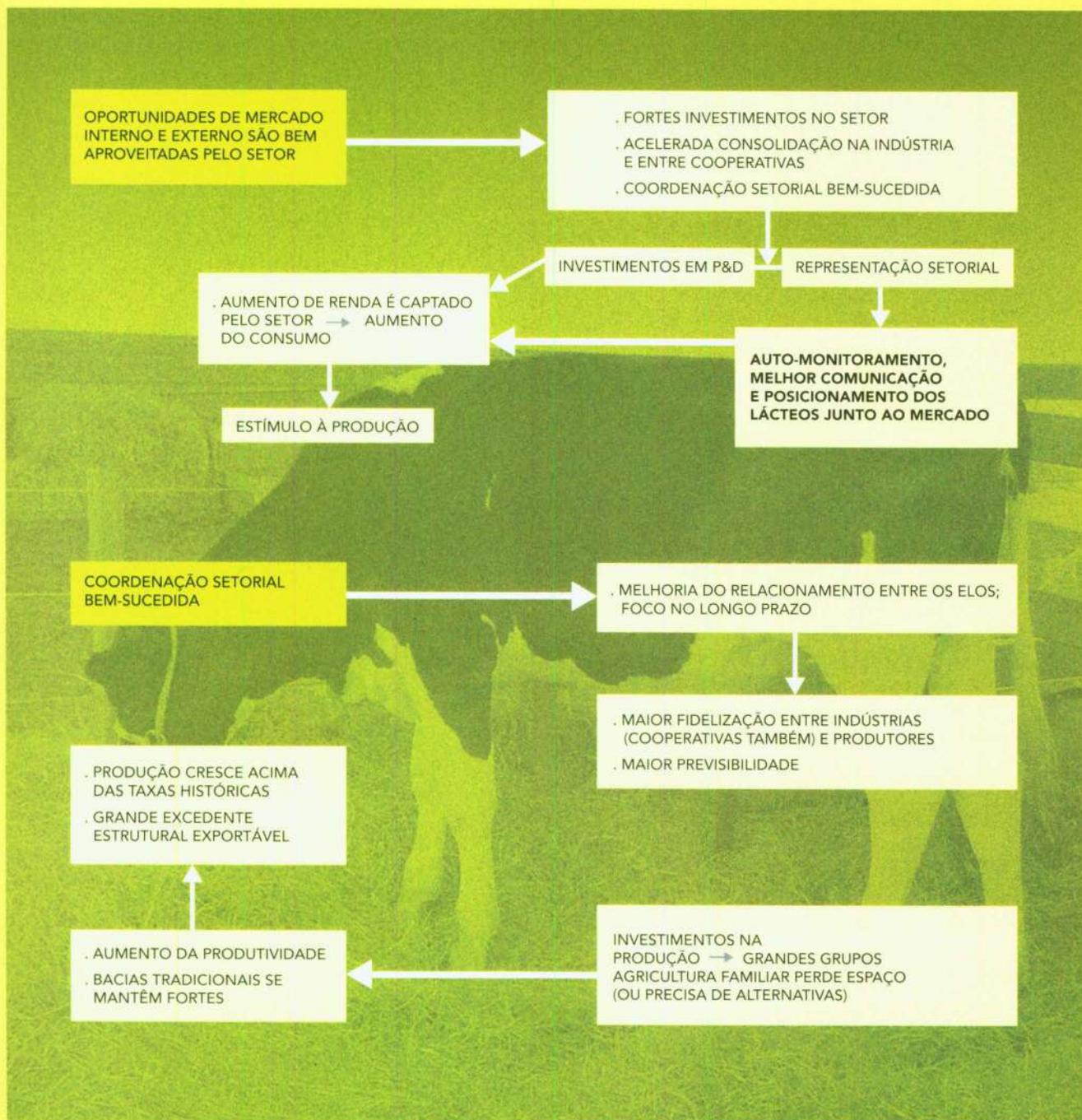
Leite, a nova estrela do agronegócio

O segundo cenário traçado é de panorama brasileiro e mundial com grandes investimentos em novas plantas industriais, o que estimula o aumento da produção de leite. As taxas ultrapassam significativamente a média histórica. Mesmo com o consumo inter-

no com crescimento satisfatório, embasado especialmente no tripé renda-marketing-inovação, os excedentes para exportação são consideráveis e podem atingir a marca de 10 bilhões de litros de leite/ano, em 2020.

Segundo este cenário, o Brasil se firma definitivamente no mercado internacional. A concentração na produção se mantém significativa e o mercado opera com míni-

ma interferência do governo. Na projeção, o Sudeste continua sendo a principal região produtora, seguido mais de perto pelo Sul. O leite adquire contornos mais próximos dos verificados em outros países, como Nova Zelândia e Estados Unidos, com produção ancorada na escala e na eficiência de custos. Ocorre, assim, estímulo à produção de leite no País.



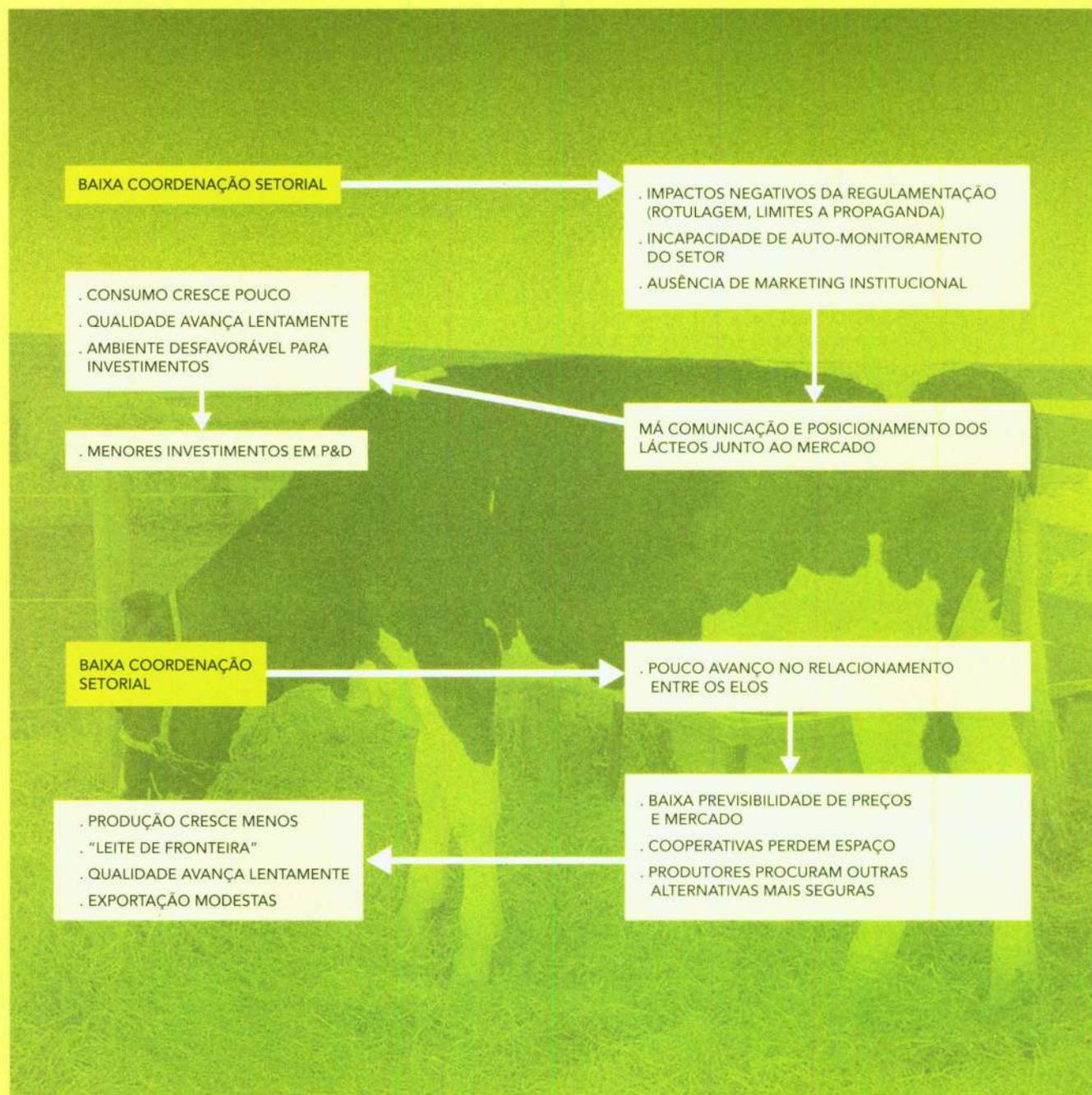
TERCEIRO CENÁRIO

O futuro desperdiçado

Este é o cenário mais pessimista. Segundo alguns especialistas, existe a possibilidade de o setor não conseguir superar como deveria os atuais desafios. Assim, o conflito entre os elos se mantém ou até aumenta, inviabilizando iniciativas consideradas importantes para o crescimento sustentável da atividade. A au-

sência de coordenação setorial impede a organização do setor, o auto-monitoramento e a execução de ações em prol da sustentabilidade. A produção cresce notadamente nas áreas de fronteira, muito mais por falta de opção de agricultores sem assistência e alternativas econômicas do que por atratividade como negócio. Fraudes e sonegação tornam-se comuns, afastando empresas inovadoras e multinacionais, que escolhem investir em ou-

tros segmentos. O setor não se articula em entidades de representação e pouco influencia a regulamentação técnica relativa aos alimentos e às políticas públicas. A produção cresce em níveis menores do que a média histórica e o superávit exportável é relativamente pequeno, alterando pouco o *status* brasileiro no mercado internacional. Dos quatro, ele certamente é o cenário menos desejado e que os produtores mais precisam evitar.



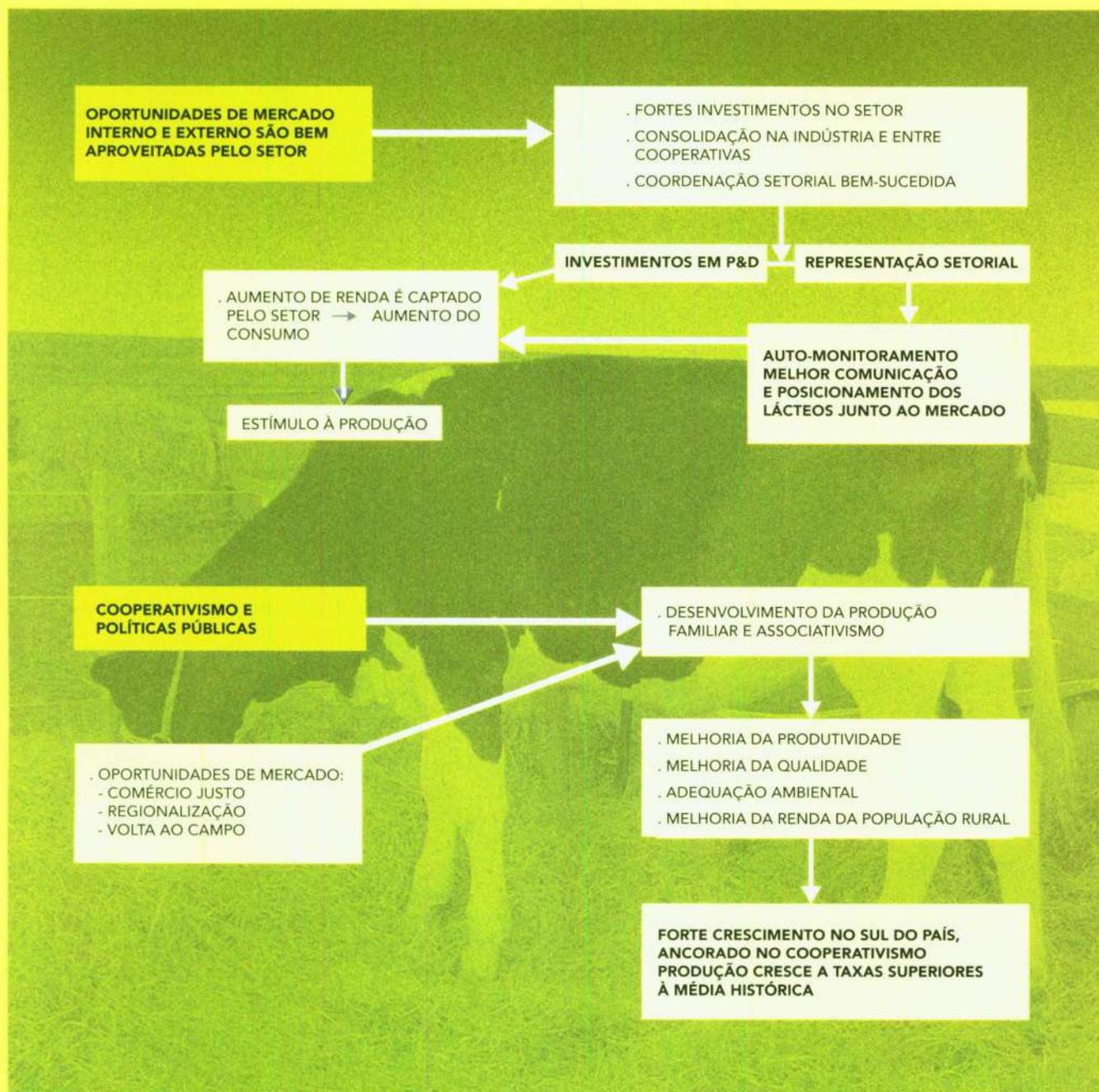
QUARTO CENÁRIO

Agricultura familiar e competitiva

Para os produtores de leite no Brasil, este cenário poderia ser encarado como o grande objetivo. De acordo com o estudo, ele é marcado pelo alto desempenho da atividade, que apresenta crescimento acima da média histórica, ancorado na agricultura familiar. Destaca-se a região Sul, que quase se equipara à região Sudeste em quantidade de leite

produzido. O enfoque na agricultura familiar e no cooperativismo é outra marca considerável. As cooperativas crescem em importância, o relacionamento entre os elos se harmoniza e o setor utiliza ações setoriais, como o marketing institucional e a inovação, para aproveitar as oportunidades de mercado. As crescentes exigências ambientais e sanitárias são bem assimiladas, permitindo ampla inserção internacional. O País tem destaque em novas tendências que se consolidam na

sociedade, como a produção de leite orgânico e a sustentabilidade ambiental da atividade. Neste cenário, o governo tem papel importante na reestruturação do sistema oficial de extensão e na disponibilização de crédito para a agricultura familiar. Aparece, no entanto, espaço para produtores de grande porte, que encontram nas grandes processadoras um mercado crescente, estimulando o investimento em escala e qualidade. **NT**



CONFINAMENTO DE BOVINOS DE CORTE ESTÁ EM EXPANSÃO

O sistema de confinamento é tanto uma estratégia nutricional como uma necessidade crescente, em função dos avanços e da tecnificação da pecuária de corte nacional.

Se tivéssemos a oportunidade de voltar no tempo, mais precisamente para as décadas de 1960 e 1970, um ponto que nos chamaria a atenção na pecuária de corte brasileira seria, seguramente, a realização de uma atividade com características essencialmente extrativistas, sem as diretrizes e conceitos atuais, que norteiam a atividade moderna.

Anseios, tendências e indícios de avanço eram evidentes, porém sempre estabelecidos em função da estacionalidade da produção forrageira, que apresentava duas fases muito bem definidas: safra (período das águas) e entressafra (período da seca).

Nesse contexto, a oferta de carne aos brasileiros seguia a estacionalidade forrageira, obrigando a população a comprar em determinadas épocas do ano carne congelada, estocada pelos frigoríficos durante os meses de chuvas, uma vez que fora desse período era muito difícil encontrar animais prontos para o abate, em virtude da menor disponibilidade das pastagens.

Estas dificuldades, no entanto, fizeram-se um importante aprendizado, conscientizando os pecuaristas de que a fase seca era o principal gargalo dos sistemas de produção de carne em regime de pasto (Embrapa, 1995) e estratégias como o confinamento de bovinos poderiam minimizar as dificuldades, além de tornar viável a produção de carne no período de entressafra.

Desse modo, os investimentos na atividade de confinamento iniciaram-se nesse período, ainda que de forma bastante simplista, porém cumprindo o papel primordial de fomentar e difundir a técnica em todo o País.

Quase três décadas após o início no Brasil, o sistema de confinamento encontra-se em outro patamar, sendo, além de estratégia nutricional, uma necessidade crescente, em função dos avanços e da tecnificação da pecuária de corte nacional.

Diversas vantagens podem ser atri-

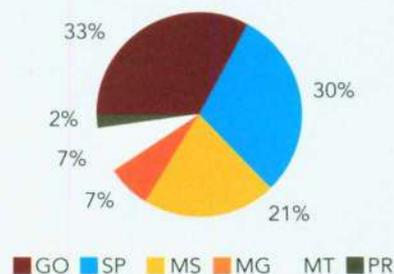
buidas ao confinamento. Tais benefícios são diretos e indiretos, destacando-se entre eles os seguintes itens:

- . **Otimização e aumento** da taxa de lotação das fazendas, elevando a produtividade por área (@/ha/ano);
- . **Utilização das áreas** de pastejo para outras categorias animais, justamente no período mais crítico do ano, que corresponde ao período da seca;
- . **Redução do ciclo** de produção de bovinos, devido aos elevados ganhos de peso no confinamento;
- . **Aumento do giro** de capital, por antecipação da idade de abate e, conseqüentemente, de receitas (boi de ciclo curto);
- . **Elevada produção** de adubo orgânico;
- . **Produção de animais** de qualidade, em escala industrial, com carcaças desejáveis e por ocasião da entressafra, quando a arroba vale mais;
- . **Utilização de co-produtos** para alimentação dos bovinos, com destaque para caroço de algodão, polpa cítrica, casca de soja e bagacinho de cana;
- . **Aumento dos lucros** e rentabilidade das propriedades rurais;
- . **Possibilidade de se estimar** precisamente os custos de produção, facilitando dessa forma a tomada de decisão, no sentido de fechamento de contratos de fornecimento de carne, seja na BM&F, boi a termo ou mercado de opções;
- . **Manutenção do fluxo** de caixa na propriedade.

Dentro das condições atuais, o segmento de confinamento vem crescendo em todas as regiões do Brasil. Entretanto, Estados como São Paulo, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e principalmente Goiás têm se destacado, concentrando segundo pesquisa do Beefpoint (2005) percentual superior a 80% dos animais confinados, além

de confirmar a tendência de aumento de escalas (grandes projetos) e a migração para as principais áreas agricultáveis do País.

CONFINAMENTOS NO BRASIL, POR ESTADOS (%)



Estas tendências se embasam no crescimento significativo do número de animais confinados observado nos últimos anos, que no início da década de 1990 não chegavam a 1 milhão de animais e que em 2007, segundo estimativas da Scot Consultoria e do Jornal Valor Econômico, ultrapassaram 2,5 milhões de animais confinados.

A cada ano os confinamentos no Brasil galgam mais espaços e ganham importância, independentemente do mercado de atuação, seja este interno e/ou externo do País. Nesse sentido, acompanhando a evolução das exportações brasileiras (29% do mercado mundial), tem sido observado também o crescimento da participação de animais confinados (6,5% no número total de abates (44 milhões de cabeças), de acordo com dados do Anualpec (2007).

O cenário atual mostra a atividade de confinamento em acelerado processo de desenvolvimento, pautada em elevada eficiência produtiva e, principalmente, buscando alternativas e estratégias que permitam custos de produção técnico-econômicos viáveis.

AYDISON NOGUEIRA
Zootecnista, MSc, CRMV/Z-SP 2.017
Assistente técnico-comercial da Tortuga (SP)

Censo do confinamento em Goiás mostra força do Estado

Iniciativa pioneira da Assocon, que contou com o apoio da Tortuga, faz raio-x da pecuária intensiva goiana e confirma crescimento do segmento.

No ano passado, o Estado de Goiás concentrou 875.962 animais em confinamento, sendo 87% bois, 4,7% vacas de engorda, 4,3% recria, 3% bezerros e 1% cria. Dos 518 produtores do Estado, apenas 4% utilizam a BM&F como ferramenta de negociação ou *hedge* e 94,4% preferem negociar o valor da arroba diretamente com o frigorífico.

Esses são alguns dados do 1º Censo de Confinadores de Goiás, pesquisa pioneira no Brasil, realizada pela Assocon (Associação Nacional dos Confinadores) em parceria com o Governo do Estado de Goiás, a Federação da Agricultura e Pecuária de Goiás (Faeg), a Agência Goiana de Desenvolvimento Rural e Fundiário, sindicatos rurais, a Confederação Nacional de Agricultura e Pecuária do Brasil e a Federação da Indústria do Estado de Goiás (Fieg). A Tortuga colaborou para a realização do levantamento.

O censo revela, também, que apenas 69% dos confinadores goianos controlam o custo da produção. Dos animais abatidos, 73% são bois inteiros e a maioria dos produtores possui outras atividades, sendo 43,7% pecuária leiteira e 28,3% plantação de milho. A pesquisa mostrou um dado preocupante: 58% dos confinadores desconhecem o novo Sisbov (Eras).

Goiás foi escolhido pela Assocon para ter a primeira pesquisa de uma série por ser o Estado que reúne o maior número de confinamentos do Brasil. "A tendência é levarmos a iniciativa para as outras unidades", afirma Ricardo Merola, presidente da Assocon. "O censo nasceu com o objetivo de mensurar o número de confinadores e animais confinados, avaliar o comportamento dos responsáveis pelas propriedades e gerar informa-

ções relevantes para o desenvolvimento das atividades relacionadas ao agronegócio", complementa o dirigente.

Os dados para a pesquisa incluem 486 projetos pecuários, espalhados por 245 municípios goianos. A grande parte dos confinamentos é de pequeno porte, possui de 0 a 20 currais (92,6%), com capacidade de 51 a 100 animais/curral. Este dado sinaliza que boa parte dos quase 1 milhão de animais confinados em Goiás está reunida em pouco mais de 7% das propriedades que confinam. Além disso, 74% das fazendas fazem recria, sendo 90% em próprio pasto. Para o gerente de vendas da Tortuga em Goiás, Marcelo Teodoro van Leishout, todos os elos da cadeia produtiva ganham com o censo da Assocon. "Trabalharemos, agora, com dados reais, antes estimados. A pesquisa mostrou que a atividade pecuária no Estado está em pleno desenvolvimento", salienta Leishout.

"É a primeira vez que temos a situação tão bem estratificada e podemos avaliar, com precisão, o impacto desse segmento na economia goiana e o potencial da atividade de confinamento no Estado", comenta Juan Lebron, diretor operacional da Assocon. **NT**

CENSO DE CONFINAMENTOS DE GOIÁS ANALISOU DADOS DE 486 PROJETOS PECUÁRIOS



KROMIUM, *18 meses de vida e histórias de sucesso*

Em sua composição, o produto da Tortuga conta com vários minerais na forma orgânica, como cromo, selênio, cobre, zinco, ferro, manganês, cobalto e cálcio, o que lhe confere maior biodisponibilidade, que se reflete no animal pela melhor resposta imune, menores perdas pelo organismo e ação benéfica nos estados de estresse.

A história de Kromium se confunde com o desenvolvimento e avanço do segmento de equídeos de alto desempenho. Após 18 meses de lançamento, o produto acumula casos de sucesso e sua utilização torna-se referência e passa a ser indicado pelos grandes técnicos atuantes do segmento.

As características de Kromium chamam a atenção pelo fato de a sua composição básica praticamente ser toda composta pelos minerais na forma orgânica, como, por exemplo, cromo, selênio, cobre, zinco, ferro, manganês, cobalto e cálcio, o que lhes confere maior biodisponibilidade, o que se reflete no animal pela melhor resposta imune, menores perdas pelo organismo e ação benéfica nos estados de estresse.

Segundo vários estudos, o zinco é elemento necessário à manutenção da integridade da pele, além de participar na ossificação, evitando o aparecimento de transtornos osteoarticulares, e é importante para o crescimento e a reprodução. Sua deficiência caracteriza-se por lesões cutâneas que se iniciam acima dos cascos, localizando-se nos membros e estendendo-se até o ventre, o tórax e a cabeça, ocorrendo espessamento e queratinização da pele e perda de pêlo, que pode evoluir para ulcerações da pele com exsudato escuro e sujeito a infecções dérmicas.

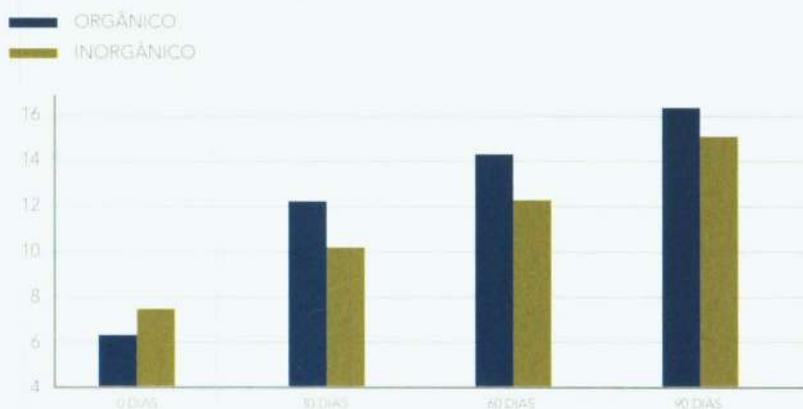
Já o selênio é indispensável para a manutenção do tecido muscular normal e está intimamente relacionado à vitamina E como estabilizador e protetor das membranas celulares. Janicki et al. (2001) observaram que 3 mg/dia de Se na forma orgânica, comparados ao selenito de sódio, produziram maiores concentrações plasmáticas no colostro e no leite de éguas em reprodução e maiores concentrações séricas de selênio. Sua deficiência produz palidez, fraqueza muscular em potros e coloração amarelada dos depósitos de gordura. É essencial que as éguas gestantes recebam adequado selênio em sua dieta, pois seu estado afeta seus potros e sua performance no parto, ao passo que seu leite fornece somente modestas quantidades de selênio (Lee et al., 1995).

Sabe-se que o cromo é essencial para o metabolismo normal dos carboidratos como um potencializador da ação da insulina, além de estar envolvido com o metabolismo dos alimentos. Segundo Frappe, David L., equínos recebendo 5 mg de cromo em forma orgânica, em uma dieta basal natural provendo 12 mg de cromo/dia, demonstraram diminuição nas respostas da glicose e de insulina e o mais interessante é que durante o exercício o uso de cromo em forma orgânica proporcionou resposta plasmática menor de cortisol, favorecendo a melhor recuperação dos animais pós-exercício, além de melhorar o desempenho dos animais em provas equestres.

Outro mineral muito importante é o manganês e sabe-se que sua deficiência causa comprometimento da formação de cartilagem e da matriz óssea, além de estudos apontarem que jarretes aumentados de tamanho e encaroçamento das articulações também podem ser causados pela deficiência deste microelemento. Animais jovens também parecem sofrer claudicação e incoordenação de movimentos pela carência de manganês, sendo a sua deficiência uma possível explicação para o andar na ponta dos cascos em situações em que os potros lactentes estão em pastos contendo menos que 20 mg/kg de MS. Uma deficiência grave pode aumentar a reabsorção no útero, ou a morte ao nascimento, e deficiências menores podem provocar ciclos estrais irregulares.

CONCENTRAÇÃO ÓSSEA DE CÁLCIO/G EM ANIMAIS TRATADOS COM MINERAIS EM FORMA ORGÂNICA E INORGÂNICOS COM 0, 30, 60 E 90 DIAS

FONTE: Soares A., Gobessa A.A.O., FMVZ/USP



Outro grande diferencial de Kromium é o fato de possuir cálcio na forma orgânica, o que proporciona melhor deposição de cálcio nos ossos, propiciando melhor desenvolvimento ósseo pelo fato de este elemento quelatado apresentar alta biodisponibilidade. Também é fundamental para os sistemas muscular, sanguíneo e nervoso.

Outro fator importante são os resultados da utilização do produto em animais que participam de diferentes atividades e provas equestres com sucesso absoluto, como competições de enduro, animais de salto e pólo, provas de trabalho, animais de corrida, além de animais de lazer e cavalaria.

Resultados de criadores de ponta, em diversas realidades e raças vêm mostrando alguns benefícios importantes para animais atletas.

No caso de animais de corrida que passam por diversos momentos de estresse, desde a saída do haras em direção ao jockey até toda a preparação para o evento, percebem-se alguns diferenciais dos animais suplementados com Kromium. O primeiro deles é que os animais ficam mais calmos com toda esta movimentação, depois seu desempenho nas provas tem sido extremamente positivo, além de se recuperarem muito mais rápido depois de uma corrida e no retorno ao haras, para de novo entrar em treinamento e condicionamento visando o próximo evento. Houve também alguns casos

de diminuição na demanda de ração mostrando melhor aproveitamento do alimento consumido pelo animal, com reflexos benéficos na digestão.

Em animais de elite preparados para provas de conformação, e com foco em genética, saúde de casco, brilho de pelagem, disposição e vivacidade dos animais, além de boa condição das éguas receptoras, pré e pós-parto, proporcionando um (a) potro (a) saudável e mais resistente, além de boa qualidade de sêmen no caso de garanhões que tiveram alguns parâmetros avaliados.

Também benefícios foram percebidos em animais destinados a provas de trabalho (laço, rédea, apartação etc), além de cavalos Crioulos preparados para provas ligadas ao Freio de Ouro, maior evento da raça Crioula, e mulas, burros, jumentos. Neste caso, notou-se melhoria no desempenho dos animais, brilho de pelagem e saúde de casco, recuperação mais rápida entre as provas, além de praticamente se eliminar problemas de mio-site (câimbras) e travamento.

A atividade, hoje – Segundo estudo do CEPEA/ESALQ/USP, o Complexo do Agronegócio Cavalos movimentou valor econômico superior a R\$ 7,5 bilhões anuais e, pensando na profissionalização crescente do setor, a Tortuga coloca à disposição do mercado um produto que, com certeza, ajudará e vem ajudando o bem-estar e o desempenho de animais atletas. NT

Suinocultura x resíduos utilizados na nutrição

Você já pensou em substituir grande parte do arroz, do feijão e da carne na sua alimentação diária por varredura de farinhas, descartes de bolos e pães, açúcar, farelo de bolacha, farelo de rosca, extrato de tomate e outros subprodutos industriais?

Como em 2007 os custos dos grãos, que são os ingredientes-base da ração animal, sofreram grande elevação de preços devido à expressiva exportação brasileira (notadamente de milho para a Europa em razão da quebra da safra e para outros países, destinado à alimentação e aos biocombustíveis) e como cerca de 70% do custo de produção do suíno no Brasil referem-se à alimentação dos animais, uma das alternativas dos suinocultores para minimizar o custo da dieta foi utilizar os subprodutos e os resíduos da indústria alimentícia.

Historicamente, a alternativa do uso de co-produtos na alimentação de animais, embora com questionamento sobre qualidade, sempre se afigurou interessante pela redução de custo. Chama a atenção, entretanto, o fato de que, em 2007, a necessidade desses ingredientes alternativos

(pela baixa oferta de milho) ocasionou demanda tão elevada que os resíduos e co-produtos industriais tiveram seus preços elevados às alturas, muitas vezes mais caros que o próprio milho.

Fica o alerta aos produtores que utilizam esses ingredientes alternativos para que tomem muito cuidado com a qualidade, que façam adequadas formulações, como as orientadas pela equipe da Tortuga, que controlem com muita atenção a conversão alimentar e o ganho de peso dos animais, verificando se realmente está havendo redução de custos ou se é preferível manter o uso dos grãos tradicionais que, embora mais caros, são de reconhecida eficiência.

PAULO JUNQUEIRA
Suinocultor em Mococa (SP)



DANILO MONTES,
PAULO JUNQUEIRA,
CARLOS RÖTTA E
FRANCISCO EVANGELISTA,
FAZENDA NOSSA SENHORA
APARECIDA, MOCOCA (SP)

FOTO: DIVULGAÇÃO

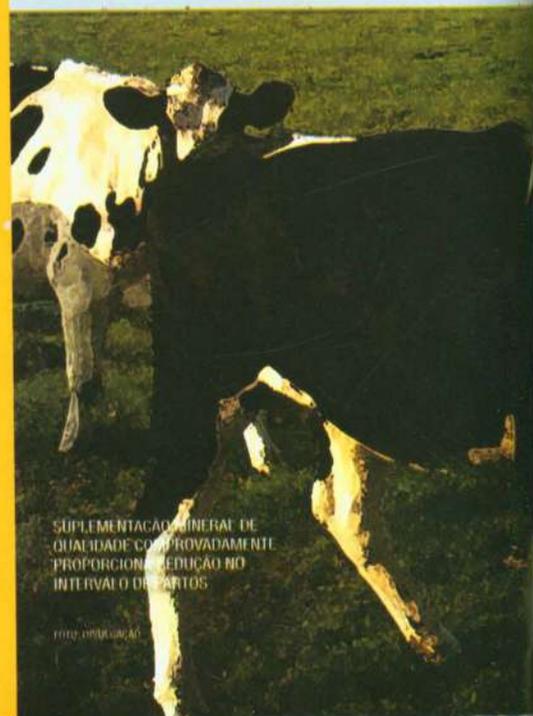
Quanto custa

É só uma questão de conta. Na pecuária leiteira, basta comparar os resultados em litros produzidos e levantar o custo dos insumos para comprovar a viabilidade da suplementação.

A pecuária leiteira tem passado por rápidas modificações nos últimos 15 anos no Brasil. Mudança de regiões produtoras, mudança no perfil do produtor de leite e mudança nos patamares de produção e eficiência.

A produtividade da vaca aumentou e a forma de pensar a sua nutrição também. Na década de 1980, o fornecimento de proteína era o grande limitante da produção animal. Atualmente, existem problemas reprodutivos associados ao excesso de proteína ou ao desbalanço proteína-energia. Devido aos novos desafios impostos pelas mudanças dos patamares de produção, foram desenvolvidos aditivos com o objetivo de manter o ambiente ruminal equilibrado.

Nesse contexto, a suplementação mineral também foi repensada. Como a presença de grãos e co-produtos com altos teores de fósforo é cada vez maior na dieta das vacas de alta produção, este elemento mineral deixou de ser limitante para vacas em produção intensiva. Pas-



SUPLEMENTAÇÃO MINERAL DE QUALIDADE COM PROVAVELMENTE PROPORCIONA REDUÇÃO NO INTERVALO DE PARTOS

FOTO: DIVULGAÇÃO

não fornecer suplementos minerais?

sam a ser determinantes microminerais como zinco, selênio, cobre e manganês.

Com a abundância de alimentos oferecidos, sempre fica uma consideração feita por alguns profissionais: Será que é preciso suplementar vacas que recebem tanto alimento?

É importante considerar que o fósforo presente nos grãos está ligado a uma molécula orgânica denominada fitato. Apesar de a flora ruminal produzir fitases, o aproveitamento do fósforo contido nos grãos é limitado.

Da mesma forma, os microminerais contidos nos alimentos são de baixa biodisponibilidade, sendo excretados e não retidos no organismo. É importante salientar que o conceito de biodisponibilidade significa a capacidade que o nutriente tem de se tornar parte integrante do organismo que o recebeu. Desse modo, ser absorvido no intestino não é indicativo de biodisponibilidade.

Com foco no benefício da suplementação mineral, é importante verificar a condição reprodutiva. A diminuição no período de serviço é hoje o grande desafio das propriedades leiteiras de alta produção. O longo período de serviço compromete a produção e até a capacidade de reposição do rebanho.

Na tabela “Efeitos da Suplementação de Minerais na Forma Orgânica (Zinco e Cobre) na Reprodução de Vacas em Lactação”, a suplementação com minerais de alta qualidade e conseqüente melhor disponibilidade trouxe redução de 40 dias nos dias em aberto, o que significa redução de 40 dias no intervalo de partos.

O que significa isso em dinheiro? –

No experimento em questão, o intervalo de partos do lote tratado foi de 422 dias para o grupo sulfatos e 382 dias para o grupo de minerais em forma orgânica. A lactação foi controlada em 305 dias e havia 60 vacas por grupo. Desse modo, o perfil de produção do grupo tratado foi de:

PERFIL DE PRODUÇÃO DO LOTE RECEBENDO ZINCO E COBRE NA FORMA INORGÂNICA

NÚMERO DE VACAS	60
INTERVALO DE PARTOS (DIAS)	422
PRODUÇÃO MÉDIA POR VACA POR DIA (kg)	34 LITROS
REBANHO EM PRODUÇÃO	43 VACAS
PRODUÇÃO POR DIA	1.462

PERFIL DE PRODUÇÃO DO LOTE RECEBENDO ZINCO E COBRE NA FORMA ORGÂNICA

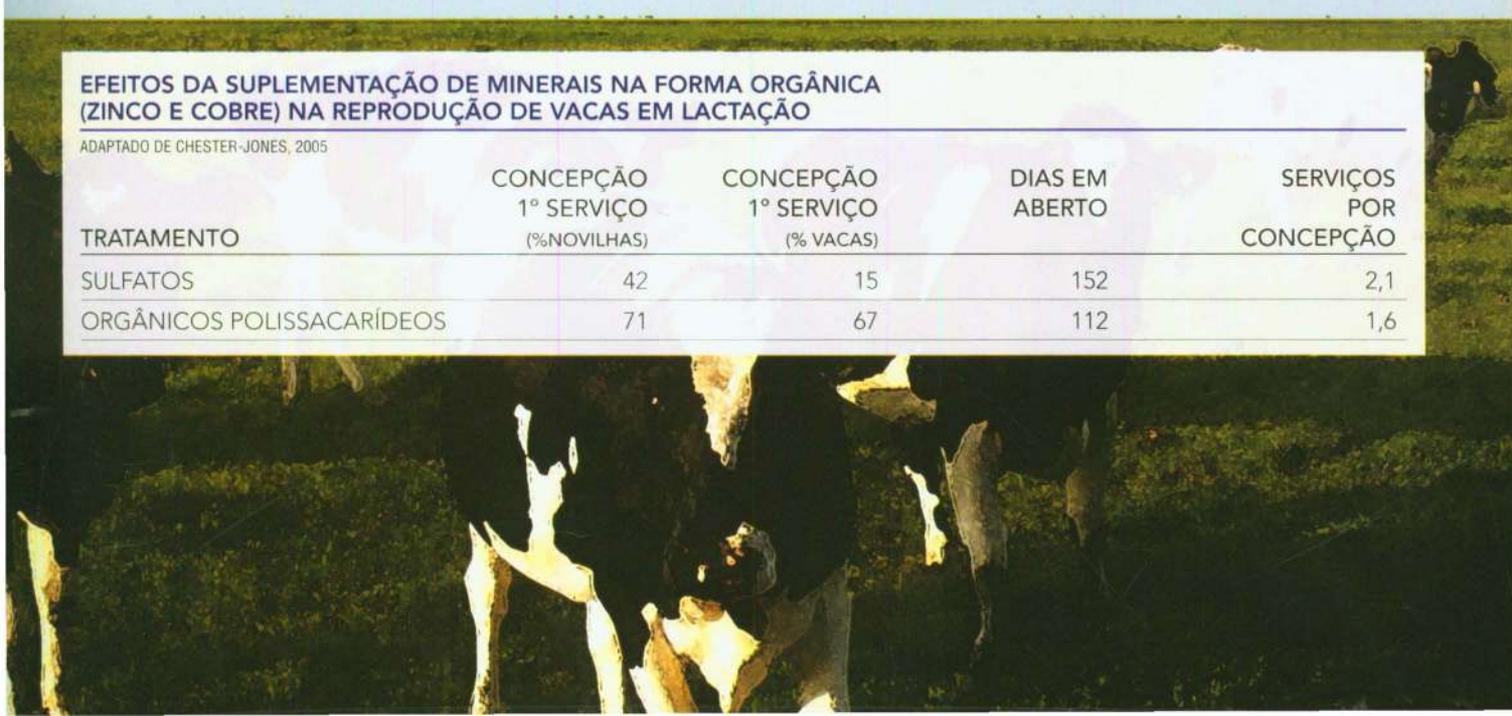
NÚMERO DE VACAS	60
INTERVALO DE PARTOS (DIAS)	387
PRODUÇÃO MÉDIA POR VACA POR DIA (kg)	34 LITROS
REBANHO EM PRODUÇÃO	47 VACAS
PRODUÇÃO POR DIA (LITROS)	1.598

A diferença em 136 litros por dia representa 4.080 litros por mês e 48.960 litros por ano. Faça as contas. Compensa suplementar? NT

EFEITOS DA SUPLEMENTAÇÃO DE MINERAIS NA FORMA ORGÂNICA (ZINCO E COBRE) NA REPRODUÇÃO DE VACAS EM LACTAÇÃO

ADAPTADO DE CHESTER-JONES, 2005

TRATAMENTO	CONCEPÇÃO 1º SERVIÇO (%NOVILHAS)	CONCEPÇÃO 1º SERVIÇO (% VACAS)	DIAS EM ABERTO	SERVIÇOS POR CONCEPÇÃO
SULFATOS	42	15	152	2,1
ORGÂNICOS POLISSACARÍDEOS	71	67	112	1,6



TECNOLOGIA

Botulismo nos ruminantes

O controle dessa enfermidade, principalmente na forma endêmica, se dá pela correção da deficiência de fósforo.

O botulismo nos ruminantes é uma patologia causada por neurotoxinas produzidas principalmente pelo *Clostridium botulinum* tipos C e D. Existem duas formas de apresentação da doença nos ruminantes domésticos: o endêmico e o esporádico.

No Brasil, o botulismo endêmico ocorre principalmente nos bovinos e manifesta-se como doença endêmica em regiões geográficas com acentuada deficiência de fósforo. Os animais procuram suprir a falta deste mineral na alimentação mediante ingestão de ossos (osteofagia – foto à direita, na página ao lado) ou cadáveres (sarcofagia), constituindo estes os principais fatores para a ocorrência do botulismo endêmico.

A interiorização da pecuária nacional se dá pela necessidade de obtenção de grandes áreas de pastagens. As pastagens naturais foram progressivamente substituídas por cultivadas, principalmente por gramíneas do gênero *Brachiaria sp.*, que produzem boa quantidade de massa verde, mesmo em solos pobres como o dos cerrados, porém fornecem baixos níveis de fósforo aos animais.

Observa-se, principalmente, que vacas em lactação e gestação são acometidas pela intoxicação, devido à maior necessidade nutricional, e que os casos se relacionam aos períodos de maiores precipitações pluviométricas quando é maior

a deficiência de fósforo nas pastagens e torna-se mais difícil a remoção das carcaças de animais mortos.

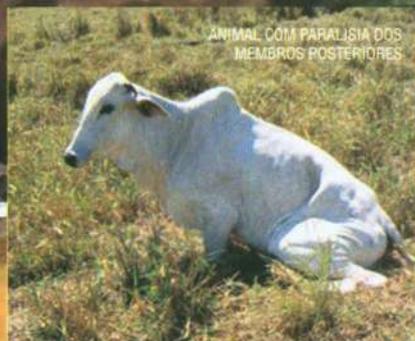
Por questões culturais e econômicas, a suplementação mineral não é prática rotineiramente adotada nas propriedades, além do que a qualidade das misturas minerais, quando utilizadas, nem sempre satisfaz os requisitos mínimos necessários. Assim, a presença de carcaças nas pastagens, levando ao aumento da contaminação do solo, aliado à deficiência de fósforo nos animais que acarreta quadro de osteofagia, permite a manutenção do ciclo da doença.

Já botulismo esporádico ocorre na maioria dos casos em bovinos, porém podem também ser acometidos ovinos e caprinos. Tal forma da doença está associada ao fornecimento de suplementos alimentares, como, por exemplo, a cama de frango utilizada em rações ou incorporada a pastagens, e outras fontes suplementares, como fenos, grãos e silagens de má qualidade. As carcaças de aves e pequenos animais presentes nestes substratos podem carrear esporos de *C. botulinum*, que em condições de anaerobiose, pH, temperatura e umidade adequados germinam e produzem as toxinas que são ingeridas pelos animais juntos com a alimentação. Estas formas de intoxicações são responsáveis por grandes perdas econômicas, prin-

cipalmente nos sistemas de criação intensiva, tanto para carne como para leite.

Outra forma de intoxicação se dá com a ingestão de toxina botulínica produzida em poças de água estagnada. Carcaças aí presentes e mesmo a matéria orgânica vegetal em decomposição criam condições para produção de toxinas e veiculação destas aos animais.

O período de incubação e o curso da doença são dependentes da quantidade de toxina ingerida, podendo ser de horas ou se prolongar por duas ou três semanas. Os primeiros sinais observados são de dificuldade de locomoção, que se caracteriza por incoordenação motora dos membros posteriores (paralisia dos trens posteriores – foto à esquerda na página ao lado). Nesta fase, o animal permanece deitado em decúbito externo-abdominal, apresentado psiquismo normal. Com a evolução do quadro, o animal ao deitar o faz bruscamente e sem controle. O ato de se levantar e caminhar é cada vez mais difícil mesmo quando forçado a isso. Posteriormente, os animais não conseguem mais se levantar. A progressão da paralisia flácida se faz no sentido cranial, até que se observa dificuldade respiratória, paralisia do pescoço e da língua, que se exterioriza facilmente. A temperatura corporal, batimentos cardíacos e movimentos respiratórios estão próximos da



FOTOS: DIVULGAÇÃO

normalidade até que o animal entra em estado pré-agônico. A morte é precedida de coma e é devida a uma paralisia respiratória.

O diagnóstico do botulismo é confirmado pelos dados clínicos, epidemiológicos e identificação de toxinas. Para diagnóstico laboratorial, o material deverá ser colhido logo após a morte do animal ou mediante o sacrifício deste em estado pré-agônico.

Para pesquisa de toxinas, recomenda-se coleta de no mínimo 250 g de conteúdo intestinal, conteúdo rumenal e fragmentos de fígado, bem como 20 ml de soro sanguíneo, em frascos estéreis. O mesmo procedimento deverá ser feito para fontes suspeitas de intoxicação, como cama de frango, silagens, água e outros. Os materiais deverão ser enviados refrigerados ou congelados, o mais rápido possível, ao laboratório acompanhado de informações completas sobre o histórico clínico do animal.

O controle do botulismo, principalmente o endêmico, se dá principalmente com a correção da deficiência de fósforo, mediante a incorporação desse mineral nas pastagens e suplementação mineral aos animais. A primeira medida seria a mais eficiente, porém é um processo oneroso. A suplementação de fósforo aos animais pode ser feita com o uso de mis-

turas minerais contendo como fonte de fósforo o fosfato bicálcico desfluorado. Devem-se empregar misturas minerais adequadas mantendo-as permanentemente à disposição dos animais. Esta conduta constitui a medida preventiva mais recomendada, pois além de prevenir o botulismo, proporciona aumento da produtividade dos animais.

Outra medida é a eliminação das fontes de contaminação por meio da remoção de carcaças nas pastagens e sua conseqüente incineração. Esta prática previne a multiplicação do agente nas carcaças com produção de toxinas e a contaminação do solo com esporos. A vacinação com toxóides botulínicos dos tipos C e D constitui-se em uma medida complementar para o controle da doença e em algumas situações, como nos sistemas de criação extensiva, no principal mecanismo de controle em decorrência da dificuldade de outras práticas pela grande extensão das propriedades. A vacinação deve ser feita anualmente, no final do período das secas. A primeira vacinação deve ser seguida por reforço 42 dias após e revacinação de todo o rebanho.

O controle do botulismo esporádico é feito a partir da inspeção rigorosa dos suplementos alimentares fornecidos aos animais.

Quando os produtores faziam uso da cama de frango como suplemento alimentar, antes de a Portaria do Ministério

da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) proibir seu uso na alimentação de ruminantes em razão da encefalopatia espongiforme bovina (BSE), a 'vacaca', critérios especiais, como remoção de cadáveres de aves e secagem eram negligenciados, levando ao aparecimento de surtos da doença.

Ainda em relação ao controle do botulismo esporádico, as silagens devem ser produzidas em condições de pH ácidos (3,5-4,0) que impeçam a germinação dos esporos aí presentes e a conseqüente produção de toxinas. Fenos devem ser desidratados como indicado e armazenados de forma adequada, para também se evitar a produção de toxinas. Aliada a estas medidas, a vacinação deve ser empregada de forma estratégica principalmente em confinamentos, nos quais se utilizam suplementos alimentares com risco de conterem toxina botulínica.

FRANCISCO CARLOS FARIA LOBATO

Professor de Doenças Bacterianas da Escola de Veterinária da UFMG

FELIPE MASIERO SALVARANI

Doutorando em Ciência Animal da Escola de Veterinária da UFMG

RODRIGO OTÁVIO SILVEIRA SILVA

Aluno de Iniciação Científica da Escola de Veterinária da UFMG

RONNIE ANTUNES DE ASSIS

Médico veterinário do Lanagro/MG (Setor de Clostridioses)

Instalações para cria de bezerras leiteiras

Diversos autores relatam que o maior risco de morte das crias e perdas de desenvolvimento ocorre justamente durante o período de aleitamento. Daí a importância das boas instalações.

A produção de fêmeas de boa qualidade, seja para reposição ou venda, obviamente inicia com a escolha dos pais. Mas além da escolha dos pais e dos cuidados durante a gestação, o manejo no pós-parto é igualmente importante e, infelizmente, muitas vezes não recebe a devida atenção por parte dos criadores. Diversos autores relatam que o maior risco de morte das crias e perdas de desenvolvimento ocorre justamente durante o período de aleitamento.

A atenção a alguns detalhes pode determinar o sucesso na criação de bezerras (as), do nascimento ao desaleitamento. Devemos objetivar nessa fase o desenvolvimento corporal e, principalmente, o desenvolvimento ruminal dos animais. Para tal, aspectos como a ingestão adequada de colostro, a cura do umbigo, o fornecimento de quantidades suficientes de leite, concentrado e forragem de boa qualidade, o controle das ecto e endoparasitoses, bem como a escolha do local e modelo das instalações para a cria devem ser avaliados com cuidado.

Objetivamos aqui apresentar razões e opções de instalações para cria de bezerras (as) do nascimento à desmama. Vários tipos de contenção para bezerras têm sido propostos, todos eles apresentando vantagens e desvantagens:

- . Bezerreiro com contenção por corrente;
- . Bezerreiros individuais (freqüentemente chamados de 'casinhas');
- . Abrigos individuais externos;
- . Agrupamento em piquetes.

O agrupamento de animais de diferentes idades facilita o manejo e tem menor custo, porém possibilita que os patógenos excretados pelos bezerras mais velhos possam contaminar os animais mais jovens, aumentando os riscos de aparecimento de doenças. Além disso, o isolamento também facilita a observação da saúde e do acompanhamento individual do desenvolvimento dos animais. Os bezerras devem ficar isolados até duas semanas após o desaleitamento. Depois desse período, podem ser abrigados em pequenos grupos. Nesse sentido, as casinhas são importantes para minimizar a exposição a patógenos e oferecer um ambiente confortável e estável para os animais.

As instalações para bezerras, independente de quais sejam, devem ser construídas em uma área afastada daquelas utilizadas por animais adultos, não devendo receber efluentes oriundos das instalações de animais mais velhos.

Segundo Coelho (2005), apesar dos grandes benefícios da individualização, quando trabalhamos com vacas com bezerro ao pé não é possível individualizar os bezerras. Nesses casos, os bezerras devem ser criados em piquetes e é necessário, para minimizar o risco de doenças, separá-los por faixa etária.

O ideal seria a separação em categorias de acordo com a idade: 0 a 30 dias, 30 a 60, 60 a 120 etc. Até 30 dias, as diarreias e os problemas respiratórios são os maiores desafios para os bezerras, enquanto de 30 a 120 dias os problemas são, na maioria das vezes, a tristeza pa-

rasitária e os problemas respiratórios. Dessa forma, os lotes de bezerras devem ser pequenos para garantir boa observação e minimizar a promiscuidade entre os animais. É importante enfatizar que a densidade animal tem forte impacto sobre a saúde dos animais. Quanto mais jovens são os animais, menor deve ser a densidade nos lotes de bezerras.

Existem vários modelos de casinhas para os bezerras, mas independentemente de qual delas venhamos a utilizar, devemos ter em mente alguns princípios que asseguraram bom resultado. Estes incluem a ventilação, a exposição ao sol, o conforto e o custo.

A ventilação adequada assegura a renovação do ar, removendo gases e umidade que podem causar estresse aos animais reduzindo a resistência a doenças.

A exposição ao sol permite que o ambiente permaneça seco e também tem importância do ponto de vista sanitário e nutricional, visto que a exposição à luz solar é importante para a eliminação de patógenos e síntese de vitaminas.

O conforto implica possibilitar acesso à água e aos alimentos em tempo integral, manter o ambiente seco e controlar as variações de temperatura. É importante minimizar a umidade no ambiente e, para tal, a drenagem, a escolha dos materiais para uso, como cama e a frequência de limpeza delas, contribui positivamente. Devemos sempre lembrar que os bovinos são capazes de tolerar baixas temperaturas desde que estejam secos.

Caso as instalações estejam adequadas, observaremos que os bezerras per-

manecerão secos, limpos e com mínima exposição aos patógenos. Garantindo tais condições, podemos então considerar o custo da instalação. A economia nas instalações é essencial para minimizar gastos sem benefícios certos, porém mantendo o conforto e a praticidade na criação.

O dimensionamento deve ser calculado em função do tamanho do rebanho, considerando-se o tempo de permanência dos animais na instalação, o número de animais criados, as dimensões das baias individuais ou coletivas, a área necessária para colocação de cochos e baldes para água e alimentos e o tipo de bezerreiro.

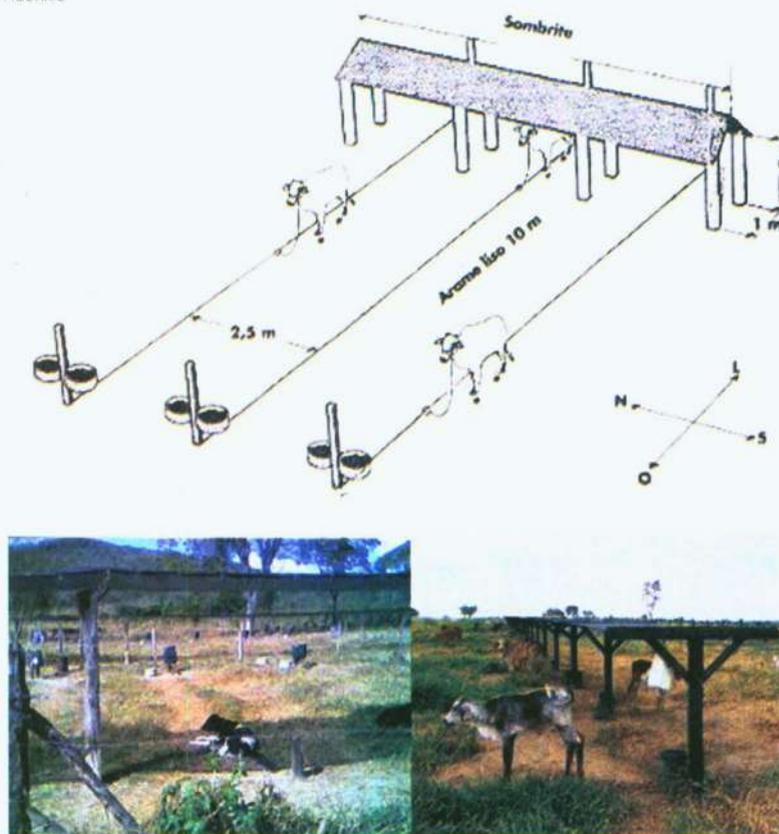
Segundo Facury Filho et al (2003), os bezerreiros individuais (Figura 1) são indicados durante a fase de aleitamento para reduzir a disseminação de doenças, além de evitar que um bezerro mame no outro. Neste caso, devem ser seguidas as seguintes recomendações:

- As casinhas devem medir 1,00 m de largura x 1,45 m de comprimento x 1,25 m de altura na parte da frente e 1,35 m na parte de trás. As casinhas não devem ter piso;
- Devem dispor de cocho para concentrado na parte interna e bebedouro na parte exposta ao sol;
- As casinhas devem estar dispostas de forma a permitir a entrada do sol da manhã e a proteger os bezerros contra ventos dominantes;
- Devem estar localizadas sobre terreno seco e bem drenado;
- As camas devem ser mantidas limpas e secas, fazendo-se a substituição ou reposição da cama, a retirada de fezes ou a troca de local;
- As casinhas devem ser desinfetadas e trocadas de local antes de ser utilizadas por outro bezerro.

FIGURA 1



FIGURA 2



Outra opção de instalações são os bezerreiros no chamado 'sistema argentino', em que os animais são mantidos presos por corrente e podem se deslocar ao longo de um cabo de aço (Figura 2), em uma área onde há bom escoamento, sombreamento, cochos para água, leite e concentrado, proteção contra fortes correntes de ar e não há contato direto entre os animais.

A escolha do modelo dependerá dos recursos disponíveis (instalações pré-existentes na fazenda, materiais, mão-de-obra, grau de sangue do rebanho, entre outros), da topografia da fazenda e das características climáticas da região.

Independente do modelo utilizado, as instalações individuais, como as casinhas, podem proporcionar melhores resultados, desde que manejadas adequadamente.

RENÊ GALVÃO REZENDE MARTINS

Médico veterinário, MSc, DSc, CRMV-MG 4.753
Assistente técnico-comercial da Tortuga (MG)

GUSTAVO HENRIQUE FRIAS DE CASTRO

Médico veterinário, MSc, DSc, CRMV-MG 6.435
Assistente técnico-comercial da Tortuga (MG)

Manejo de novilhas para reposição

Quanto mais cedo as novilhas forem colocadas em reprodução maior será a vida útil dessas novas matrizes.

Esta é a parte da criação de gado de corte levada menos a sério pela maioria dos produtores. Em geral, por desconhecimento de seu potencial de crescimento, esses animais são deixados de lado na propriedade e as melhores pastagens são destinadas aos animais de retorno econômico mais imediato, como vacas adultas com cria ao pé ou, principalmente, bovinos de engorda.

No entanto, o manejo dessas novilhas, da desmama ao início da vida reprodutiva, é de extrema importância, pois quanto mais cedo forem colocadas em reprodução maior será a vida útil dessas novas matrizes.

A maioria das novilhas tem potencial de alcançar a puberdade e conceber satisfatoriamente, desde que providas de nutrição e manejo adequados. Dessa forma, novilhas com habilidade para alcançar a

puberdade mais jovens poderão ser acasaladas mais cedo com menores custos do que novilhas que alcançam a puberdade mais tardiamente.

A puberdade e, conseqüentemente, a idade ao primeiro parto são reflexos diretos da taxa de crescimento, que é influenciada pelo consumo de alimento. O crescimento de novilhas consiste no aumento do tamanho corporal e do peso, assim como do pleno desenvolvimento do sistema reprodutivo. De acordo com esta afirmação, diversos trabalhos de pesquisa mostram que a puberdade está mais relacionada à idade fisiológica que à cronológica.

Normalmente, os rebanhos de cria produzem suas próprias novilhas de reposição. Então, é de extrema importância traçar um programa de seleção na fazenda, que contemple a nutrição, a reprodução, o melhoramento genético e a sanidade.

O manejo de novilhas de reposição deve ser planejado para que esses animais não sofram estresse nutricional em nenhum estágio de desenvolvimento. Haja vista que não haveria sucesso nos programas de redução da idade à concepção,

caso os animais sofressem restrição alimentar. Assim, sistemas de suplementação destes animais devem ser desenvolvidos para cada região brasileira, sem, contudo, diminuir a eficiência econômica desses sistemas.

As novilhas devem se manter crescendo durante todo o ano, para que uma alta porcentagem delas atinja a puberdade mais cedo e apresente alta taxa de concepção na primeira estação de monta. Sendo que em geral se considera que as fêmeas necessitam apresentar aproximadamente 65% do peso adulto de sua raça para poderem ser cobertas e, assim, obterem índices de concepção acima de 85%.

Quando esses animais não recebem manejo alimentar constante ao longo de suas vidas, tendem a entrar em processo reprodutivo mais tarde, devido, principalmente, às perdas de peso ocasionadas pelos períodos de menor disponibilidade de alimento em quantidade e qualidade.

Devemos salientar também que em sistemas de manejo muito intensivos, com animais estabulados ou confinados, as novilhas, por ser submetidas a planos de alimentação com maiores níveis nutricionais, crescem rapidamente e podem apresentar desempenho reprodutivo inferior, comparadas àquelas que crescem a uma taxa moderada. Tal situação pode levar ao desenvolvimento de tecido adiposo em lugar de células de secreção no úbere, o que poderá refletir na produção de leite. Outro aspecto a ser considerado é a possível dificuldade de parto, devido à deposição de gordura no sistema reprodutivo. Tudo isso, sem falar no aumento dos custos de produção.

Quando falamos de alimentação do rebanho em pastagens, temos duas reali-



NOVILHAS COMENDO FOSCROMO DE PROPRIEDADE DE GIL PEREIRA, EM IACIARA (GO)



dades distintas ao longo do ano. Durante o período das chuvas temos condições favoráveis à produção animal, com umidade, temperatura, radiação solar e fotoperíodo em níveis adequados para o bom crescimento da forrageira. Dessa forma, o pasto normalmente apresenta-se com boas características estruturais relacionadas à altura, à relação folha/haste e ao *stand* de plantas. No entanto, no período da seca, as condições climáticas não são propícias ao crescimento das plantas, pois não temos umidade suficiente, a radiação solar é menor, a diferença entre as temperaturas máxima e mínima ao longo do dia é grande e o fotoperíodo é menor.

Somada às condições de clima desfavoráveis na seca, ainda temos a condição fisiológica de algumas forrageiras que florescem no final do verão e início do outono e com isso ocorrem perdas quantitativas e qualitativas do pasto, antes mesmo de começar o estresse hídrico. Portanto, devemos escolher técnicas e alternativas regionais de alimentação, para a suplementação do rebanho nos períodos de menor disponibilidade de alimentos.

Dentre as possibilidades de suplementação dos bovinos para a seca e pré-seca, podemos utilizar os suplementos protéicos, como também os volumosos que poderão ser fornecidos *in natura*, na forma de silagens, fenos ou até mesmo a utilização de pastagens de inverno. Lembrando sempre que a maior parte das regiões possui algum tipo de co-produto agroindustrial, que pode ser muito bem utilizado na alimentação dos animais.

De forma geral, para que alcancemos o sucesso na recria e na seleção de novilhas para reprodução, faz-se necessário que o produtor observe os seguintes pontos:

- Propiciar condições nutricionais e sanitárias adequadas para a redução da idade à puberdade;
- Investir em melhoramento genético para que essas futuras matrizes tenham potencial produtivo maior que o das suas mães;
- Colocar em monta uma quantidade de novilhas maior (cerca de 25% a mais) que a necessidade para a reposição das vacas descartadas;
- Terminar a estação de monta das novilhas pelo menos um mês antes da estação de monta das vacas, principalmente quando em sistema sem suplementação adequada no inverno. Sendo que a duração dessa estação de monta deve ser, em média, de 90 dias, dependendo da condição de manejo e seleção de cada produtor;
- Selecionar para a reposição aquelas novilhas que ficaram gestantes no início da estação de monta, pois essas fêmeas terão maior tempo para recuperação no próximo parto, além de serem animais mais precoces;
- Efetuar o diagnóstico de gestação de 45 a 60 dias após o final da monta, para descartar as vazias;
- Proporcionar condições nutricionais adequadas para que as novilhas apresentem condição corporal de moderada a boa no parto. A restrição alimentar durante o último trimestre de gestação é prejudicial ao desenvolvimento das novilhas e do feto, pois pode reduzir o peso do bezerro ao nascimento e os índices de concepção após o parto.

A respeito da nutrição mineral, a Tortuga possui na sua linha de produtos um grande arsenal de possibilidades para

suplementar essa categoria, permitindo que se escolha o produto que melhor se encaixa na realidade de cada propriedade e produtor. Dentre os produtos podemos destacar Foscromo, que é um suplemento mineral completo, sendo indicado para bovinos na fase de crescimento pós-desmama. Este produto possui cromo na forma orgânica que desempenha funções de alta importância no desenvolvimento:

- Elemento de grande importância em caso de estresse, reduzindo os níveis de alguns fatores negativos por ele produzidos;
- Melhor atividade do sistema imunitário e endócrino, ou seja, maior resistência geral;
- Essencial para o metabolismo dos carboidratos, proteínas e lipídeos;
- Devido ao aumento da síntese de proteínas, o uso do cromo melhora significativamente o desenvolvimento da carcaça dos animais em crescimento, preparando-os para um maior ganho de peso.

Com base nestas orientações gerais de manejo, podemos alcançar bons índices produtivos e estabelecer um programa direcionado de forma específica para cada produtor.

Considerando o momento atual da bovinocultura, em que se observa a falta de matrizes devido, entre outros fatores, ao grande número de abates de fêmeas nos últimos anos, é de grande importância todo o esforço para a produção de novilhas para reposição, visando atender à grande demanda por esta categoria animal.

MARCELO DE OLIVEIRA FURTADO
Médico veterinário, MSc, CRMV-GO 3418/S
Assistente técnico-comercial da Tortuga (GO)

Co-produtos da industrialização do girassol na alimentação do suíno

Embora existam muitos produtos na cadeia do girassol passíveis de ser utilizados nas rações animais, tradicionalmente as indicações aparecem sob duas formas: farelo com casca e farelo decorticado.

O mercado brasileiro de rações está entre os maiores do mundo. Segundo o Sindicato Nacional da Indústria de Alimentação Animal (Sindirações), aproximadamente 82% destes alimentos são consumidos pelas cadeias suínica e avícola, o que gerou em 2007 consumo superior a 27 milhões de toneladas de milho e de 8 milhões de toneladas de farelo de soja: 10% maior que 2006.

Diante desta demanda crescente e pela expansão de novas culturas e regiões agrícolas, tem-se observado nos últimos anos aumento na oferta de outros produtos de interesse da indústria de ração animal, destacando-se aqueles vinculados ao programa nacional de biocombustíveis, como os co-produtos da indústria do girassol.

Portanto, o resultado desse desenho é a disponibilização de importantes somas de co-produtos das indústrias esmagadoras do grão de girassol.

Embora existam muitos produtos na cadeia do girassol passíveis de ser utilizados nas rações animais, tradicionalmente as indicações aparecem sob duas formas: farelo com casca e farelo decorticado (es-

te menos comum no Brasil).

A utilização direta do grão na alimentação de suínos não é um procedimento comum, uma vez que o objetivo primário desta cultura é a produção de óleo, produto de alto valor agregado.

Para a extração do óleo de girassol dois processos são classicamente empregados. O método que utiliza hexano como solvente é de escala industrial e se caracteriza pela elevada eficiência, resultando no farelo. Este produto é o principal elemento da industrialização do grão e o mais disponível no mercado.

O processo mecânico de extração de óleo é menos eficiente e está associado às menores escalas de produção ou aos pequenos e médios produtores agrícolas. A torta de girassol é um dos produtos resultantes desta extração, possui níveis superiores a 20% de proteína bruta e 18% ou mais de óleo, o que o caracteriza como um interessante ingrediente para uso na alimentação animal.

As características das prensas e da matéria-prima empregadas no esmagamento do grão são variáveis que definem a qualidade da torta de girassol. É possível que o produto final apresente valores superiores a 23% de óleo na matéria natural (caracterizando a torta gorda de girassol) ou níveis pouco acima de 10%

de óleo (definindo a torta magra).

Portanto, são muitos os produtos oriundos desta cadeia e todos, preservadas as diferenças nutricionais, têm perfil para participar como ingrediente nas rações de suínos.

Nesse sentido, uma série de trabalhos foi conduzida no Departamento de Zootecnia da Universidade Estadual de Londrina (PR) com o propósito de avaliar os níveis de inclusão de vários co-produtos da indústria do girassol na alimentação de suínos em fase de crescimento e terminação e seus efeitos no desempenho e nas características da carne e da carcaça. Estas fases foram priorizadas nos testes, pois representam as etapas em que há maior consumo de ração na granja, atingindo valores superiores a 60% do total consumido em suinocultura de ciclo completo. Também se considera que estas categorias têm seu trato digestório anátomo e fisiologicamente definido, permitindo que rações com níveis um pouco elevados de fibra, característica comum das dietas elaboradas com ingredientes oriundos da indústria do girassol, sejam consumidas sem causar transtornos digestivos.

Com valores de proteína bruta e energia digestível de 29,23% e 2.171 Kcal, respectivamente (base matéria natural), o farelo de girassol pode ser incluído até 21%



UTILIZAÇÃO DE CO-PRODUTOS É OPÇÃO A SER CONSIDERADA PELO SUINOCULTOR

em substituição parcial ao milho e ao farelo de soja nas rações de suínos em crescimento e terminação, mantendo adequados os índices de desempenho e os efeitos sobre as características de carcaça. Todavia, dado os baixos valores de lisina, comparados com o farelo de soja, e de energia, em relação ao milho e ao farelo de soja, as rações com a participação do farelo de girassol tiveram de ser suplementadas com lisina e elaboradas com mais óleo.

A torta gorda de girassol, cujos valores de proteína, gordura, fibra e energia digestível encontrados foram, respectivamente, de 22,19%, 22,15%, 23,28% e 3.421 Kcal (base matéria natural), foi incluída até o nível máximo de 15% na ração (à base de milho e farelo de soja) de suínos em fase de crescimento e terminação. Os resultados de desempenho e de carcaça obtidos foram semelhantes, comparados com os índices dos animais que consumiram rações isentas do ingrediente (formuladas exclusivamente com milho e farelo de soja). Quanto à avaliação da qualidade da carne, também não foram observadas influências negativas pela inclusão da torta até 15% na dieta dos animais.

Com o intuito de avaliar a participação da torta gorda na formulação de rações para matrizes suínas em final de gestação e em lactação, observou-se que independente do período testado a torta de girassol pode ser incluída no nível de 20% em substituição parcial ao milho e ao farelo de soja, resultando os mesmos índices de desempenho reprodutivo, produção leiteira e retomada à atividade reprodutiva após o desmame. Até a máxima inclusão (20%), a torta não trouxe comprometimentos na reserva de gordura das matrizes, aferidas por meio de ultra-som e do escore corporal.

Embora, o grão de girassol não seja um ingrediente comum para a formulação de rações, o grupo de pesquisa ava-

liou sua inclusão até o nível de 20% nas rações de crescimento e terminação de suínos e observou que os melhores valores para as características de desempenho foram obtidos até o nível de 5% de incorporação. Todavia, para as características de carcaça, para qualquer nível de inclusão (máxima de 20%), a participação apresentou-se adequada, ou seja, manteve os índices avaliados semelhantes aos dos animais que consumiram rações à base de milho e de farelo de soja. Quanto aos efeitos da participação do grão de girassol na ração sobre a qualidade da carne, a inclusão progressiva na ração (0, 5, 10 e 20%), em substituição ao milho e à soja, aumentou a relação de ácidos graxos insaturados na gordura do músculo *Longissimus dorsi* (lombo). Este resultado é bem visto pelos efeitos positivos que estes ácidos graxos têm sobre a saúde humana.

Os produtos da industrialização do girassol, torta e farelo, e o próprio grão, são potenciais ingredientes para a produção de rações para suínos. Alguns aspectos, no entanto, devem ser considerados. Todos apresentam limitação quanto à lisina e, comumente, pela elevada presença de casca, têm alto teor de fibra.

Ajustadas estas características, os limites de inclusão variam entre os ingredientes utilizados e as fases da criação, podendo em alguns casos substituir até 100% do farelo de soja. Ainda sob um padrão de qualidade inconstante, a análise bromatológica regular e preliminar dos produtos é necessária para o conhecimento real de suas características nutricionais para subsequente formulação. Reconhecidas estas particularidades, o preço dos co-produtos da indústria do girassol, via de regra, apresentam-se inferiores ao do farelo de soja, determinando uma relação de custo/benefício mais interessante, reduzindo assim os custos de produção.

PROF. DR. CAIO ABÉRCIO DA SILVA
Departamento de Zootecnia
Universidade Estadual de Londrina



O CAROÇO DE ALGODÃO

Nos últimos anos, o caroço de algodão passou de co-produto da indústria algodoeira para ingrediente nobre e quase indispensável nas dietas de confinamento em todo o território brasileiro.

Segundo dados da Abrapa (Associação Brasileira dos Produtores de Algodão) neste ano serão produzidas cerca de 2,05 milhões de toneladas de caroço de algodão em todo o Brasil, sendo aproximadamente 1,25 milhão/t (61 %) no Estado de Mato Grosso.

Com 23% de proteína bruta, mais de 85% de NDT, cerca de 20% de extrato etéreo e uma fibra de altíssima qualidade, o caroço de algodão possui qualidades nutricionais e econômicas desejáveis na alimentação de bovinos.

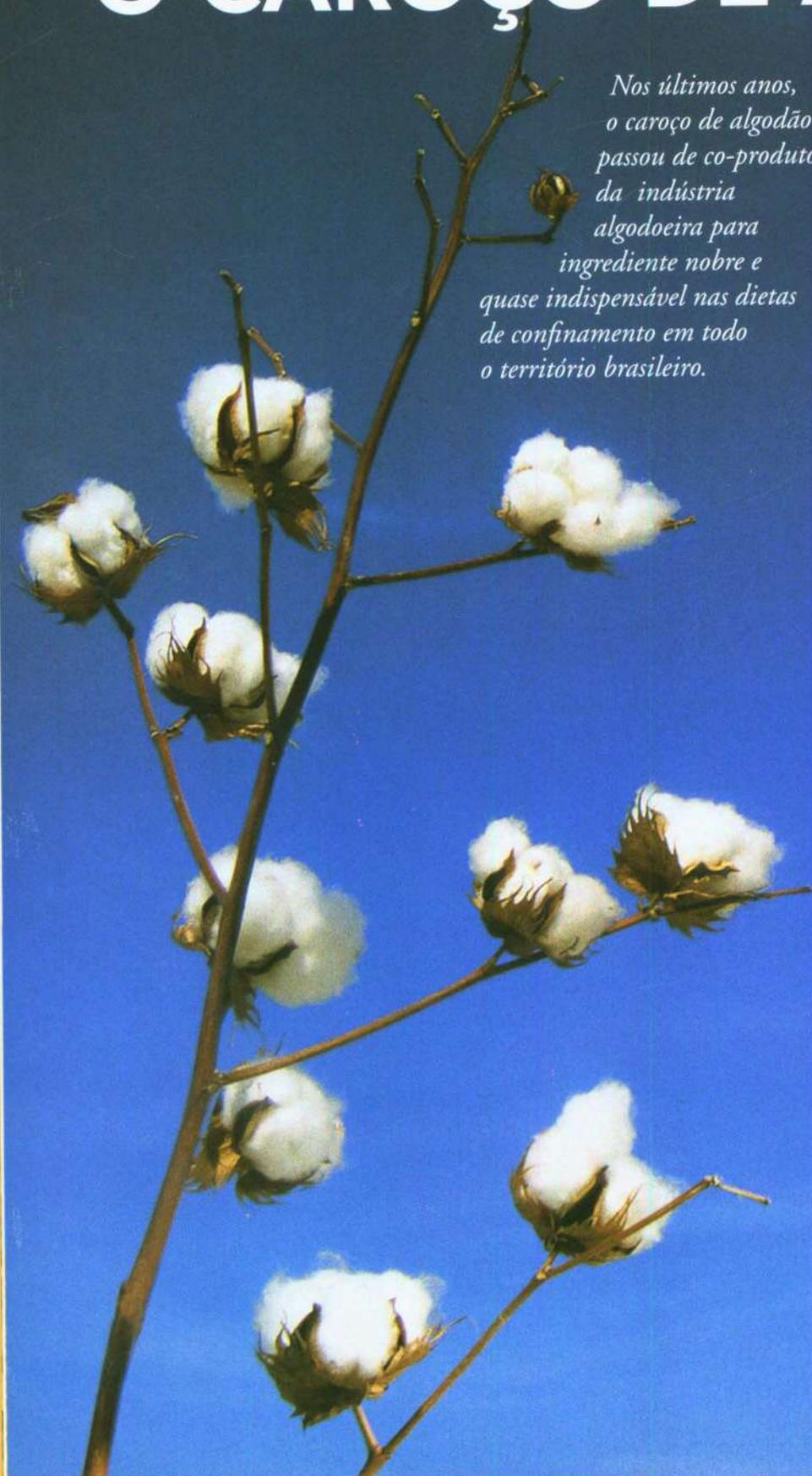
Existe uma grande polêmica envolvendo a utilização do caroço de algodão relacionada às características finais da carne, principalmente no paladar.

Antes de discutirmos especificamente o caroço de algodão, é preciso entender que as características da carne podem ser alteradas por diversos fatores, além da dieta. Entre eles raça, sexo, peso ao abate, idade, condições ambientais e sistema de criação adotado, podendo ser intensivo ou extensivo. Todas estas questões têm influência direta na qualidade final do produto.

Pensando na qualidade do produto final do confinamento e na possível classificação da carcaça nos frigoríficos, muitos produtores optam por não utilizar caroço de algodão nas dietas.

Além de fornecer boa quantidade de proteína e energia, o caroço de algodão é ótima fonte de óleo para ruminantes. O óleo na dieta dos animais é importante componente do sistema de produção de carne, pois a eficiência de produção, a precocidade, o acabamento de carcaça, os rendimentos de cortes, a maciez e a suculência do produto estão relacionados à quantidade e ao local de deposição de gordura.

É de extrema importância que se entenda que as gorduras subcutânea e marmorizada (entremeada) são responsáveis pelo sabor da carne e qualquer alteração no paladar se deve a alterações da composição da gordura e não do músculo. Em outras palavras, o caroço de algodão não altera o gosto da carne, mas ele pode



DÁ OU NÃO GOSTO NA CARNE?

modificar a composição do tecido adiposo depositado – e esse, sim, pode alterar o paladar da carne.

Mas como o caroço de algodão pode influenciar na composição da gordura?

Estudos recentes mostram que os ácidos graxos livres estão entre os principais responsáveis pela alteração na composição da gordura. O caroço de algodão tem esses ácidos graxos livres na composição de seu óleo. Esses ácidos alteram diretamente a produção de uma enzima no fígado do animal, chamada delta 9 desaturase. Essa enzima altera características na gordura, principalmente no que se refere à relação entre ácidos graxos saturados e insaturados. É essa alteração que modifica o perfil físico-químico da gordura, podendo alterar de forma significativa e prejudicial o sabor da carne. Mas, para que ocorra tal alteração é necessário grande fornecimento desses ácidos graxos livres ao animal.

O caroço de algodão pode, como vários outros alimentos, causar alteração na gordura da carcaça, mas não pelo simples fato de estar presente na dieta. O que pode ocasionar modificações na composição da gordura e, conseqüentemente, no gosto da carne é o uso abusivo do caroço de algodão em dietas desbalanceadas.

Além do desarranjo enzimático, a suplementação de lipídios com alta concentração de ácidos graxos livres pode alterar negativamente as funções ruminais normais dos bovinos, reduzindo a digestibilidade da fibra e o consumo de matéria seca e ainda tem efeito tóxico sobre a flora microbiana ruminal, resultando em mudanças no padrão de fermentação normal do rúmen, o que altera a proporção de ácidos graxos voláteis produzidos, modificando a composição da gordura depositada na carcaça.

O produtor deve ter consciência de que o caroço de algodão não deve ser usado como base de uma dieta de confinamento e muito menos deve substituir qualquer fonte de fibra, sendo ela pasto, cana, feno ou silagem. Ele funciona muito bem no fechamento de dietas tendo milho, sorgo, milheto e derivados de laranja e soja como principais ingredientes.

No intuito de responder à pergunta-título desta matéria, testes sensoriais com consumidores regulares de carne mostraram que o caroço de algodão utilizado de forma balanceada nas dietas dos animais não causou qualquer alteração no sabor da carne. E a experiência nos mostra que a correta utilização desse alimento traz imenso benefício para o desempenho e o custo de produção de carne em confinamento.

O acompanhamento técnico sério e competente durante todo o processo é indispensável para que o confinamento não seja somente um ramo lucrativo da pecuária, mas também seja referência na produção de um alimento com a qualidade que o consumidor final exige e merece.

RUY FELIPE DE CAMARGO MORAES

Zootecnista, MSc, CRMV/Z-MT 0287
Assistente técnico-comercial da Tortuga (MT)

BIBLIOGRAFIA

ANDREA, J. G.

Effects of feeding high-oil corn to beef steers on carcass characteristics and meat quality. *J. Anim. Sci.* 2001. 79:582-588.

AFERRI, G.; LEME, P. R.

Desempenho de características de carcaça de novilhos alimentados com dietas contendo diferentes fontes de lipídios. *R. Bras. Zootec.*, v. 34, n. 5, p. 1651-1658, 2005.

MANDELL, I. B.; BUCHANAN-SMITH, J. G.; CAMPBELL, C. P.

Effects of forage vs. grain feeding on carcass characteristics, fatty acid composition, and beef quality in Limousin cross steers when time on feed is controlled. *J. Anim. Sci.*, v. 76, p. 2619-2630, 1998.

RUEGGER, R. P. S.

Desempenho e características de carcaça e da carne de cordeiros cruzados alimentados com dietas com caroço de algodão normal ou aquecido. 2007.

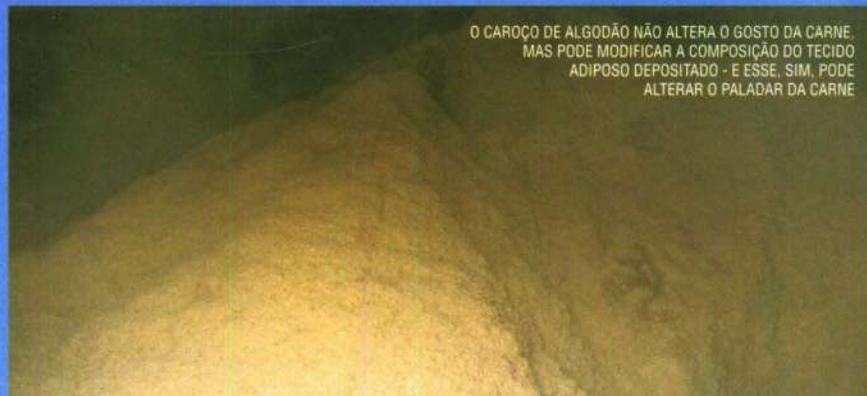
SHIBUYA, C. M.

Análise sensorial da carne (m. L. dorsi) de novilhos terminados com dietas de milho seco vs. úmido, com ou sem gordura protegida (Lactoplus), e de lactoplus vs. caroço de algodão. 2004.

YANG, A.; LARSEN, T.W.;

SMITH, S.B.; TUME, R.K.
Delta 9 desaturase activity in bovine subcutaneous adipose tissue of different fatty acid composition. *Lipids*, v. 34, p. 971-978, 1999.

O CAROÇO DE ALGODÃO NÃO ALTERA O GOSTO DA CARNE, MAS PODE MODIFICAR A COMPOSIÇÃO DO TECIDO ADIPOSEO DEPOSITADO - E ESSE, SIM, PODE ALTERAR O PALADAR DA CARNE



Cuidado com a coccidiose!

Considerada uma doença de rebanho, pode ocasionar prejuízos ao produtor. A prevenção é fundamental.

No contexto da atividade pecuária, o adequado ajuste entre os manejos nutricional, sanitário e reprodutivo faz-se necessário para que a produção animal tenha êxito. Assim sendo, se quaisquer destes aspectos não estiverem alinhados, provavelmente haverá prejuízo para o produtor. Isto posto, a saúde dos rebanhos é de suma importância para que a pecuária seja lucrativa, sendo a prevenção de afecções imprescindível para o pleno sucesso dessa atividade.

Uma enfermidade importante na clínica de animais de produção é a coccidiose. Também conhecida por eimeriose ou curso negro, uma doença que ocorre em bovinos, caprinos e ovinos e em monogástricos também. Trata-se de uma enfermidade causada por protozoários dos gêneros *Eimeria* e *Isopora*, sendo os microorganismos de gênero *Eimeria* responsáveis pela doença em ruminantes.

A coccidiose é uma doença de alta morbidade, ou seja, tem grande potencial de transmissão entre os animais. Portanto, costuma ocorrer em animais criados em sistemas de alta lotação. De fato, pesquisadores a classificam como uma doença de rebanho. Dessa forma, quanto mais intensificado o sistema (exemplo: confinamento, alta lotação em piquetes), maior a relevância desta enfermidade.

Geralmente, a eimeriose é considerada doença de baixa mortalidade. Contudo, os prejuízos com a queda no desempenho dos animais podem ser consideráveis, pois muitas vezes os sinais são de natureza subclínica, o que pode não chamar a atenção do produtor para o problema. Dessa forma, os animais infectados continuam a transmitir o parasita, reinfetando o ambiente e perpetuando o ciclo da doença.

O ciclo desta parasitose inicia-se com

a eliminação dos oocistos (estruturas de resistência do parasita ao ambiente, que contém os esporozoítos, forma infectante da *Eimeria*) presentes nas fezes do animal infectado, contaminando água e alimentos que serão ingeridos pelos animais saudáveis. Após a ingestão, há a liberação dos esporozoítos em seu organismo. Esses esporozoítos penetram nas células do trato gastrointestinal e nele provocam lesões.

Os principais sinais da ocorrência da doença são diarreia, sensibilidade abdominal, perda de apetite e ocorrência ocasional de anemia. A característica da diarreia provocada pela coccidiose é a presença de fezes líquidas e escuras – daí a denominação ‘curso negro’ – contendo muco e odor fétido. Um fator importante que ocorre secundariamente à lesão do trato gastrointestinal, causada pelos microorganismos, é a substituição do epitélio intestinal destruído, o que pode reduzir a superfície de absorção entérica, o que redundará em menor aproveitamento dos nutrientes pelo animal e, por via de consequência, haverá queda em seu desempenho zootécnico.

Dentre os fatores predisponentes a esta enfermidade, estão a idade, o manejo e o clima. Animais jovens são mais suscetíveis à infecção. Em bovinos de leite, a doença pode ocorrer em bezerras alojadas em ambiente superlotado, úmido e com higiene inadequada. Em bovinos de corte, a desmama dos bezerros pode desencadear o aparecimento de sinais da doença por causar estresse no animal. Em ovinos, a carga fecal de oocistos geralmente é alta até quatro semanas de idade do animal. Passado este período, diminui gradativamente até atingir contagem baixa aos cinco meses de idade do animal. Em cordeiros, geralmente há a infecção logo após o nascimento, sen-

do reportada a presença de oocistos nas fezes de cordeiros de 16 dias de idade, com maiores contagens entre 22º, 29º e 30º dias de idade. Além da idade, inadequado estado nutricional ou quaisquer outras condições que provoquem estresse no animal podem predispor-lo à afecção. O clima pode contribuir para a sobrevivência do oocisto, sendo os climas úmidos e frios mais adequados para a sua sobrevivência. Geralmente, o clima seco e quente destrói o oocisto da *Eimeria*, apesar de que em períodos secos, devido à baixa disponibilidade de pastagem, os animais podem se aglomerar mais, propiciando maiores chances de infecção.

A prevenção da coccidiose dá-se pela adoção de medidas sanitárias, manejo dos animais, tratamento de animais doentes e uso preventivo de substâncias anticoccídicas, para a prevenção da disseminação dos oocistos no ambiente onde o rebanho se encontra. A monensina, substância ionófora obtida do fungo *Streptomyces cinnamonensis*, é recomendada para profilaxia da eimeriose por ser eficaz no tratamento de animais infectados por este parasita. De fato, há muitos relatos na literatura nos quais a adição da monensina na alimentação de bovinos, ovinos e caprinos foi associada à queda na contagem de oocistos nas fezes destes animais em relação aos animais-controle (sem monensina). Este aditivo atua na destruição destes microorganismos por causar alterações em suas membranas e é uma ferramenta estratégica na prevenção desta importante enfermidade dos rebanhos.

FERNANDA ALTIERI FERREIRA
Médica veterinária, DSc, CRMV-SP 14.377
Assistente do Departamento de Pesquisa e Desenvolvimento da Tortuga

NOTÍCIAS TORTUGA



TORTUGA

COMPANHIA
ZOOTÉCNICA AGRÁRIA

A CIÊNCIA
E A TÉCNICA
A SERVIÇO
DA PRODUÇÃO
ANIMAL

COMO SUPERAR A CRISE DA ÉPOCA DA SECA

DR. FABIANO FABIANI

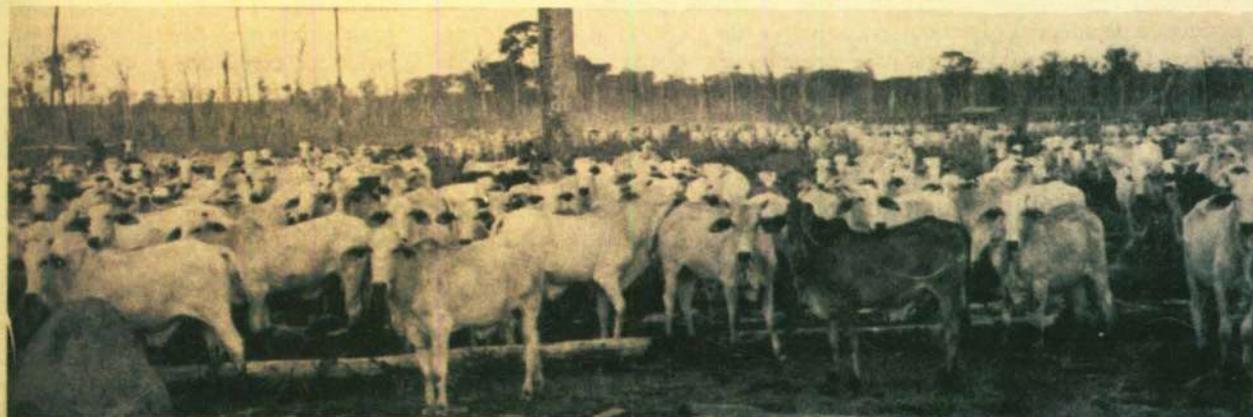
Na região centro-sul, as chuvas normalmente abundantes do verão e a temperatura elevada durante esse período garantem aos bovinos fartura de pasto verde. Nessa época, se receberem uma racional suplementação de fósforo, desenvolver-se-ão normalmente, as vacas produzirão bastante leite, os novilhos destinados ao abate ganharão de 700 a 1.000 gramas por dia, raras serão as manifestações de doenças e baixa será a mortalidade. Portanto, esses resultados não são obtidos apenas à custa do pasto, uma vez que, em

menor ou maior grau, são todos eles carentes de fósforo, o que permite afirmar, sem receio de erro, que é o fósforo fator limitante de qualquer tipo de produção animal.

Ao verão segue-se, nessa região, um período mais ou menos longo de estiagem, acompanhado de queda da temperatura. Estes dois fatores inibem o crescimento das pastagens e, secando-as, transformam-nas em alimento bem mais pobre e de baixa assimilação. Simultaneamente, em razão do frio, os bovinos necessitam de um suprimento maior

de nutrientes. Então, justamente quando a demanda orgânica de alimento cresce, a sua disponibilidade diminui. Ocorre, em consequência, o que todos os criadores estão acostumados a observar: parada do crescimento dos bovinos de todas as idades; sensível queda na produção leiteira; redução da fertilidade das fêmeas a níveis preocupantes; e, quando a estiagem se prolonga por muitos meses, perda de peso dos novilhos atingindo de 50 a 70 quilos. A perda de peso, neste caso, significa que o animal está em um processo

No início da primavera o gado mineralizado cresce rapidamente (Fazenda Suiú Missu — gentileza da Liquifarm do Brasil).





Gado mineralizado que superou a seca sem dificuldade (Fazenda Suiá Missu).

de autofagia, isto é, alimentando-se à custa da própria carne. O resultado é grande depauperamento orgânico, responsável, muitas vezes, por elevada mortalidade e substancial atraso do desenvolvimento, assim como pelo mau funcionamento dos órgãos. Dessa forma, o animal vítima de prolongado período de fome torna-se débil, fácil presa das doenças e de diminuta capacidade de assimilação e conversão alimentar.

Estes fatos são os responsáveis pelo baixo desfrute de nosso rebanho bovino. Embora esse ponto de estrangulamento não constitua novidade para criadores e técnicos, permitimo-nos lembrá-lo, com o objetivo de, mais uma vez, alertá-los e sugerir-lhes algumas providências capazes de eliminá-lo.

Rebanhos médios e pequenos — Para os rebanhos de limitado número de cabeças, como os leiteiros, as criações de reprodutores sementais e demais rebanhos especializados, a solução encontra-se na produção de silagens. Particularmente nas fazendas mistas, onde há o consórcio agropecuário, esta providência recomenda-se, graças ao

aproveitamento do excesso, não só das pastagens, como dos subprodutos agrícolas. Nestes casos, é importante semear forrageiras de alta produção, como os sorgos híbridos, de utilização dupla, isto é, como verde e como silagem.

Rebanhos grandes — Para as grandes criações, parece-nos mais indicado o rodízio de pastagens, que permite, quando racionalmente conduzido, prevenir todos os males derivados da perda de peso por insuficiência alimentar.

COMO AUMENTAR A DIGESTIBILIDADE E A ASSIMILAÇÃO DOS PASTOS SECOS E ENDURECIDOS

Os capins secos e endurecidos possuem concentração mais baixa que os verdes em nutrientes indispensáveis. Além disso, o índice de assimilação destes nutrientes é sensivelmente menor no pasto seco, devido a seu elevado teor de celulose. A tabela que reproduzimos, de autoria de LEROY, é bastante expressiva da queda progressiva da assimilação dos nutrientes com o aumento da celulose.

Nesta eventualidade, o único recurso ao alcance do criador, para melhorar o índice de aproveitamento dos nutrientes do capim lenhoso, reside no aumento da flora microbiana do rúmen que, através da desintegração da celulose, a transforma em alimentos aproveitáveis para os bovinos. Além disso, os microrganismos do aparelho digestivo dos ruminantes é responsável pela síntese de vitaminas imprescindíveis à formação de enzimas e coenzimas que presidem a síntese bacteriana dos aminoácidos. Este fenômeno bioquímico é de magna importância para os bovinos que, ingerindo proteínas de baixo valor nutritivo, as têm transformadas em aminoácidos essenciais. Por sua vez, a intensa e contínua multiplicação dessas bactérias e protozoários põe à disposição do bovino suplemento protéico de altíssimo valor biológico, representado pelos próprios microrganismos mortos assimilados pelo ruminante.

É evidente, então, que flora mais abundante resulta em mais alimento assimilável. Aliás, vem aumentando o contingente de pesquisadores especializados em nutrição animal convictos de que, alimentando-se adequadamente a flora microbiana e os protozoários do rúmen, consegue-se nutrir os bovinos com os pastos pobres.

Os microrganismos do rúmen constituem um exercício que pode ser ampliado de 10, 20 e mais vezes, quando suficientemente alimentado. Porém, para sua reprodução e para conseguir atacar a celulose, estes microrganismos necessitam de fósforo de pronta assimilação e de microelementos. Isto ocorre porque o fósforo entra em sua composição,

COEFICIENTES DE DIGESTIBILIDADE DOS ELEMENTOS NUTRITIVOS EM FUNÇÃO DO CONTEÚDO EM CELULOSE DAS FORRAGENS (seg. Leroy)

CELULOSE NA MATÉRIA SECA %	COEFICIENTE DE DIGESTIBILIDADE (%)			
	PROTEÍNA	GORDURAS	HIDRATOS DE CARBONOS	CELULOSE
10	76,5	70	82,5	71,5
20	68	61	70,4	62,5
30	60	52,5	65,5	54,4
40	51,5	44	56	46
50	43	35	48	37

o que o torna elemento indispensável à sua nutrição e reprodução; por sua vez, os microelementos, além de integrantes da composição química das células, são imprescindíveis à produção de enzimas que participam do processo digestivo desses microrganismos.

O fósforo indicado é o biologicamente ativo, porque de pronta assimilação pelas bactérias. O sal de fósforo capaz de atender a esta exigência é o ORTOFOSFATO BICÁLCICO de nível alimentar. Desaconselhamos totalmente a farinha de osso pela sua granulometria, impurezas, pelo baixo teor e forma química sob a qual o fósforo nela se encontra. Por essas razões não fornece às bactérias fósforo facilmente assimilável.

Os microelementos devem ser administrados em quantidades fisiologicamente equilibradas. Pois o excesso ou a deficiência de apenas um deles prejudica a assimilação dos demais, o que resulta em inibição do ritmo de reprodução da população microbiana, chegando a romper o equilíbrio entre os minerais, a aumentar o pH do rúmen e, assim, à destruição da flora. Exemplos frisantes dos efeitos negativos da administração desequilibrada e excessiva de microelementos encontramos em fazendas que forneciam ao gado doses elevadas de sais de ferro, cobre e manganês, com suposta finalidade vermífida e antianêmica. Ocorriam, nessas propriedades, mortalidade por deficiência de

fósforo, porque os microelementos em excesso formavam compostos insolúveis com ele, o que redundava em grave carência deste elemento, levando muitos novilhos à morte. A mineralização desses rebanhos com fósforo biologicamente ativo mudou em pouco tempo o **triste panorama**, pois o plantel tornou-se sadio, com animais exibindo bom desenvolvimento e alta produção.

O fósforo biologicamente ativo e os microelementos, administrados em doses justas e em proporções equilibradas ao bovino estimulam a reprodução da flora microbiana do rúmen e, assim, aumenta-lhe a capacidade de desintegração da celulose e de sua transformação em produtos assimiláveis. Paralelamente, cresce a assimilação das proteínas, gorduras, dos carboidratos e do fósforo fitínico contido nos capins.

Na região sul, onde todos os anos, no inverno, caem geadas e as pastagens apresentam-se secas, a suplementação alimentar com fósforo biologicamente ativo justifica-se por duas vantagens adicionais às acima enumeradas:

- a) O fósforo combina-se com a gordura do organismo, formando os fosfolípidos, que regulam a utilização e distribuição da gordura.
- b) Estimula a absorção e assimilação dos carboidratos e demais nutrientes.

A SUPLEMENTAÇÃO MINERAL RACIONAL previne uma grande série de fenômenos anormais que,

apenas em pequena parte visíveis, são em grande parte imperceptíveis, mas que, somando-se no tempo, provocam graves prejuízos para a produção e longevidade dos animais. Estas afirmações melhor se entendem e mais claro se torna seu significado econômico, se compararmos um rebanho racionalmente suplementado com outro não suplementado, ambos da mesma região e raça, vivendo no mesmo pasto e submetidos a igual manejo.

MINERALIZAR COM SUFICIENTE ANTECEDÊNCIA

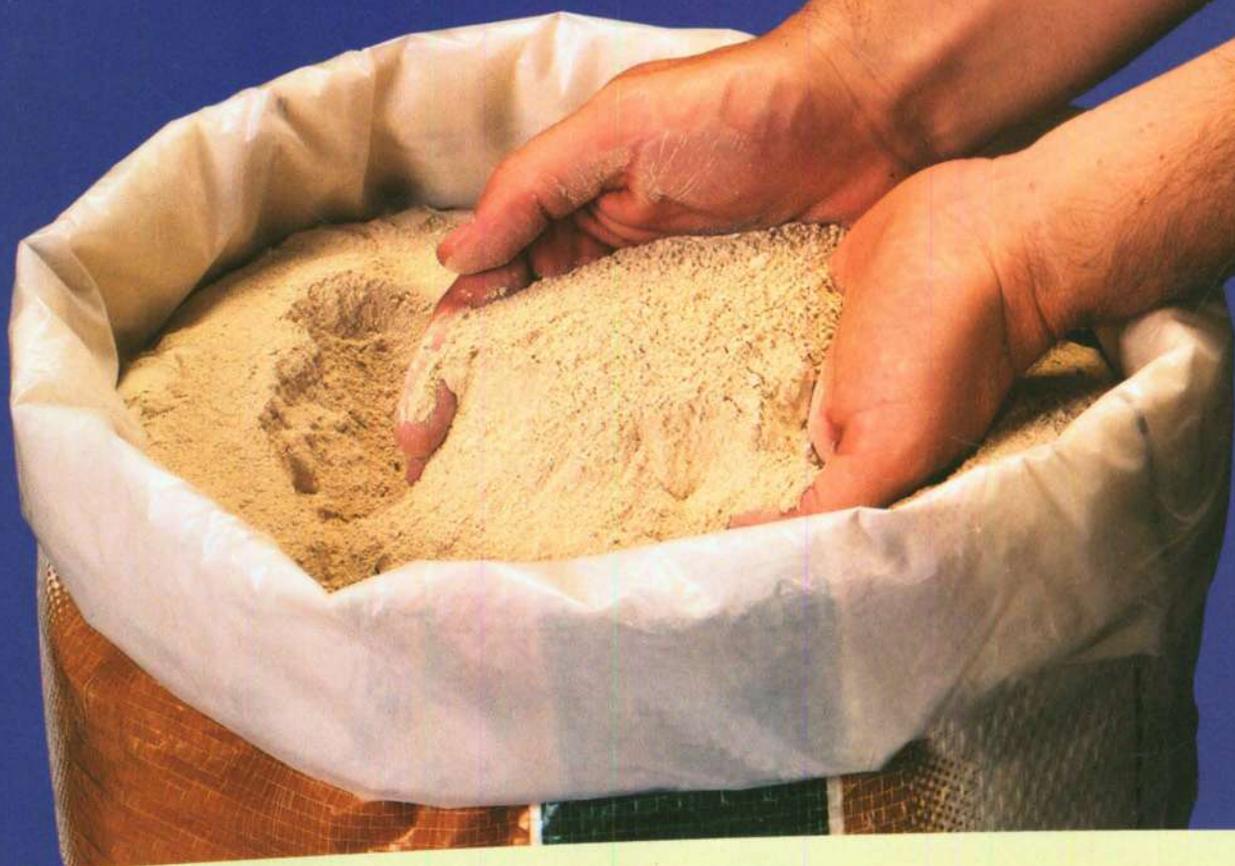
Deve-se mineralizar antes do início da seca, para que quando começar a deficiência de nutrientes — capim secando — a flora se encontre bem desenvolvida, o sangue com alto número de glóbulos vermelhos e o esqueleto com boa reserva de fósforo, enfim, o organismo bem nutrido. A mineralização racional, com dois a três meses antes do início da seca, permite maior aproveitamento do pasto na época da abundância, o que significa economia de pastagens para aquela da seca. Os bovinos mineralizados pastam pouco tempo por dia e deitam cedo para a ruminação, isto prova o menor consumo de alimento em virtude da melhor assimilação. A vitamina A é importantíssima para melhorar a assimilação, inclusive dos minerais, ela deve, então, ser administrada simultaneamente com esses elementos.

Gado mineralizado em bom estado de nutrição (Fazenda Suiá Missu — Barra do Garça, MT).





Minerais Tortuga.
Você enxerga a qualidade de longe
e a diferença de perto.



Quando o assunto é alimentação, todo cuidado é pouco. Ao comprar suplementos minerais sem qualidade e eficiência comprovadas, o que pode parecer uma boa economia, acaba colocando em risco seu investimento.

Por isso, escolha sempre os suplementos minerais Tortuga. Além da alta tecnologia empregada, os suplementos minerais Tortuga são os únicos do mercado com Carbo-Amino-Fosfo-Quelatos, minerais na forma orgânica especialmente desenvolvidos para melhorar o desempenho dos animais e aumentar o seu lucro.



0800 011 62 62
www.tortuga.com.br